



**Grupo Omega de Estudos Holísticos e Transpessoais**  
Instituto Superior de Ciências da Saúde de Minas Gerais  
INCISA

**MARIA HELENA NEVES DE ALBUQUERQUE**

**Um Caso de Paranormalidade**  
**sobre a Ótica da Psicologia Junguiana**  
Escritório de Direitos Autorais CNPJ: 40176679/0001-99  
Registro/Protocolo: 0191/BA/01/2011

Salvador  
2010

**MARIA HELENA NEVES DE ALBUQUERQUE**

**Um Caso de Paranormalidade  
sobre a Ótica da Psicologia Junguiana**

Monografia apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Terapia Transpessoal do Instituto Superior de Ciências da Saúde, como exigência parcial para obtenção do Título de Pós-Graduado em Terapia Transpessoal.

Orientador: Mario Rodriguez Risso

Salvador

2010

## AGRADECIMENTOS

À Alegoria Espiritual que apóia e ilumina a minha realidade psicofísica pelo viés da existência;

Ao Doutor Carl Gustav Jung, uma vida dedicada à *psiquê*, para ajudar o ser humano a realizar o seu processo de individuação e fortalecimento do ego, e ainda pela sua presença sutil em todos os momentos nos quais busquei inspirações para concretizar este projeto acadêmico;

Ao Diretor do Grupo Omega da Bahia, Psicólogo e terapeuta Transpessoal Mario Rodriguez Risso pela supervisão e escuta científica para a elaboração desta monografia;

À Coordenadora e terapeuta transpessoal Carla Mirelle, pelo apoio institucional e, igualmente, à orientadora pedagógica Vera Eça, pelas sugestões iniciais deste trabalho;

Ao professor e Doutor em Física com formação em Psicologia Analítica Junguiana Hélio Silva Campos, pelo auxílio no uso dos conceitos sobre a Realidade Psicofísica, na conexão Mente-Matéria aqui adotada;

## DEDICATÓRIAS

Às minhas origens familiares, meus irmãos e meus pais, Helena e Francisco Albuquerque. Verdadeiros 'ícones' da sabedoria no exercício do amor ao próximo e convivência harmônica enquanto orientadores do lar;

À minha filha Aline e meu esposo Gileno, amorosos seres humanos que, por causa das minhas pesquisas acadêmicas, algumas horas da convivência familiar foram subtraídas;

À Secretária do Omega, Patrícia, a minha 'fiel' escudeira. Quando tudo parecia 'naufragar' ela referenciava as suas 'mágicas' palavras de fortalecimento e apoio: "Deus está no comando".

A história de uma vida começa num dado lugar, num ponto qualquer de que se guardou a lembrança e já, então, tudo era extremamente complicado”.

Jung

**MARIA HELENA NEVES DE ALBUQUERQUE**

## **Um Caso de Paranormalidade sobre a Ótica da Psicologia Junguiana**

Monografia aprovada como requisito parcial para obtenção do título de Pós-Graduação em Terapia Transpessoal no Instituto Superior de Ciências e Saúde pela banca examinadora formada pelos seguintes professores:

---

HELIO SILVA CAMPOS - Bacharel em Física (UFBA). Especialização em Física Isotópica (Birmingham University, England), em Física do Estado Sólido (UFBA), e em Psicologia Analítica Junguiana (Núcleo de Estudos Junguianos, NEJ, Salvador-BA). Mestre em Geofísica Nuclear (UFBA). Doutor em Ciências Físicas (CBPF- CNPq, RJ)

MARIO RODRIGUES RISSO - Terapeuta Transpessoal, formado em Psicologia "Cum Laude" pela Faculdade de Psicologia da Universidade de Barcelona, Espanha, em 1980. Formou-se em Psicodrama Psicanalítico Grupal com Jorge Paulovsky, Hernan Kesselmann, Leonardo Sadne e Emilio Rodrigue. Estudou Bioenergética Reichiana com Al Bauman (EUA) e Gestalt com alguns dos discípulos de Perls no Uruguai. Aprendeu Bioenergética com Cláudio Belfort (Ph. D), discípulo direto de A. Lowen em Petrópolis (RJ), no Brasil. Ex-docente de psicologia das Faculdades Olga Metting.

Salvador BA

2010

## RESUMO

Uma jornada arquetípica pelo viés do mundo interior transformou o psiquiatra Carl Gustav Jung um dos mais brilhantes pensadores do século XX e um exímio pesquisador da riqueza do psiquismo humano. Por sua vez, a nossa amiga de infância Clarinha ao se confrontar com o seu inconsciente através da teoria de profundidade encontrou as respostas compatíveis com os seus questionamentos sutis sobre a paranormalidade, objeto da minha análise. Uma fenomenologia que insiste sobreviver a ‘duras penas’, ao tentar romper com o silêncio imposto pelo medo de investigar o que a ciência tem a dizer sobre estes e outros fenômenos que se fazem presentes na atual contemporaneidade.

Esta monografia é, por assim dizer, a realização de um projeto de pesquisa sobre as subjetividades do cientista ao tempo que realizei as analogias com as percepções extra-sensoriais de Clarinha. Considerando que como Jung, a nossa amiga é detentora de ‘dons’ paranormais que se manifestam ao longo da sua existência no vivenciar das noites cósmicas através dos sonhos recorrentes, projectologias, premonições, precognições, intuições exacerbadas, projectologias e eventos de efeitos psicocinéticos.

Foi observado que existem metodologias científicas para estudar a paranormalidade e que esta merece ‘um olhar’ mais comprometida do meio acadêmico, a fim de desvendar os mistérios envolvidos com este delicado tema. Portanto, este trabalho caminha nesta direção a de tornar ‘explicáveis’ os ‘inexplicáveis’ poderes da mente humana.

Palavras chaves: Autoconhecimento; Individuação; Paranormalidade; Realidade Psicofísica; Jung; Psicologia Analítica.

## ABSTRACT

An archetypal journey through the inner world transformed psychiatrist Carl Gustav Jung one of the most brilliant thinkers of the twentieth century and an eminent researcher of the richness of the human psyche. In the other hand, our childhood friend Clarinha to confront your unconscious through the theory of depth found the answers compatible with their questions about the paranormal, the object of my analysis. A phenomenology insists that survive the 'hard way', while trying to break the silence imposed by investigating fear what science says about these and other phenomena that are present in today's contemporary.

This monograph is, so to say, a research project realization about the subjectivity of the scientist at the time realized that the analogies with the extra-sensory perceptions of Clarinha. Whereas as Jung, our friend owns 'gifts' paranormal that manifested throughout its existence in the cosmic experience of the nights through recurring dreams, projectologias, premonitions, precognitions, intuitions exacerbated projectologias events and psychokinetic effects.

It was observed that there are scientific methods for studying the paranormal and it deserves a 'look' more committed of academia in order to unravel the mysteries involved with this delicate theme. Therefore, this research goes in this direction to make the 'explained' the 'unexplained' powers of the human mind.

Keywords: Self knowledge; Individuation; Paranormal; Reality Psychophysics; Jung; Analytical Psychology.



## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 CONSIDERAÇÕES SOBRE A PARANORMALIDADE	15
1.1 Ciências versus Paranormalidade	18
1.2 A Paranormalidade em Sociedades Aborígenes	25
1.3 Peculiaridades da Paranormalidade	26
1.4 Experiências de um Mundo Extra-Sensorial	28
1.5 Índigos: Geração Ponte para Outras Dimensões	35
1.6 Um Acolhimento que não Procede nas Instituições de Saúde	38
1.7 Sugerindo um Olhar Científico	42
2 INTERPRETAÇÕES PARA O REINO PSÍQUICO	43
2.1 Conexões do Psiquismo Humano com o Absoluto	43
2.2 O Ser Humano versus Espiritualidade	50
2.3 Concepções do Existir ao Longo da História	54
2.3.1 O Existir Segundo os Pensadores da Grécia Antiga	55
2.3.2 Concepções sobre a Natureza Humana	60
2.3.3 A Visão do Ser Humano em Pleno Século XX	61
2.3.4 Inferências sobre a Consciência dos Pensadores Contemporâneos	63
3 A RIQUEZA DO PSIQUISMO HUMANO	65
3.1 O Ser e o Existir	65
3.2 Adolescente Médiun e Mística	71
3.3 Idade da Razão ou Deusa Dividida?	75
3.4 Um Despertar Interior	78
3.5 A Linguagem das Deusas	79
3.6 O Cientista Humanista do Século XX	81
3.6.1 O Despertar Interior de um Jovem	82
3.6.2 As Marcas Indeléveis da Separação: Jung e Freud	88
3.6.3 Dos Acordes Iniciais à Psicologia Analítica	90
3.6.4 Legado de Jung	92
3.7 Similaridades ou Identificação	96
4 INTERPRETANDO VIVÊNCIAS PESSOAIS	102
4.1 Sonhos: Ilusões ou Linguagem Esquecida?	107
4.2 Os Sonhos na Visão de Freud e Jung	110
4.3 Os Dons Artísticos de uma Sensitiva	113
4.4 Uma Jornada Arquetípica Pelo Viés da Existência	119
4.4.1 Clarinha, Jung e o Subconsciente	121
4.4.2 Eventos Retrospectivos de uma Sensitiva	126
4.4.3 Os Conteúdos que Reverberam na Inconsciência	129
4.4.4 A Precognição nos Eventos Paranormais	133
4.4.5 Sonhos Recorrentes	134
4.4.6 Os Sonhos e os Efeitos Sincronísticos	137
5 CONCLUSÃO	138
REFERÊNCIAS	140

## INTRODUÇÃO

Um olhar interior...

“Seja luz que espalha sua cor prateada ou dourada no Universo todo. Enquanto ela brilha outros corpos vão se iluminando e a luz segue o seu curso de iluminar a vida” (Gracinda Calado)<sup>1</sup>.

Certamente, um mensageiro da luz nos ilumina e colabora conosco direcionando as nossas escolhas. Seja ele um anjo, a lua, as estrelas, o sol, a árvore que nos dá frutos, ou a chuva da madrugada. O fato importante é que jamais estamos sozinhos. Talvez por isso o nosso encontro com Clarinha, uma amiga de infância, fluiu tornando-se um momento iluminado, através do qual tudo começou.

Clarinha é uma pessoa muito especial, dotada de uma sensibilidade geralmente descrita como à flor da pele. Recordo que as brincadeiras infantis eram mescladas com as alegrias que contagiavam a todos e, as energias, eram envolvidas por um sentimento dedicado à natureza, às “cantigas de rodas”, à vida dos animais, dos pássaros, das flores e artes plásticas.

Ainda criança, nossa amiga manifestou pendores artísticos, porém nunca fez das artes plásticas a sua prioridade de vida.

Como Carl Gustav Jung, o criador da psicologia profunda, Clarinha tinha muito mais interesse nos fenômenos misteriosos e, então costumava frequentar as sessões espíritas e de umbanda, no espaço da residência do seu familiar que é médium.

Nas horas de ócio, a amiga fazia algumas obras de arte e, todas elas, eram posteriormente distribuídas aos parentes e às pessoas que faziam parte do relacionamento familiar.

Suas telas eram atraentes e coloridas, porém nenhuma delas seguia a rigidez das técnicas acadêmicas.

---

<sup>1</sup> [http:// www.gracindacalado.blogspot.com](http://www.gracindacalado.blogspot.com)

Devido ao seu temperamento extrovertido, a amiga vivia de ‘bem com a vida’ e, por causa disso, ela conseguia transmitir à sua arte, sentimentos leves e iluminados, tal quais os reflexos sutis das cores do arco-íris.

Em meados de setembro de 2007, lemos no portal eletrônico do Grupo Omega, o convite para uma aula aberta, quando seria também apresentada a grade curricular do Curso de Pós-Graduação e Especialização Profissional em Terapia Transpessoal. Na oportunidade, observamos que poderia encontrar respostas aos questionamentos tão frequentes nas incontáveis conversas com Clarinha, sobre autoconhecimento, vida pessoal física e, mesmo considerações de ordem extra-física. Naquela ocasião, tivemos uma breve noção da Teoria da Psicologia Transpessoal e dos fundamentos que nada excluem das dimensões do ser humano, em sua totalidade “bio-psico-social, cósmico e espiritual”, além de outras abordagens, como a teoria psicológica de Carl Gustav Jung.

O conteúdo programático do curso nos incentivou a estudar a teoria da Psicologia Transpessoal, vislumbrando uma abordagem sobre os eventos da ‘paranormalidade’. Seria uma maneira de analisar as vivências de Clarinha, as quais têm acompanhado sistematicamente como amiga confidente, auxiliando-a no seu propósito de realizar as suas escolhas.

Durante a realização do módulo “Atual Transição da Ciência Materialista-Newtoniano-Cartesiana, para o Novo Paradigma Quântico-Holístico-Transpessoal” o docente Hélio Silva Campos referiu que a relação mente-matéria pode ser abordada sob uma interpretação psicofísica da realidade envolvendo conceitos da psicologia Junguiana e da física quântica. Além da importância desse módulo para a formação do terapeuta Transpessoal, atenderia a nossa intenção de estudar a paranormalidade e encontrar uma aplicação científica para direcionar as percepções extra-sensoriais desta jovem. O nome Clarinha é um pseudônimo que foi sugerido por nós para preservar a sua identidade e a revelação dos dados aqui referidos foi por ela autorizada.

Em conversa com o docente sobre as experiências de Clarinha, ele mencionou o trabalho de cientistas, filósofos, psicólogos e físicos conhecidos, com o objetivo de formalizar uma descrição mais abrangente da realidade através de uma relação mente-matéria. Acrescentou ainda a possibilidade de interpretar esses fenômenos recorrendo à psicologia de Jung e, as descrições que este encontrou para suas próprias vivências, o que seria fundamental para

interpretar as experiências da amiga. A partir desse contato, decidimos registrar todos os eventos, imaginando o desafio que se anunciava. Foi uma decisão que venceu a relutância para documentar essas experiências, por temor às críticas que pudessem surgir ao revelar a público os relatos baseados nos conteúdos “guardados” no inconsciente de Clarinha. E assim se expressa o cientista humanista:

“É geralmente conhecido o ponto de vista freudiano segundo o qual os conteúdos do inconsciente se reduzem às tendências infantis *reprimidas*, devido à incompatibilidade de seu caráter” (JUNG, 2007, § 202).

Sob o ponto de vista Freudiano, esses conteúdos se reduzem apenas às repressões que se iniciam na primeira infância, sob a égide moral do ambiente, cujas consequências boas ou ruins, acompanham o ser humano por toda a sua vida.

Por esse prisma, Sigmund Freud concebeu em sua teoria psicanalítica, que no inconsciente repousam apenas os conteúdos que poderiam ser conscientes se a educação não os tivesse provocado situações repressoras. Por sua vez, Carl Gustav Jung defende em sua teoria outra concepção sobre os “conteúdos guardados” no inconsciente do ser humano. E se expressa mais uma vez:

“O inconsciente possui além deste, outro aspecto incluindo não somente os conteúdos *reprimidos*, mas todo material psíquico que subjaz ao limiar da consciência” (JUNG, 2007, § 203).

Quer dizer, ficou configurado pelo cientista que é difícil considerar nestes aspectos somente o princípio da repressão a natureza de todo esse material em questão. Por outro lado, sobre a ótica da Parapsicologia acreditamos que a paranormalidade, enquanto estudado na ciência dos fenômenos psíquicos pode ser tratada através de uma abordagem envolvendo conceitos e comportamentos definidos em normas da Organização Mundial de Saúde (OMS), com sede em Genebra. O que se torna necessário é imaginar e considerar que essa fenomenologia ainda carece de formalização e reconhecimento pleno, segundo regras acadêmicas. Somente dessa maneira poderá ocorrer o desenvolvimento e a afirmação de ações governamentais baseados nos paradigmas que definem o ser humano como um conjunto corpo + mente assimilando

métodos e técnicas alternativas que permitam um tratamento psicoterápico de pessoas envolvidas nas dificuldades físicas e extra-física.

Sabe-se que, como ser humano o empirista das ‘causas profundas’ foi uma figura querida e amigável. Uma personalidade vigorosa e marcante, capaz de atrair as atenções dos seus pares pela sabedoria da sua fala e proximidade de contato que se permitia. Os seus eventos mediúnicos manifestaram-se desde cedo. E a sua existência foi permeada por temas ‘transcendentais’ que o tornaram um ‘indagador’ sobre a existência de Deus e dos fenômenos “ditos ocultos”. Com sua sabedoria e mestria, Jung desceu à “noite escura da alma” e promoveu a aproximação entre o ‘psíquico e o espiritual’ utilizando-se das subjetividades dos seus pacientes e das suas vivências paranormais. E assim se expressa textualmente em suas memórias:

Tudo o que conheço, mas não penso num dado momento, tudo aquilo de que já tive consciência, mas esqueci tudo o que foi percebido por meus sentidos e meu espírito consciente não registrou, tudo o que involuntariamente e sem prestar atenção (isto é, inconscientemente) sinto, penso, relembro, desejo e faço todo o futuro que se prepara em mim e que só mais tarde se tornará consciente, tudo isso é conteúdo do inconsciente (JUNG, 2006, p.488).

De qualquer sorte, Jung apreendeu em suas experiências paranormais e nas subjetividades de seus pacientes que nesses conteúdos agregam representações e impressões “penosas” mais ou menos reprimidas, conteúdos para os quais ele chamou de inconsciente pessoal. Enquanto que, para aqueles conteúdos herdados ele os classificou como arquétipos que somado aos instintos constituem o verdadeiro inconsciente coletivo.

Independente de qualquer designação que se queira atribuir às pessoas que relatam suas vivências paranormais, elas se comportam e se expressam da mesma maneira que as demais, exercendo as suas funções com eficácia; precisam igualmente ser respeitadas na sua ‘individualidade’ e ‘dignidade’ como artífices e sujeitos da sua história.

O ‘tabu’ que ainda envolve relatos de conteúdos paranormais se refere às ocorrências de crises emocionais, provocando reação que levam aos incautos e ignorantes a agirem de maneira discriminatória. Médicos psiquiatras, ao utilizarem medicação supressiva que inibem os conteúdos da consciência, que se tratados psicoterapeuticamente de forma apropriada, seriam extremamente ricos para o crescimento mental, emocional e espiritual dessas pessoas.

Esse foi um cenário frequentemente observado por nós na condição de Assistente Social do Instituto Nacional de Assistência Médica e Previdência Social (Ex. INAMPS, 1984) por ocasião da elaboração do Projeto Multiprofissional na Clínica de Neuropediatria, para os epiléticos de Pernambuco, do qual foi à idealizadora.

Os relatos dos pacientes, documentados através do atendimento no consultório do Serviço Social Médico, tratam de queixas que evidenciam um componente extra-físico bastante acentuado, algo que pode ser descrito como ‘incursões aleatórias do inconsciente’. Por outro lado, essas alegadas ocorrências sutis, eram normalmente negligenciadas pela equipe médica, certamente por falta de conhecimento e direcionamento das ações nesse nível. O fato é que os pacientes não obtinham a ajuda apropriada para o seu ‘restabelecimento neurológico’, porquanto descreviam situações de conotação ‘sobrenatural’, visões noturnas, intuições exacerbadas, sonhos recorrentes, premonições, precognições e, outros eventos do gênero, como os de efeitos psicocinéticos cujas concepções ainda hoje extrapolam os ditames estabelecidos pelas teorias do conhecimento pertinentes.

Na qualidade de profissional da saúde procuramos vislumbrar uma maneira de ajudar essas pessoas, preservando as suas identidades de modo a evitar constrangimentos e discriminações, ainda bastante comuns nos diversos setores da comunidade. Assim, nos intervalos das consultas médicas, e longe da observação dos demais componentes da equipe, sugerido daqueles pacientes conscientemente ‘mais abertos’ outra análise, que procurassem um centro espírita de modo a receberem apoio e orientações compatíveis com seus corpos sutis, e no direcionamento dos seus projetos.

Ao pesquisar o fenômeno da paranormalidade, pretendemos encontrar nos conceitos básicos da psicologia de profundidade de Jung uma base científica para as ‘incursões’ de Clarinha, enquanto espírito mente e corpo. Estudando as referências em antigas filosofias, no misticismo religioso e na figura mitológica que leva um ser pensante às concepções do mundo e do Universo, tão bem relatado por Jung em seu livro “Memórias Sonhos, Reflexões. Desta forma, fazendo uso das suas palavras para ilustrar e contextualizar esta tarefa acadêmica.

O que se é mediante uma intuição interior e o que o homem parece ser *sub specie aeternitatis* só pode ser expresso através de um mito. Este último é mais individual e exprime a vida mais exatamente do que o faz a ciência, que trabalha com noções médias, genéricas demais para poder dar uma idéia justa da riqueza múltipla e subjetiva de uma vida individual (JUNG, 2006, p.31).

O primeiro capítulo discorrerá considerações sobre a Paranormalidade, objeto da nossa análise;

O segundo sobre ‘Interpretações para o Reino Psíquico, os pilares que norteiam estes direcionamentos, numa escala retrospectiva das ‘ondas vibracionais’ dos eventos de Clarinha, a partir dos três anos de idade;

No terceiro enfatizamos ‘A Riqueza do Psiquismo Humano’ associado à importância de um ‘olhar interior’ como ser humano, pelos caminhos da transformação sob a visão de realidade/mundo;

No quarto e último capítulo “Interpretando Vivências Pessoais” transcreveremos as PES (Percepções Extras Sensoriais) do Diário de Clarinha, sobre a ótica da psicologia Junguiana na tentativa de encontrar uma base científica que justifique a existência desses fenômenos, através dos transe ‘bidimensionais e arquetípicos’, nos sonhos recorrentes, nas viagens astrais, precognições, premonições, intuições exacerbadas e situações de efeitos psicocinéticos

## **1 CONSIDERAÇÕES SOBRE A PARANORMALIDADE**

Esta monografia conta uma extraordinária história: O vivenciar da realidade psicofísica de Clarinha, uma garota magricela cheia de complexos, por se apresentar diante dos seus pares, com um corpo frágil, mas rico de sentimentos e experiências sutis. Para entendermos e legitimar cientificamente as experiências que cercam esta jovem, e muitos outros seres humanos, conhecidos ou não, torna-se pertinente discorrer sobre os principais temas desta fenomenologia, objeto da nossa análise.

O historiador Arnold Toynbee (1935 *apud* Teresa Guerra, 2004, p. 28-59) fala da existência de uma minoria de pessoas que a cada dia está

Se voltando para o mundo da psique e do espírito [...] não são seres estranhos que aparecem agora [...] privilegiam as relações autênticas, a negociação, o diálogo e a partilha. Elas não aceitam ser enganadas, porque a sua ‘intuição’ capta facilmente as verdadeiras intenções das pessoas que com elas convivem.

Este grupo é considerado o fundador de uma nova civilização mais criativa, perceptiva e atenta aos fenômenos do sobrenatural. Entretanto, os seus integrantes são conhecidos como paranormais ou de uma geração ponte para outras dimensões do planeta Terra.

São os seres do novo milênio e da Nova Era<sup>2</sup> (nova energia), pessoas especiais, dotadas de grande sabedoria, e chamadas de “crianças índigos” por alguns estudiosos do tema. Elas representam uma geração com um grau de evolução espiritual bastante acentuada capaz de perceber o mundo e o Universo, exatamente como se apresentam cheios de mistérios.

Observam e detecta prévios acontecimentos, e situações “anos luz”, aparentemente impossível de ser percebido por pessoas comuns. Já nascem com os dons de prever, o que poderá ocorrer e vir a ser o planeta Terra, nos próximos dez anos. Isto porque, apesar de sensitivos, parece possuir dentro de si, uma espécie de ‘intuição’. Na íntegra, as concepções da estudiosa sobre a existência destas crianças.

Para entrarmos na Nova Era de Luz, temos de nos libertar do paradigma do tempo mecânico do calendário gregoriano, no qual tempo é dinheiro, voltando ao tempo natural em que tudo é arte [...] As novas gerações começam, assim, a rejeitar as anteriores, criando novas formas de olhar este planeta e de se ver nele. O tempo já não pode ser considerado em um plano linear - com passado, presente e futuro -, mas como um círculo, e a realidade passaram a ser a nossa própria crença. Elas trazem dentro delas um mandamento fortíssimo: não te deixes dividir em partes [...] Cura o planeta [...] Não adormeças (GUERRA, 2004, p.29-59).

De acordo com Guerra, os paranormais nasceram para habitar este planeta, mas com uma missão de transformá-lo em direção a evolução do “sagrado”. Agir, na construção de uma sociedade mais justa e próspera. Preocupam-se com os problemas sociais e manifesta uma dedicação toda especial para com a natureza e os animais. Surgiram em maior número, em 1980, e interagem conosco direcionando mudanças. Dotadas de grande visualização mental, costumam lidar facilmente com computadores, (o que tem sido difícil para alguns adultos acima de 60 anos) e por isso, são chamadas ao longo da sua existência de crianças tecnológicas.

Por definição uma criança índigo demonstra uma série de atributos novos e pouco habituais, com padrões de comportamentos diferentes do que estamos habituados a ver em outras

---

<sup>2</sup> A Nova Era significa não estar ligado ao sectarismo das religiões, que levam à separação e à divisão das pessoas. É um caminhar para o universalismo, para a unicidade, quando seremos Um, com o Todo (GUERRA 2004).



crianças. “No entanto, é a primeira vez que o planeta assiste à chegada de consciências que trazem características diferentes do habitual e que agitam as culturas estabelecidas” (GUERRA, 2004, p.27).

A pesquisadora enfatiza ajudá-las porque elas tentam na medida do possível, contatos individuais e grupais, a fim de promoverem transformações pertinentes à espiritualidade e subjetividades. Dotadas de características psicológicas diferenciadas, como as de um artífice dinâmico e transformador, interagem com os seus pares, de modo consciente. E, sobrevivem na expectativa de encontrar respostas às inúmeras indagações sobre as sutilezas do seu existir ao perceber o mundo ao seu redor, tal qual ele se apresenta, nos diversos estados de crescimento humano e evolução espiritual.

Em sua ampla vivência desenvolvendo psicologia, Carl Gustav Jung considera que, através deste modelo comportamental de constantes interatividades com as outras dimensões, os paranormais têm como marca, a sabedoria de se tornarem, ao longo da sua história, os velhos mensageiros da paz, da alegria e da sabedoria universal. Detentores de poderes sobrenaturais interagem simultaneamente em duas dimensões, sem se desconectar da sua realidade psicofísica, enquanto enfrentam o desafio da expansão das suas consciências.

De acordo com ela, os paranormais apresentam grande sensibilidade para a música, artes e paisagens bucólicas grandiosas. Amam o sublime e o belo. Gostam das pinturas criativas e quando o fazem, apresentam desenhos exóticos ou com as conotações de um mundo surreal. Entretanto, ainda adverte que necessário se faz criar ambientes adequados, oferecer, a estas pessoas, momentos saudáveis e prazerosos: na escola, no trabalho e na família. Colaborar com eles para que realizem suas atividades diárias longe dos bloqueios, das discriminações ou das agressividades extremas do seu existir, considerando sobremaneira que os mesmos são dotados de um “perfil incomum”.

Isto porque, os paranormais possuem uma estrutura cerebral capaz de utilizar simultaneamente e com mais eficiência as potencialidades dos dois hemisférios cerebrais, o esquerdo e direito. E ainda conseguem ir muito mais além do plano racional e intelectual, desenvolvendo capacidades especiais, intuitivas e espirituais. Elas estão inclinadas para experiências subjetivas, transcendentais e têm um forte ‘poder de integração’.

## 1.1 Ciência Versus Paranormalidade

Afinal, o que é a paranormalidade? Onde encontrar fundamentos científicos para a existência destes eventos que envolvem a matéria, a mente e a alma? Quais são os episódios paranormais e como conceituá-los? Quais os riscos para saúde destas pessoas que vivem sem tratamento adequado? Porque elas precisam de tratamento?

A partir de Joseph Banks Rhine (1927), pioneiro nas experiências paranormais e recentemente Dean Radin (2008), do *Institute of Noetic Sciences* (Instituto de Ciências Noetic). Este abriu uma nova fase de pesquisas dos fenômenos considerados anômalos e apresenta uma análise científica das experiências psíquicas à luz de conceitos que envolvem o ‘entrelaçamento’ e a ‘interligação’, base da teoria quântica e da própria natureza do ser humano. Conseguiu introduzir a Parapsicologia dentro de um movimento científico, e pensa nesta mudança, como primordial.

De conformidade com as nossas pesquisas sobre os ‘fenômenos anômalos’, ficou compreendido que, o vivenciar das experiências paranormais é comumente chamado de Percepções Extra Sensorias (PES). São eventos ricos de emoções misteriosas, experienciadas em que alguém sabe de algo sem que este ‘vivenciar sutil’, tenha passado por qualquer viés normal de aquisição dos sentidos.

A psiquiatra Elizabeth Mayer<sup>3</sup> (2009), exímia pesquisadora dos fenômenos anômalos, pontuou que há três possíveis posições dos cientistas que podem ser adotadas em relação à existência das PES. A primeira trata-se do posicionamento dos cientistas ortodoxos; eles dizem que as PES não existem. O segundo refere-se a verdadeiros ‘crentes’, acreditam que as PES são reais, e que ainda pode ser contextualizada e cientificamente comprovada. Para o terceiro posicionamento, as PES são reais, mas pertencem a um universo mental demasiado fluído e evanescente para caber dentro dos rígidos protocolos da experiência científica da mente controlada.

---

<sup>3</sup> A psiquiatra Mayer faleceu em primeiro de Janeiro de 2005. Foi formada pela *Radcliffe College*. Doutorou-se pela Universidade de *Stanford* e graduou-se no *San Francisco Psychoanalytic Institute*. Foi aclamada internacionalmente como médica e pesquisadora dos fenômenos intuitivos. Para maior aprofundamento sobre as questões anômalas, sugerimos pesquisar o livro de Mayer intitulado: *Paranormalidade um conhecimento Extraordinário*, Editora Cultrix, São Paulo, 1999.

Trata-se de transições que se estabelecem entre o plano do processamento mental inconsciente - como entendido pela psicologia contemporânea, pela neurociência e pela ciência cognitiva - e o plano das dinâmicas físicas intangíveis, que campos como o da física quântica estão começando a explorar (MAYER, 2009, p.22).

Quando os cientistas se colocam numa posição de ‘ser pensante’, preferem não acreditar em nada que não se baseie em provas concretas e/ou em conceitos cientificamente não comprovados. Contudo, esta cientista prefere romper um silêncio imposto pelo medo, de observar e de investigar uma fenomenologia considerada inexplicável, pois os fragmentos apresentados diante dela são considerados apenas relatos de casos, e por isso não têm comprovação segundo os ditames estabelecidos pela ciência.

Para Mayer, alguns cientistas ainda se mostram céticos em relação a estes relatos sobre as PES. De qualquer modo, entendemos que os sonhos, visões, premonições e outros eventos do gênero continuam eclodindo diante do mundo, e do universo. Entretanto observa-se que estes fenômenos sutis envolvem a mente humana, ultrapassam os preceitos da ciência e sobrevivem.

O conhecimento extraordinário como passei a acreditar, pode não ser extraordinário, afinal de contas, mas parte de um conhecimento comum que simplesmente não sabemos explicar. Se isso for verdade, podemos começar a difundir em nosso mundo uma visão diferente, radicalmente mais esperançosa em relação ao nosso futuro (MAYER, 2009, p.23).

A estudiosa descobriu que as PES existem, durante quatorze anos de pesquisas junto à sua clientela em *Berkeley*, Universidade da Califórnia. Compreendeu também que o mundo das anomalias mente/matéria, como ela própria pontuou, é objeto de várias pesquisas, porém todas elas se apresentam com resultados de baixa qualidade. Motivo pelo qual ainda não foram avaliados e contextualizados, à luz da ciência. Contudo, na medida em que ela se aprofundou nas investigações do psiquismo humano dos seus pacientes, resolveu torná-las públicas. Veremos no próximo tópico, algumas destas publicações.

Mayer procurou estabelecer um novo nível de diálogo entre a ciência e o espírito quando resolveu estudar o pressentimento exacerbado de seus clientes nas premonições e/ou outras percepções do gênero. Concluiu que estes eventos são fenômenos vivenciados nos relacionamentos diários, através de relatos de pessoas consideradas ‘estranhas’, mas que durante o seu existir, exercem suas tarefas com inteligência e vontade. De fato, somente a partir daí, a estudiosa rompeu com os velhos paradigmas e conseguiu superar aquele silêncio

imposto pela ciência, quando negligencia a existência desta fenomenologia, e com todas as dificuldades geradas por ela. Neste contexto outra visão científica sobre a fenomenologia paranormal digna de ser apreciada.

A mudança dos velhos paradigmas para os novos, em que o mundo e o Universo cresçam juntos em profunda sintonia com o Cosmo, torna-se fundamental para a evolução do ser humano. Atentar para os novos paradigmas significa dizer: “essas pressuposições estão de tal modo integradas em nós que temos dificuldades para nos afastarmos dela o suficiente para podermos comentá-la. Não pensamos nessas pressuposições - pensamos com base nela” (BARBARA ANN BRENNAN, 2006, p.12). Então, sem se deixar desqualificar na sua essência individual e profissional, e nem trilhar pelas veredas impostas por uma sociedade que critica, discrimina, aliena e negligência todo e qualquer tipo de ações voltadas para a fenomenologia paranormal, Mayer não desistiu de querer entender as sutilezas do mundo e do Universo. Daí compreendemos que ao vislumbrar durante a sua trajetória de vida essas anomalias a estudiosa contribuiu de certa forma para elevar o patamar desta fenomenologia nos mundo das ciências.

De qualquer sorte, comprovar a existência das PES, ainda carece de fundamentações e formalismos consubstanciados cientificamente. Ao longo da história dos relatos das PES, verificaram-se inúmeras tentativas de prová-las segundo normas da ciência. Na íntegra alguns exemplos.

Em 1903, foi publicado um livro *The Human Personality and its Survival of Body Death* (A personalidade humana e sua sobrevivência do Corpo de Morte) escrito por F.Myers que chamou a atenção de vários estudiosos do tema paranormal; trata-se de um compêndio que explora a região subliminal (o inconsciente) da personalidade, em termos psicológicos como podemos observar.

A personalidade humana é composta de dois fluxos coerentes de pensamento e de sentimentos. Aqueles situados acima do limiar da consciência eram considerados supraliminares e os que permaneciam submersos na consciência eram subliminares. As evidências indicativas sobre esse reino subliminal derivam de fenômenos denominados de ‘escritos automáticos’, ‘múltiplas personalidades’, ‘sonhos’ e ‘hipnose’.

Em 1934 o cientista Rhine, publicou a monografia *Extra-Sensory Perception* (Percepção Extra-Sensorial), onde analisa várias experiências sutis. Aquelas em que a mente é conduzida e/ou orientada para gerar resultados sobre um objeto material, sem exercer qualquer tipo de influência direta sobre ele. Seu objetivo foi o de contextualizar as percepções paranormais à luz da ciência.

A partir dessas pesquisas, realizadas ao longo de sete anos na *Duke University*, nos Estados Unidos, adotando um tratamento estatístico para estudar a paranormalidade, Rhine concluiu que estes eventos não podem ser explicados sob a égide da causalidade. De qualquer sorte, este tipo de tratamento acabou sendo corroborada pela comunidade da Matemática Estatística, no ano de 1937, e em 1969 a prestigiada Associação Americana para o Progresso da Ciência e a Associação Parapsicológica, reconheceu que a paranormalidade abrange situações sobre um objeto material, sem exercer qualquer influência direta sobre ele.

Então, quando nos reportamos aos tratamentos estatísticos, realizados por acadêmicos há cerca de 80 anos, para perscrutar o véu da fenomenologia paranormal, (envolvimento mente e matéria), os registros pesquisados mostram que estas ações pretendidas por eles, e na presente contemporaneidade, ainda não foram contextualizadas cientificamente a termo.

Por sua vez, Jung (2007) empenhou-se na busca de decodificar, à luz da ciência, os eventos subjetivos. Dotado de grande interesse pelos temas da paranormalidade, ele procurou estudá-la e pesquisá-la de modo particular, vivenciando os episódios em si mesmo e/ou assistindo-os em seus pacientes, em Zurique.

Sabendo que, os eventos paranormais são fenômenos únicos ou raros, que ocorrem independentes da vontade do ser humano, intuiu que as PES projetadas, não poderiam ser limitadas pelas fronteiras do espaço e do tempo conforme as evidências empíricas.

Este é um dos motivos pelo qual a metodologia científica experimental, ainda não considera os eventos paranormais, tal como as ocorrências de fenômenos quânticos e eventos sincronísticos, que são considerados acausais. O termo acausal é aplicado à ocorrência de causa não conhecida. “Causalidade e acausalidade se referem apenas a fenômenos que se expressam no espaço e no tempo” (CAMPOS, 2008, p.2-3).

Deste modo, os eventos paranormais não podem ser considerados pela ótica da causalidade, pois a causalidade pressupõe a existência de espaço e tempo. As teorias científicas validam, apenas, a repetição de acontecimentos com certa regularidade e, desta forma fogem desta ‘validade’ os acontecimentos paranormais. De acordo com estas concepções se expressa Ricardo Chequer Chemas, (2008, p.20), médico clínico, psiquiatra e cientista brasileiro: “Em Ciência, uma hipótese só é válida se for testável, isto é, se for possível, se for posto a prova através de um experimento-chave que a confirme ou que a invalide”.

Dentro da concepção acima referida, observem os relatos de um estudioso destes fenômenos sutis:

Definitivamente as ocorrências desses fenômenos paranormais não seguem qualquer ordem de previsibilidade e produtividade necessárias a uma abordagem científica e, sim se caracterizam por exibirem uma natureza acausal. Este fato por si só, expressa a dificuldade para uma abordagem através de uma teoria ou modelo científico. De todo modo, é preciso considerar o aspecto dessa fenomenologia (CAMPOS, 2008, p.1).

Logo, a paranormalidade não pode ser previsível e nem reprodutiva para que se possa submeter um paranormal à prova e/ou a “experimentos-chave”, pois quando os eventos ocorrem, não apresentam sinalizadores, eles simplesmente ocorrem, em qualquer dia e em qualquer lugar do mundo.

Em 1905 o francês e fisiologista Charles Richet agregou processos investigativos da paranormalidade à Metempsicose, uma doutrina segunda a qual, uma mesma alma pode reanimar de modo incessante corpos diversos, homens, animais e /ou vegetais. A história desta teoria foi dividida em quatro períodos de tempo.

No primeiro momento, o fisiologista classificou os relatos extras sensoriais como míticos (misteriosos). No segundo, considerou a hipótese de Franz Anton Mesmmer, de que todos os planetas são dotados de carga magnética e costumam afetar consideravelmente o psiquismo dos seres humanos. Mesmmer foi um cientista que passou a tratar as alterações psíquicas e as de natureza física dos seus pacientes, levando em consideração esse magnetismo, a exemplo do sonambulismo, que foi tratado pelo fisiologista levando em conta aspectos acima referido.

Já no terceiro período, Richet colocou em pauta os registros da espiritualidade. Neste caso, baseou-se nos eventos vivenciados pelas irmãs (Fox, Margaretta, Leah e Kate), cujas

experiências sutis ocorreram numa casa de campo. Segundo os escritos do cientista, duas delas, passaram a se comunicar com uma entidade invisível que se manifestava através de “toques sonoros” em qualquer objeto sólido. As investigações destes episódios (considerados incomuns) não evidenciaram, a princípio, que foram eventos fraudulentos.

O quarto período se estende até os nossos dias, o período da contemporaneidade, cujas buscas pretendem legitimar os eventos paranormais, de acordo com as teorias do conhecimento.

Curiosamente, naquela época a fenomenologia paranormal sempre despertou a atenção de físicos reconhecidamente importantes. Entre eles Lord Raleygh, J.J.Thomson e Oliver Lodge, que integraram a *Society for Psychical Research*<sup>4</sup> (Sociedade de Pesquisas Psíquicas).

Atualmente vários cientistas, a exemplo de Dean Radin e Brian Josephson, da Universidade de Cambridge, Inglaterra e do Prêmio Nobel de Física, em 1973. Eles dedicam-se a formular uma abordagem conectando a mente e a matéria, sem, todavia, chegar a um denominador comum.

Um dos grupos mais avançados, na perspectiva paranormal, encontra-se na Universidade de Princeton, Estados Unidos. Lá, foi criado, em 1979, o *Program Engineering Anomalies Research*<sup>5</sup> (Programa de Engenharia de Pesquisa de Anomalias, PEAR) sob a responsabilidade do físico Robert Jahn, então diretor da Escola de Engenharia e Ciências Aplicadas. Este programa tornou-se um dos mais importantes centros investigativos, realizando testes rigorosos sobre a interação da consciência humana com dispositivos, sistemas e processos físicos sensíveis que são comuns à prática contemporânea de Engenharia. O laboratório de estudos parapsicológicos reúne engenheiros, físicos, psicólogos e humanistas na condução de uma agenda significativa de experimentos e desenvolvimento, complementar de modelos teóricos capazes de tornar mais compreensível o papel da consciência na descrição do que é a realidade física.

A parte mais substancial dos experimentos, realizados neste laboratório, refere-se à interação ser humano-máquina e aos fenômenos de percepção remota. No primeiro caso, o operador humano tenta adivinhar os resultados de uma variedade de dispositivos (mecânicos,

---

<sup>4</sup> Uma sociedade criada em 1882, para investigar as faculdades reais ou supostas. Para saber mais sobre esta sociedade acesse: <http://www.spr.ac.uk/main>

<sup>5</sup> Para saber mais sobre o Programa acesse: [http://www.princeton.edu/~pear/human\\_machine.html](http://www.princeton.edu/~pear/human_machine.html)

eletrônicos, óticos, acústicos e fluidos) com o propósito de conformá-los à intenção previamente estabelecida, sem recorrer a qualquer influência física conhecida. Na outra situação, procura-se avaliar a habilidade humana em adquirir informações acerca de objetos geográfico espacial e temporalmente distantes, os quais são inacessíveis às condições sensoriais normais (CAMPOS, 2008).

A partir da segunda metade do século XX, a investigação científica paranormal passou a contar com apoio financeiro expressivo, de governos da Rússia e dos Estados Unidos, com propósito militar de suas aplicações. Mas, compreende-se que pesquisas importantes nas Universidades destes países e na Alemanha, Áustria, Holanda, Grã-Bretanha e na Argentina, no Instituto de Psicologia Paranormal, ainda não produziram resultados satisfatórios.

A bibliografia brasileira contém depoimentos de pessoas altamente gabaritadas, como médicos psiquiatras, físicos e cientistas renomados, que já se preocuparam e continuam se preocupando com a existência destas sutilezas, apesar deles não se enquadrarem com os formalismos da ciência. Entretanto, existem nas academias algumas teses que abordam o tema da paranormalidade, na USP, PUC-SP e na UNICAMP.

Vale ressaltar os debates, pesquisas e ciclos de estudos que já estão sendo realizados em alguns espaços do mundo e notadamente em instituições acadêmicas, a exemplo da Universidade Federal da Bahia (UFBA), onde o professor e Doutor em Ciências Física Hélio Silva Campos coordena um grupo de estudos sobre a Realidade Psicofísica, cuja agenda é despertar nos participantes o interesse pelas questões fenomenológicas, quânticas e psíquicas para revolucionar aspectos da mente e da matéria. Estes encontros já refletem o progresso das pesquisas de opiniões sobre a fenomenologia paranormal.

Deste modo, compreende-se que, para se contextualizar esta fenomenologia, é necessário ter uma mente aberta. Coragem e persistência para adentrar nos reinos do psiquismo humano, levando-se em consideração as conexões mente-matéria. No grupo da UFBA, por exemplo, já é possível se observar estes interesses por ocasião das reuniões de estudos levadas a efeito naquele espaço.

Definitivamente, a ciência ainda apresenta resistências profundas para uma contextualização e reconhecimento da fenomenologia, tida especulativa. Ela persiste, insiste e não desiste de



manter as suas reservas em relação à fenomenologia paranormal. Continua no mesmo patamar de antigamente, cujas ações permanecem em ritmo de espera e com as mesmas características do passado, ou seja, grupos com abordagens anômalas e conotações especulativas.

O ser humano e a ciência precisam entender que estes eventos, mesmo que sejam de natureza abstrata, incontrolláveis e irreprodutíveis, a níveis de uma avaliação científica, não possam alterar um modelo científico ou uma teoria supostamente normatizada e bem estabelecida, na comunidade acadêmica.

E isto é algo natural se lembramos de uma citação de Max Born, um dos pioneiros da teoria quântica, “a metafísica de uma era é a ciência da próxima” (BORN *apud* CAMPOS, 2008, p.7).

## 1.2 A Paranormalidade em Sociedades Aborígenes

Nos primórdios da antiguidade o ser humano procurava entrosar realidades sensoriais às vivências interiores. Haja vista que nas civilizações mais antigas estas ocorrências inspiraram conotações de elementos teleológicos, isto é, um sinalizador do por vir. São inferências empíricas de uma onipresente totalidade, mas que trazem significados empíricos. E esse desejo se faz sentir no início das culturas pré-históricas até os nossos dias.

Então, na história das sociedades, dos povos antigos, os relatos encontrados sobre as percepções extras sensoriais, pontuam a existência destes fenômenos que transcendem os modelos estabelecidos pelas teorias do conhecimento. Aqueles povos possuem uma maneira peculiar de se relacionar com o mundo ao redor, concebendo a existência de seres anímicos que interagem com os seres humanos.

Este animismo decorre de uma crença numa força espiritual permeando todas as expressões físicas da natureza. A comunicação com essa transcendência é atribuída às pessoas sensíveis (paranormais), as quais recebem e interpretam informações sobre o cotidiano de cada povo. Essas pessoas são denominadas de *xamãs* ou sacerdotes. Somente os *xamãs* têm a capacidade de comunicar-se com este mundo sutil através de sonhos, visões e transe, na qual possibilita explorar novos planos de existência.

Entre as maneiras para superar o estado normal da consciência e adentrar no reino misterioso do inconsciente, os *xamãs* utilizam-se longas sessões de tambores, danças, meditação e ioga. Neste estado alterado da consciência, o *xamã* revela-se extremamente sensível parecendo libertar-se da realidade cotidiana. Há um consenso que os *xamãs*, neste estado de êxtase, vivenciam a unidade cósmica podendo também diagnosticar doenças, fazer previsões, ver objetos distantes e falar com espíritos de mortos.

Na antiga Mesopotâmia, por exemplo, onde se supõe que foi gerada a primeira civilização, existiam pessoas dedicadas à arte de previsão. Os sacerdotes profetizavam os eventos pelo murmúrio de uma nascente de água, pela formas das plantas, usando vísceras de animais, fogo, fumaça, o brilho de pedras preciosas, etc. Para esse povo, nada era acidental, tudo tinha um sentido, um significado. Isto porque, eles viam uma unidade na natureza e uma harmonia no universo conectando todos os objetos e eventos oriundos do sobrenatural (CAMPOS, 2008).

Parece natural considerar que as visões inatas, características de sociedades primitivas, são uma herança da humanidade, que tem sido preservada nas mais variadas formas em todas as culturas. Assim sendo, os fenômenos misteriosos que as pessoas vivenciam atualmente, à moda dos povos antigos, ainda estão sendo relacionadas à existência de entidades, fadas, visões e outros fenômenos do gênero, dando origens às concepções que ainda acreditam tratar-se de eventos oriundos do sobrenatural.

Contudo, no mundo contemporâneo, estes mesmos eventos já estão sendo estudados cientificamente no campo da Parapsicologia. Os resultados destas pesquisas demandam algum tempo para se estabelecer um novo entendimento sobre esta realidade, por se tratar de uma fenomenologia que envolve a mente e a matéria.

### **1.3 Peculiaridades da Paranormalidade**

Para termos um entendimento mais profundo e maiores esclarecimentos sobre a paranormalidade é pertinente discorrer quais são os eventos extra-sensoriais que os paranormais processam no seu dia-a-dia, assim como, a definição de cada um deles.

Como já relacionamos, a percepção extra-sensorial consiste na aquisição de informações por outros meios que os conhecidos canais sensoriais. As experiências que ocorrem com os

paranormais podem ser; viagens astrais, sonhos recorrentes, premonições, telepatia, clarividência, clariaudiência, precognição, telecinese ou psicocinese.

- *Viagens Astrais* (Projectologia ou Desdobramento Mediúnico): Neste caso, há dois fenômenos interligados entre si. No primeiro momento, dar-se-á uma visão intuitiva do que virá a ser o evento. No segundo, há um desdobramento puramente consciente, ou seja, a consciência e o espírito deslocam-se para fora do corpo físico. O paranormal, sob o efeito de um desdobramento mediúnico, é capaz de reproduzir todos os detalhes do ambiente que foi visitado por ele na manhã do dia seguinte;

- *Sonhos Recorrentes*: Nestes casos os eventos se manifestam várias vezes no existir de um paranormal, podendo ocorrer em estado de vigília e/ou durante o sono, cujo enredo das mensagens costuma ter os mesmos significados.

- *Premonições*: Estes episódios significam os sentimentos de que algo vai acontecer com alguém do nosso relacionamento, como, por exemplo, um parente ou amigo. O pressentimento dar-se-á no momento exato em que acontece o evento.

- *Telepatia*: Este evento paranormal costuma envolver a comunicação entre duas mentes por meios não usuais, dando origem às ‘transferências de pensamento’.

- *Clarividência*: É a aquisição de informes sutis de locais inacessíveis aos canais sensoriais normais, antes mesmo que eles aconteçam no espaço/tempo.

- *Clariaudiência*: Uma manifestação de outras dimensões clara e evidente na qual o paranormal costuma ouvir claramente o teor das mensagens sutis, de modo espontâneo.

- *Precognição*: Conjunto de pressentimentos misturados de visões simbólicas, capaz de influenciar e/ou anteciparem um acontecimento.

- *Telecinese ou psicocinese*: São manifestações com uma carga intensa de energia e que é capaz de possibilitar a mente humana influenciar objetos, através de movimentos físicos inexplicáveis.

Compreende-se que a intenção dos estudiosos do tema é criar um marco sinalizador da transformação dos paradigmas em torno das PES. Para isso, os cientistas se agregam em três abordagens, cujos objetivos são investigar estes eventos acima descritos como paranormais. A primeira abordagem estudada é a ‘premonição’, quando esta atravessa o tempo para o futuro; a ‘telepatia’ e a ‘clarividência’. A segunda abordagem refere-se à ‘telecinese’, que estuda a influência direta da mente sobre objetos materiais. Já a terceira, é responsável por estudar a sobrevivência da consciência sem o corpo, que se trata de relatos sobre ‘reencarnação’ e experiências de ‘quase - morte’.

#### 1.4 Experiências de um Mundo Extra-Sensorial

Pretendemos na íntegra deste texto expor as experiências sutis de algumas personalidades do mundo da ciência, tanto do passado, quanto da contemporaneidade. E, igualmente de pessoas conhecidas como paranormais, como é o caso de Clarinha. De certa forma, as descrições das mesmas têm por objetivo mostrar, aos leitores e a comunidade científica, que estes episódios estão espalhados ao redor do mundo e envolvem milhares de pessoas mais do que pensamos.

Neste contexto iniciaremos pelas descrições dos relatos de Mayer. Uma experiência na família, que diz respeito à recuperação da harpa de sua filha, que desapareceu em *Oakland*, na Califórnia, por ocasião de um evento musical. Foi sugerida, por uma amiga, a procurar um *rabdomant*<sup>6</sup>. Ela acatou a sugestão, e de bom agrado contratou de imediato o profissional de “achados e perdidos”, com o objetivo decidido de recuperar aquele instrumento musical. Com o poder de uma varinha de madeira e com o auxílio de um mapa da cidade, o contratado conseguiu localizar a harpa perdida, lá mesmo na Califórnia. E assim se expressou: “Bem, eu localizei a harpa”, anunciou. “Está na segunda casa do lado direito da rua D, pouco depois da avenida L” (MAYER, 2009, p.16). Ela insistiu nas buscas e lá encontrou a harpa exatamente na casa anunciada pelo *rabdomant*. Minutos depois o instrumento estava na bolsa dela, íntegro e seguro.

---

<sup>6</sup> *Rabdomant* do Arkansas é uma pessoa do campo ‘com conhecimentos extraordinários’. Eles trabalham com uma varinha mágica, dotada de conhecimento visceral/intuitivo para descobrir coisas, fatos e objetos de modo sutil. Isto desafia as concepções estabelecidas pela ciência ‘saber por meio da conexão’ (MAYER, 2009).

A partir deste acontecimento alguns aspectos no seu modo de viver mudaram. Um leque se abriu a ela, e descobriu que ainda é possível encontrar objetos perdidos com o auxílio de uma varinha de madeira, via *rabdomant*. E enfatiza:

Quando uma crença é mantida, mesmo enfrentando esmagadoras evidências em contrário, nós a chamamos de superstição. Segundo esse critério, a superstição mais egrégia dos tempos modernos, talvez de todos os tempos, é a crença 'científica' da não existência dos fenômenos psíquicos (THOMAS ETTER *apud* RADIN, 2008, p.44).

Para completar este pensamento pela coisa do sobrenatural, entende-se que o Universo não está sozinho, pelo contrário, “o Universo está começando a se parecer com um grande pensamento em vez de uma grande máquina” (SIR JAMES JEANS *apud* RADIN, 2008, p.149).

Noutras ocasiões, a estudiosa acima referida, contou com o apoio de vários médicos, colegas seus, que de bom grado, relataram suas experiências sutis e igualmente dos seus pacientes, as quais serviram de sustentação para as suas pesquisas sobre a fenomenologia paranormal.

Um deles, em certa ocasião, num congresso de medicina, apresentou de modo espontâneo sua história extraordinária. A de uma pessoa que desenvolveu um câncer ósseo, que o deixara profundamente deprimido. Como se tratava de um corredor de maratonas, o alívio das suas dores só acontecia depois que corria. E revelou: “Uma sensação de luz clara suave, como se a luz penetrasse nos meus ossos, como se a luz e o ar se injetassem em cada osso. Eu a vi (a luz) penetrando os ossos até a medula” (MAYER, 2009, p.19).

Nos exames seguintes, o médico relatou o sucesso na evolução da sua enfermidade para melhor, visto que os exames de Raios-X não mostraram nenhuma anomalia. De acordo com os colegas médicos, aquela luz expulsara a enfermidade e como consequências disso as células cancerosas pereceram. E para surpresa, seus colegas médicos e psicanalistas passaram a contar os casos dos seus pacientes envolvendo essas anomalias que atingem a mente e a matéria. “Casos que faziam pouco sentido para mim e para eles”. E com o passar dos anos as histórias desses episódios foram fluindo através de ‘e-mails’, correios, conferências, seminários e outros informes do gênero.

E, para complementar esta jornada de eventos, acrescentamos mais dois relatos de outro colega seu a respeito de seus clientes: “A minha paciente entrou e, de pronto, eu soube que sua mãe falecera sem nada que indicasse o fato. Eu simplesmente soube”. E o outro: “Acordei no meio da noite como se tivesse ouvido um tiro; no dia seguinte descobri que foi exatamente no momento em que a minha paciente apanhou um revólver e tentou se matar” (MAYER, 2009, p.19).

Foram estes alguns dos relatos importantes que chegaram até Mayer e que fizeram com que o seu mundo familiar e do pensamento nacional virasse pelo avesso. Sem nada a temer, soma-se a esta pesquisa os inúmeros depoimentos de Jung, que relata fatos inéditos para a sua época sobre as PES. Esses fatos revelam que ele vivenciava experiências desta natureza.

Na íntegra um depoimento de Djalma Argollo (2004, p.114), terapeuta holístico e palestrante espírita: “Para Jung, a relação médico-paciente pode levar ao acontecimento de fenômenos paranormais, desde que intervenha uma transferência ou uma identificação, entre eles, pois muitas vezes aconteceram fenômenos do tipo citado, entre ele e seus pacientes.

Complementando o pensamento de Argollo sobre as coisas do sobrenatural, ficou compreendido que a sensibilidade exacerbada de Jung fazia perceber os problemas físicos e psíquicos da sua genitora, bem como de outras pessoas:

Reconheço em mim também algo dessa natureza arcaica (a natural *mind*). De minha mãe herdei o dom, nem sempre agradável, de ver homens e coisas tais como são. Naturalmente posso enganar-me redondamente quando não quero reconhecer algum detalhe, mas no fundo sempre sei do que se trata. O ‘conhecimento real’ está ligado a um instinto, a *participation mystique* com o outro. Poder-se-ia dizer que é o ‘olhar mais profundo’ que vê, num ato impessoal de intuição (JUNG, 1997, p.56 *apud* ARGOLLO, 2004, p. 62).

Jung teve uma experiência paranormal aos oito anos de vida quando sofreu intermináveis problemas de saúde, por estar infectado com pseudocrupe<sup>7</sup>, seguido de intensa sufocação. As crises de pseudocrupe quase sufocaram Jung, o qual fora assistido pelo pai. No auge da crise assim se expressou de acordo com a sua visão sutil: “círculo azul-brilhante do tamanho da lua cheia e onde se moviam formas douradas que eu tomava por anjos pairava sobre mim” (ARGOLLO, 2004, p.34).

---

<sup>7</sup> Pseudocrupe é um vírus que pode provocar uma inflamação da laringe e da taqueia, a ponto de comprometer seriamente as vias respiratórias.

De acordo com o terapeuta acima referido, as crianças costumam apresentar facilidades de perceber fatos transcendentais às sensações ordinárias no seu modo de perceber a vida. Estes fenômenos podem ser considerados como a capacidade natural de uma pessoa interagir com esses fatos sutis. Um tipo específico de paranormalidade, cujos detentores destes dons são definidos exatamente assim:

Os médiuns videntes são dotados da faculdade de ver os espíritos. Existem os que possuem esta faculdade no estado normal, quando estão perfeitamente acordados e dela conservam uma lembrança exata: outros não a têm senão em estado sonambúlico ou vizinho ao sonambulismo (KARDEC, 1972, p.167 *apud* ARGOLLO, 2004, p.35).

Jung relata em suas memórias outras experiências sutis quando a cristaleira da sua casa foi submetida a um efeito psicocinético, ou seja, estilhaçou os vidros, e, em outra ocasião em que, uma mesa de carvalho e uma faca de aço resistente foram partidas ao meio, sem que fossem expostas a qualquer esforço humano.

Mais uma experiência que atesta uma vivência no mundo extra-sensorial de Jung: em uma de suas viagens para realizar conferências científicas e ao término de umas delas, adentrou no hotel por volta da meia-noite, jantou e conversou um pouco com os amigos. Em seguida, resolveu ir dormir, mas não conseguia conciliar o sono. Horas depois, ele acordou por volta das duas da madrugada sob a ação de um evento premonitório:

Acordei espantado persuadido de que alguém viera ao meu quarto; tinha também a impressão de que a porta se abrira precipitadamente [...] ‘estranho’, ‘pensei’, alguém entrou no meu quarto! Procurei avivar minhas lembranças [...] acordara com uma sensação de uma dor surda como se algo tivesse ricocheteado em minha frente e em seguida tivesse batido na parte posterior do meu crânio (JUNG, 2006, p.172).

No dia seguinte a este evento, o próprio Jung interpretou a sua vivência e intuiu que o episódio que ocorreu naquele hotel foi considerado por ele um verdadeiro caso de sincronicidade. Quer dizer, foi a premonição da morte do seu paciente (JUNG, 2006).

De acordo com o caminhar sutil, consideramos de suma importância registrar algumas considerações sobre a paranormalidade de Wolfgang Pauli, um dos físicos mais criativos e pioneiros da teoria quântica.

Pauli foi aquinhado durante o seu existir por uma série de sonhos, fantasias e visões que ainda desafiam a compreensão dos ditames estabelecidos pelas teorias do conhecimento. Ele

acreditava que os sonhos, fantasias e coisas do gênero, continham um aspecto parapsicológico, uma terminologia muito familiar (como supuração isotrópica, estrutura fina, corpos ressonantes, núcleo radioativo, etc.) expressando analogias com fatos psíquicos que apenas vagamente poderia conjecturar.

Sem conseguir vislumbrar uma maneira de fazer uma associação de tais manifestações psíquicas a aspectos do mundo real, Pauli observou que a natureza não espacial e não temporal, caracterizam-se o novo mundo psíquico, pareciam conflitantes diante das ocorrências parapsicológicas no cenário do espaço temporal. Até encontrar Jung, ele não percebeu qualquer sinal ou simbologia teleológica em suas vivências sutis.

Campos (2008) encontrou documentos que datam de 1934, nos quais Jung abordou a temática das subjetividades, com um artigo de sua autoria intitulado “A Alma e a Morte”. São conteúdos científicos onde o psiquiatra pontua que a limitação da consciência no espaço e no tempo é como uma realidade “assoberbante” (abarrota); tal que, todas às vezes quando esta verdade fundamental é quebrada, dá-se como um evento da maior importância teórica, atestando que a barreira do espaço-tempo pode ser anulada. Significa dizer que a psique age como um fator de anulação, porquanto o espaço-tempo está associado à mesma, como uma qualidade relativa e condicionada. Esta interpretação serviria ao objetivo de Pauli.

Compreende-se que Pauli resolveu avaliar suas experiências subjetivas utilizando como fundamentação os conceitos da Física. No caso, categorizar os estados alterados de consciência, que ocorrem com a participação da psique coletiva (o inconsciente), simbolizando oscilações, i.é; frequências e ritmos.

E, assim, enquanto um ser humano dotado de uma personalidade incomum, Pauli se destacou como exímio construtor mental de idéias lógicas, rápidas e precisas, durante o percurso da sua existência. Nos documentos históricos pesam os relatos das manias e velhos hábitos deste cientista, de criticar o trabalho dos seus colegas a ponto de ter tido vários apelidos como ‘língua ferina’, ‘chicote de Deus’ e ‘a consciência da Física’.

Contudo, diante de todos os relatos pertinentes à sua vida, o que mais impressionou seus correligionários, foi um evento que sempre ocorria quando ele adentrava num laboratório,



incrivelmente o experimento em realização resultava fracassar. A essa misteriosa ocorrência ficou conhecido como “efeito Pauli”.

Em Dezembro de 1947, Jung faz um convite a Pauli, o de aceitar ser o paraninfo do Instituto Carl Gustav Jung, criado pelos seus discípulos. De bom grado ao convite, Pauli assim se expressa em carta dirigida ao psiquiatra. “Para mim, a maneira como que o seu propósito de pesquisa e a alquimia coincidem, é uma evidência séria de que está sendo desenvolvida uma fusão entre a psicologia e a experiência científica dos processos no mundo físico material” (CAMPOS, 2008, p.1).

Perante os fatos que se desenrolaram na festa de inauguração do Instituto, em 14 de Abril de 1948, ocorreu um fenômeno provocado pela presença do físico naquele espaço: tão logo Pauli adentrou ao ambiente caiu de modo inexplicável, um vaso que ornamentava o local do evento, derramando a água e esparramando as flores por todo piso. O espaço ficou relativamente tenso por causa do episódio.

Contudo, para aqueles que conheciam o poder energético do cientista, o incidente não causou nenhuma surpresa. Diante deste fato e do ângulo da parapsicologia, entende-se que se trata de um exemplo típico de psicogênese (energia intensa), um efeito notadamente ligado à sua presença em determinados lugares e situações. Após os relatos de experiências paranormais vivenciadas por pessoas leigas e/ou da ciência, agora registramos na íntegra deste texto, as experiências de Clarinha - o objeto da nossa análise.

Entendemos que as suas experiências apresentam similaridades com os episódios de Pauli, de Jung e com milhares de outras pessoas, as quais como eles, vivenciam esses processos sutis ao longo das suas existências sem, todavia, contar com a compaixão e um olhar científico para as questões que envolvem as conexões mente/matéria. E neste caminhar Clarinha se deixa testar como um “modelo”, como faz a ciência ao pesquisar um “dado inacabado”, a exemplo da paranormalidade, sem ‘medições e/ou definições’ para as teorias do conhecimento. O que para muitos possa ser talvez um sonho impossível, para outras pessoas, poderá vir a ser um forte desejo de querer perscrutar os mistérios de uma paranormalidade bem ou mal conduzida.

Certa ocasião, Clarinha vivenciou um evento muito estranho que a deixou fortemente sensibilizada. E assim se expressou, em seu Diário:

Numa manhã de sol, resolvi preparar omeletes de frango para complementar o almoço da família. Em parceria com a minha auxiliar doméstica, preparei o recheio, como de costume, e separei os ovos já batidos, em ponto de neve. Achei por bem separar o frango desfiado, num vasilhame plástico que se encontrava dentro de um armário da cozinha. Nesse inter abri o móvel e durante uns dez segundos fiquei a contemplar um vasilhame plástico compatível com minha necessidade. Em seguida, fechei as portas do armário e passado um tempo equivalente há cinco segundos, todos os presentes ouviram um estampido ensurdecedor, similar a um tiro de revólver, oriundo do interior do móvel. Mediante o ocorrido, procuramos localizar a origem do estampido e eis que de repente, encontrei dentro do móvel, os estilhaços de um prato de vidro importado, que foi fortemente atingido pela energia intensa que se projetou no ambiente. A curiosidade dos presentes foi tamanha a ponto de questionarem o que poderia ter acontecido naquele momento (CLARINHA, 2009, p.34).

Outro incidente ocorreu quando ela estava conversando com a auxiliar de cozinha. Este evento revela um sintoma de efeito psicocinético de grande porte.

De repente, ouvimos um estampido assustador. Um barulho similar a vidros de carros estilhaçados. Para nossa surpresa, a tampa de vidro do fogão foi fortemente atingida por uma energia muito intensa. Ocasão em que o mesmo não estava sendo usado nos afazeres domésticos. Contudo, compreendo que quando fico muito tempo frequentando a cozinha, na ausência da auxiliar, costumo perceber alguns copos rachados dentro do armário (CLARINHA, 2009, p.21).

Outra experiência ocorreu numa manhã de sol. Na sua caminhada pela orla e marcada pelo calor do sol, eis que de repente, a amiga é surpreendida por uma grande “visão arquetípica” diante da qual ficou deslumbrada. E assim se expressa:

Uma imensa cachoeira decorando aquele cenário encantador do Oceano Atlântico. Uma linda senhora vestida de luz, igualmente protegida por uma gruta de pedras, emerge sutilmente das profundezas do mar, ostentava, em si mesma, um semblante de paz, harmonia e alegria. O arquétipo (memórias ancestrais) da Grande Mãe ou da Mãe Natureza. A água que fluía do alto da montanha, à esquerda da aparição, passou-me a idéia de renovação. Uma fluidez cristalina que se misturou entre as folhagens daquela montanha. E, de modo acelerado, varria a imensidão daquele cenário encantador (CLARINHA, 2009, p.11).

J.Humberto F. Sobral (1999, p.9) pontua que essas visões devem ser consideradas no existir sutil e adverte: “Põe-te de prontidão para captar as ondas vibracionais que te chegam”.

Entende-se que Clarinha vivenciou um evento paranormal enquanto caminhava na orla, revelando que estava conectada com o Poder Absoluto. Ela entrou num processo inconsciente, que, em consonância com Jung, tenha vivenciado uma das suas memórias ancestrais no caso o arquétipo materno da sua vida. Observem a concepção do cientista.

O inconsciente nos dá uma oportunidade, pelas comunicações e ilusões metafóricas que oferece. É também capaz de comunicar-nos aquilo que, pela lógica, não

podemos saber. Pensemos nos fenômenos da sincronicidade, nos sonhos premonitórios e nos pressentimentos! (JUNG, 2006, p.350).

Clarinha solicitou, em certa ocasião, que entrevistássemos, na condição de Assistente Social, dois dos seus familiares, que se diziam paranormais e com perfis semelhantes ao seu. O objetivo principal da amiga foi tentar identificar pessoas com percepções idênticas às suas e mostrar à comunidade científica que pessoas comuns padecem desta fenomenologia, sem, todavia, serem levadas a sério.

A entrevista foi realizada e veio ao encontro dos eventos que Clarinha vivencia no seu dia-a-dia. O relato de cada um dos entrevistados foi configurado e comparado com o relato do outro. Foram registrados fatos importantes para a validação de serem eles paranormais, visto que apresentavam visões exacerbadas, viagens astrais, sonhos recorrentes, projectologia, precognições e um comportamento psicofísico idêntico ao vivenciar episódios simultaneamente em duas dimensões – uma real e outra supra-real. A partir das entrevistas, conseguimos entender que percebemos neles características similares aos da nossa amiga, bem como aos de outros seres humanos sensíveis mudando apenas os personagens.

Os relatos acima mencionados poderão ser considerados, pela maioria das pessoas, como eventos comuns, oriundos das mentes “vazias”. Enquanto que para os intelectuais e estudiosos da mente humana, trata-se somente de “fantasias”. Contudo, diante destes exemplos, conclui-se que nem Clarinha e nem os outros paranormais, possam ser considerados “um dado inacabado.” E é por estas razões que se torna pertinente divulgar as experiências empíricas destas pessoas, visto que elas representam ser um ponto de apoio, para que a comunidade científica possa talvez tomar decisões a favor desta fenomenologia anômala.

### **1.5 Índigos: Geração Ponte para Outras Dimensões**

Para aprofundar a paranormalidade e entorno da personalidade de Clarinha, torna-se necessário estudar e pesquisar as teorias que envolvem o nascimento e a educação das crianças paranormais, as chamadas de crianças índigos (associação à cor anil) da Nova Era.

De acordo com Guerra (2004, p.34), “são crianças canal porque elas, desde muito pequenas, têm uma ligação direta com entidades superiores e falam dos seus amigos invisíveis com a naturalidade de quem trata com eles”. Estas crianças têm algumas particularidades sutis, são

inteligentes, hiperativas, intuitivas, rebeldes e amantes da verdade. Estas características identificam serem pertencentes ao portal da cor anil. Tape<sup>8</sup> constatou que a cor da aura que as envolviam tinham peculiaridades azul-índigo, a percepção consciente e conhecida como o terceiro olho. Portanto confirmam.

As crianças índigos podem ajuda-nos a construir uma sociedade futura mais autêntica, confiante e verdadeira, sobretudo no relacionamento uns com os outros [...]. Elas não aceitam ser enganadas, porque a sua 'intuição' capta facilmente as verdadeiras intenções das pessoas que com elas convivem; não aceitam ameaças nem têm medo, pois são intuitivas e criativas. Com elas, não adianta falar do 'papão' ou do 'Deus castigador' de antigamente, porque elas rirão de você (GUERRA, 2004, p.31).

Os estudos e pesquisas relacionadas a essa criança, datam meados de 1990, período no qual o escritor Lee Carrol (*apud* Guerra, 2004) registrou, em seus documentários, importante considerações sobre essas crianças. Todas elas são crianças especiais portadoras de comportamentos peculiares e de uma inteligência acima do normal, isto é, superdotadas. Alguns acadêmicos e estudiosos do tema, como o estudioso Alain Aubry (*apud* Guerra, 2004), afirma que as crianças índigos são uma geração ponte para as outras dimensões.

Alain Aubry, criador da Fundação Casa Índigo<sup>9</sup>, em Portugal, arguiu que as normas e as fundamentações teóricas dessa Instituição têm contribuído para amparar crianças superdotadas nos aspectos das conexões mente-matéria e nos questionamentos dos índigos, cristais, jovens índigos e outros.

A Casa Índigo agrega profissionais de alto nível, que numa espécie de mutirão prestam assistência educacional a essas crianças. A instituição consta de pedagogos, terapeutas, médicos e psicólogos que colaboram com a evolução espiritual destas crianças. A Casa Índigo aproxima-se da teoria educacional defendida pelo filósofo John Dewey, cuja metodologia educacional tem um sentido fundamental para o ser humano e igualmente para a sua existência. A educação naquela casa tem como finalidade precípua propiciar às crianças condições compatível com o seu perfil psicológico para que resolvam seus problemas, por si

---

<sup>8</sup> Nancy An Tape é uma conceituada parapsicóloga americana, citada por Guerra (2004) que escreveu um livro "Entendendo a vida através da cor", de 1982.

<sup>9</sup> Fundação Índigo de Portugal foi criada com a finalidade de estudar e esclarecer o desenvolvimento e o crescimento de crianças superdotadas, sob a supervisão e orientação de terapeutas especializados em educação psicológica e pedagógica (GUERRA, 2004).

mesma, e não colocar em prática as tradicionais idéias de formação de acordo com os modelos preestabelecidos (DEWEY, 2006).

De acordo com Guerra, saber lidar com estas crianças é o que faz a diferença na presente contemporaneidade. No bojo dos seus relatos, a pedagoga adverte sobre a hiperatividade delas e sugere aos pais e professores que estejam preparados para atuar e rever essas questões de modo especial, tanto no plano psicossocial, quanto físico e extra-físico. Ela chama atenção ainda sobre a denominação e apoio psicológico direcionados aos índigos do planeta Terra. Por outro lado, pontua que essas crianças dotadas de uma sensibilidade incomum, devam ser orientadas dentro de um clima de amorosidade, inteligência e distinção. E, ainda referindo-se ao índigo, a estudiosa contempla uma linguagem ligada ao espiritualismo ao percebê-los de modo sutil com uma alma grande, “Alma” no sentido que Jung diria... Na íntegra, a citação dos nomes de personalidades que se enquadram dentro deste perfil incomum, observem:

[...] outros que apresentavam comportamentos diferentes e formas de pensar que punham em risco as instituições e organizações políticas ou religiosas vigentes. Temos por exemplo: Pitágoras, Sócrates, Platão, Aristóteles, Jesus Cristo, Leonardo da Vinci, Ghandhi, Schweitzer, Einstein e muitos outros [...] (GUERRA, 2004 p.28).

Deste modo, compreende-se que estas personalidades surgiram para provocar mudanças e abrir novos caminhos, rompendo com os velhos paradigmas de pensamentos e culturas que ainda vigoram na atualidade.

Segundo as concepções de Clarinha, uma sensitiva idônea, tentar transformar a visão do ser humano enquanto sensitivo em processos de autoconhecimento para os estados da consciência transcendental, significa transformar o mundo e o Universo dentro da sua inteireza. Preparar o mundo para receber os nossos irmãos da Nova Era, ou as crianças paranormais, é uma questão de tempo. As pesquisas acima referendadas nos mostram a veracidade dos fatos. Portanto, compete à ciência e o Ministério da Saúde rever estas questões.

Entretanto diante destas considerações entende-se que num futuro, talvez estes fragmentos sutis sirvam de parâmetros para a formatação de medidas científicas na busca de conteúdos paranormais de pessoas que como estas crianças, e igualmente Clarinha, possam ser cientificamente denominadas como paranormais.

## 1.6 Um Acolhimento que não Procede nas Instituições de Saúde

Neste tempo de contemporaneidade, os paranormais que enfrentam problemas da ordem do seu existir, vivenciam os desafios nos diversos setores da sociedade quando interagem com os seus através da convivência humana. Os problemas mais complicados estão no seio da família, nos núcleos das escolas ou nos locais de trabalho. As ações de crescimento e desenvolvimento integral nestas áreas tornam-se altamente complicados pelo desconforto que o fenômeno da paranormalidade acarreta aos envolvidos e àqueles que os acompanham e os cercam amorosamente, isto é, quando são conscientes da existência destes fenômenos.

Ao longo da nossa trajetória como profissional do Serviço Social Médico, do Ministério da Saúde (M.S) em Pernambuco, apoiando e assistindo pessoas paranormais, com diagnósticos de Epilepsia, tornou-se pertinente e necessário destacar através do nosso serviço, números relativamente exagerados de licenças médicas exibidos no Instituto de Seguridade Social (INSS) e/ou Instituições privadas do Brasil, que atestam uma suposta incapacidade dos “Epilépticos” ou (paranormais) para o trabalho, quando entram no processo de fragilização das suas partes.

Os relatos dos pacientes, documentados por nós, através do atendimento no consultório do Serviço Social Médico, tratou de queixas que evidenciam um componente extra-físico bastante acentuado, algo que pode ser descrito como “incursões aleatórias do inconsciente”. Esses fatos foram comprovados por nós, durante a aplicação do Projeto<sup>10</sup>, na Clínica de Neuropediatria, junto aos Epilépticos de Pernambuco. Na época foi constatado um elevado número de internações hospitalares destas pessoas, em situações de estresse e que posteriormente foram encaminhados para o serviço de Psicologia.

Vale relatar que estas alegadas ocorrências sutis eram normalmente negligenciadas pela equipe médica deste Projeto, certamente por falta de conhecimento e direcionamento das ações nesse nível. O fato é que observamos que os pacientes não obtinham ajuda apropriada para o seu pronto restabelecimento, porquanto descreviam situações de conotação sobrenatural, visões noturnas, intuições exacerbadas, sonhos recorrentes, premonições, pré-

---

<sup>10</sup> Projeto Multiprofissional na Clínica de Neuropediatria, do Ministério da Saúde, Posto Médico-PE, 1984. Seu objetivo foi trabalhar com as mães dos epiléticos, acerca da enfermidade dos seus filhos; ensiná-las a melhor forma de lidar com uma enfermidade numa sociedade que ‘isola e discrimina’ pacientes paranormais.

cognições e outros eventos do gênero, como os eventos de efeitos psicocinéticos, cujas concepções ainda hoje extrapolam os ditames estabelecidos pelas teorias do conhecimento.

Pelas experiências acima referidas, podemos constatar na condição de Assistente Social do Ministério da Saúde, que os fenômenos sutis, têm sobrevivido às duras penas, como um refém de conceitos empíricos, negligenciados e discriminados nos diversos projetos e ações científicas, do Ministério da Saúde. Sendo que na maioria das vezes, os sintomas deste viver sutil, que acomete pessoas sensíveis, recebem diagnósticos e tratamentos inadequados, sem apoio psicológico e/ou interdisciplinar nas instituições de saúde, como já nos referimos atualmente.

A atuação no Projeto forneceu subsídios importantes para entender e compreender “o porquê” desses pacientes seres diagnosticados como “dementes, psicóticos e histéricos”, ou seja, “doentes mentais” condenados a viver sob efeitos medicamentosos. Entendemos que as denominações médicas nestes casos trazem consequências funestas aos seus corpos físicos e extra-físicos. Uma nocividade até mesmo para a sua individualidade como um ser pensante, dotado de uma inteligência e vontade. A paranormalidade, portanto, não pode ser considerada como o resultado de uma mente doentia e sem crédito.

Assim sendo, os pacientes do Serviço Social sob tratamento médico na época, com um diagnóstico de Epilepsia e sem levar em consideração o “sobrenatural”, tornavam-se desconectados e dissociados do mundo circundante (por serem ao meu modo de ver) detentores desta fenomenologia.

O que nos resta indagar, agora, é saber quais são as medidas que poderão ser tomadas ao longo da trajetória de vida destas pessoas, que se encontram sem tratamento adequado, ao longo das suas existências, e bem próximas do preconceito e da discriminação.

Torna-se necessário o despertar das atenções dos profissionais de saúde, para priorizar uma assistência efetiva aos paranormais, pois para a maior parte deles, a paranormalidade ainda é uma incógnita ou um termo desconhecido. Se houver uma mudança de paradigma os resultados destas ações ainda poderão fluir de forma mais humana, amorosa e enriquecedora sobre todos os aspectos, sejam a nível psicossocial, físico e extra-físico. Um apoio terapêutico associado às práticas alternativas de tratamento médico e “psicossocial”, adequado à

fenomenologia, possa diminuir o sofrimento das pessoas, nas questões sensoriais e reconduzi-las ao fortalecimento do Ego. O médico precisa ser psicólogo e um profundo conhecedor da alma humana. Estes dois conceitos configuram-se como uma ferramenta fundamental para o tratamento efetivo do paranormal.

Com a observação destas práticas e analisadas sob um nível multiprofissional, elas vão ao encontro aos projetos de Jung (2006), quando intuiu e advertiu que os desenvolvimentos das ações progressivas de atendimentos na saúde de um ‘ser pensante’ são fundamentais nas instituições de saúde.

Foi desta forma que o cientista pontuou em pleno século XX, o sábio argumento no congresso sobre a saúde pública. Ele se antecipou ao seu tempo e somou na sua antevisão o futuro da saúde psicológica do ser humano, cuja opinião foi um tanto singular.

A psicoterapia e a psicologia moderna não passam, por enquanto, de experiências e iniciativas individuais. Até agora, tiveram pouca ou nenhuma aplicação coletiva. Sua aplicação depende exclusivamente do espírito empreendedor de cada um dos médicos em particular visto que não recebem apoio algum, nem mesmo das Universidades (JUNG, 2007, § 47).

Diante destas considerações, é normal que um sensitivo desconectado do mundo e do universo e sem apoio psicológico, deixe-se esmorecer diante da vida. Daí entende-se, que um apoio bio-psico-social e transpessoal é indispensável na vida de um paranormal. Visto que as percepções e o vivenciar sutil costumam deixar marcas indeléveis nestas pessoas quando entra no jogo das sutilezas, “os conteúdos guardados no inconsciente. Jung costuma enfatizar que, quando mal administrados, gera conflitos no ‘existir’ do ser humano e afetam a sua completude.

Pelo vivenciar das experiências sutis ao lado dos epiléticos do Recife entendemos que a paranormalidade não é tratada de modo correto. No entanto através de tratamentos médicos associados às técnicas Transpessoais, e/ou com ações multiprofissionais, há grandes possibilidades de mudar de vez os paradigmas na área da saúde. As experiências vivenciadas pelos paranormais poderão atingir níveis de “bem estar” mais elevados. Isto é, acrescidos de momentos de reflexões, de alegrias e autoconfiança, frente ao “estigma” de uma experiência mal conduzida ou mal orientada cientificamente (Projeto Multiprofissional do Posto Médico do Ministério da Saúde (MS) - PE, 1984).



Daí a idéia de apoiar estas pessoas, através de técnicas terapêuticas e a nível multiprofissional. E assim sendo, chegaremos a um entendimento ideal de que a Psicoterapia Transpessoal, é um recurso fundamental no processo de autocura, a ser adotadas nas instituições públicas e privadas, no Brasil e no mundo. Para que possam prestar uma assistência médica humanizada junto às pessoas portadoras da fenomenologia paranormal. Isto porque, nesta prática terapêutica, os sensitivos têm acesso aos “conteúdos guardados no inconsciente” e a partir daí passam a administrar estes conteúdos seguros de si e emocionalmente mais fortalecidos.

No trabalho transpessoal, quanto mais ampla e integrada for a visão do terapeuta acerca das possibilidades disponíveis nos diversos ramos do saber, mais amplo será sua possibilidade de atenção [...] uma marca do terapeuta [...] a flexibilidade e a capacidade de abertura para o novo [...] (A. L. FERREIRA, E. C. BRANDÃO e S. MENEZES, 2005, p.28).

Assim como os paranormais adultos, as crianças índigos precisam ser apoiadas através de ações multiprofissionais, do Ministério da Saúde. Os projetos, dentro desta temática, devem inserir nas suas ações a participação ativa de familiares, sob a orientação de médicos, psicólogos, pedagogos e orientadores como já foi referido anteriormente.

Nestes aspectos a nossa amiga Clarinha confessa que aguarda com ansiedade o momento das resoluções científicas no trato destas pessoas com características paranormais, idênticas às suas. E, igualmente espera soluções sobre o futuro da paranormalidade, cujas teorias do conhecimento ainda insistem considerar os episódios da fenomenologia tão somente como uma enfermidade. Um flagelo que atinge um grande número de pessoas e que, por uma série de negligências na saúde não contemplam de modo multiprofissional esta sintomatologia. É por estas e outras razões que Clarinha deseja corajosamente um reconhecimento médico para estas pessoas sem a discriminação de serem “diferentes”. O que ela deseja é que essas pessoas sejam respeitadas em sua individualidade, pois ao nosso modo de ver elas correspondem perfeitamente aos testes e padrões da normalidade, estabelecidos pelas instituições médicas coordenadas pela Organização Mundial de Saúde (OMS), com sede em Genebra.

A partir das experiências adquiridas no Serviço Sociais Médico de Pernambuco, tratando pessoas paranormais, individualmente ou em grupos, aquele serviço tentou dar um suporte prático para acreditar na existência destes fenômenos “ditos ocultos”. Entende-se que um olhar clínico sobre os paranormais seria o ponto de partida para a comunidade científica

estudar estes fenômenos e traçar novos paradigmas de atendimentos, nas instituições de saúde no Brasil e no mundo.

### **1.7 Sugerindo um Olhar Científico**

O fato pertinente é que diante de tantos episódios fenomenológicos, a comunidade científica ainda se manifesta contrária à contextualização científica destes fenômenos, tidos como especulativos. Neste contexto inserimos na íntegra as concepções de um estudioso da Realidade Psicofísica em pleno século XXI.

Pode-se indagar, por exemplo, explicar sobre as imaginadas supercordas que, nos últimos anos, vem sendo amplamente consideradas para a derradeira essência universal. Para o cosmólogo Bernard Carr, existem menos evidências para as supercordas do que ocorrências das PES, sendo que, neste caso, tem-se a possibilidade de tentar reproduzir fenômenos paranormais em laboratórios. Definitivamente para avançar neste estudo é preciso ter a mente aberta e a coragem de ousar e adentrar mais ainda nos mistérios da mente (CAMPOS, 2008, p.7).

A partir dos pontos-chaves e experiências relatadas, a fenomenologia paranormal existe, mas ainda precisa ser contextualizada como tal e reconhecida pelos ditames da ciência. Até porque, há décadas que Jung participou deste viver sutil em si, e ouviu milhares de depoimentos de pacientes assistidos pelas suas ações psiquiátricas, em sua prática clínica. Para complementar estes “lampejos”, pesquisamos em outras fontes da ciência e em todos os setores da atividade humana. De conformidade com as nossas pesquisas fenomenológicas constatamos que, são reais os depoimentos e testemunhos de médicos sensitivos, psiquiatras e pesquisadores, referindo-se sobre a existência desses fenômenos considerados anômalos.

E sendo assim, entende-se que já existe no mundo contemporâneo um vasto material na área das subjetividades humanas a ser contextualizadas e validadas pela ciência.

Acredita-se que lutamos pela busca da realização do propósito de reconhecer no paranormal um ser humano, dotado de inteligência e vontade. Capacitado a interagir com os seus iguais, para evoluir e crescer. Realizar projetos de vida, ser tratado com respeito dentro da sua individualidade e totalidade máxima. Fortalecido individualmente, para transcender e transmutar. Desprovido das discriminações de “ser um louco” e/ou um “desconectado” “do mundo e do Universo.

E de acordo com as considerações acima, a existência das PES no mundo contemporâneo é uma realidade. Por estas razões encerramos este capítulo esperançoso de que, num futuro bem próximo, poderemos analisar uma paranormalidade contextualizada, contemplada e validada através das teorias do conhecimento.

## **2 INTERPRETAÇÕES PARA O REINO PSIQUICO**

Neste capítulo, encontraremos respostas às inúmeras indagações relacionadas ao existir do ser humano. E, igualmente ter a oportunidade de investigar e compreender de que forma um ser pensante, enquanto realidade psicofísica conecta-se com o Absoluto. Entender, sobremaneira, a sua relação com a religiosidade, as antigas civilizações, a linguagem simbólica do reino psíquico, concepções filosóficas da Grécia Antiga, a psicologia de profundidade e com outros conceitos científicos do mundo contemporâneo.

### **2.1 Conexões do Psiquismo Humano com o Absoluto**

O filósofo Raja Marausha (1983), criador da Filosofia da Esperança<sup>11</sup>, sugere, em suas teorias sobre o comportamento humano, formatar a mente, a fim de torná-la hábil ao direcionamento de um olhar interior. De acordo com as suas concepções, esta formatação só é contemplada, com o exercício da meditação, um procedimento individual, sutil, altamente introspectivo e empreendedor. Em seu livro de salmos o filósofo aconselha, o gosto pela prática sutil. Sugere, inclusive, exercitá-la como ferramenta básica para desenvolver o hábito de se conectar com o Absoluto (Deus). Visto que somente através destas formas/pensamento a mente humana é estimulada a agir de modo positivo, até expressar a firmeza dos pensamentos que ela precisa ter para comandar os projetos do ‘existir’.

A postura do ser humano no ato da meditação é a de buscar um ‘olhar interior’ e enriquecedor com seu corpo sutil, a fim de atingir objetivos propostos com base na sabedoria do amor Divino. Enquanto este ‘ser’ estabelece com Ele uma profunda comunicação com a sua alma. Uma mente sadia e livre de pensamentos nocivos tende funcionar como a luz transcendental

---

<sup>11</sup> O filósofo Marausha é um estudioso do comportamento humano. A sua filosofia não tem compromisso com Seitas, Cultos ou Movimentos Filosóficos. Os seus Salmos são originários de todas as filosofias que visam direcionar todo ser humano à consciência de que ele é filho de um Deus verdadeiro, cujo santuário está edificado em cada coração.

que ilumina a escuridão das trevas. O que nos eleva à concepção daquilo que é necessário fazer para galgar os caminhos misteriosos do Cosmo. Por outro lado, esta postura nos coloca direto com a sintonia do Eu Interior até encontrar o bem estar perdido para fazer deste momento um trampolim às novas conquistas.

As concepções em pauta evidenciaram que esse poder sutil é uma ferramenta básica, para o ser humano transpor todos os obstáculos da vida. Como observa (MARAUSHA, 1983, p.48), dentro da sua visão pelas coisas do sagrado: “o nosso poder tem a força cósmica de todas as galáxias”.

Este filósofo costuma pontuar em seus escritos que é necessário querer “ser” para vivenciar um poder mental que está latente em cada um de nós. Entretanto, na maioria das vezes, costuma ser negligenciado a cada passo do ‘existir’, até por questões da ignorância de alguns mortais do planeta Terra. É tanto que Marausha sugere em seus textos espirituais e ecumênicos, praticar mensagens positivas que exerçam sobre nós, sintonias de profundo poder vibracional, principalmente nos momentos de reflexões, para reportar-se ao seu valor individual intrínseco, na conquista dos ideais e planos de vida.

Em seu livro<sup>12</sup> de salmos, este mestre recomenda que, ao idealizar um projeto de vida, o ser humano deve concebê-lo como verdadeiro. Nesse pensar positivo tudo passa a fluir ordenadamente, de modo próspero e harmônico. E de conformidade com as suas concepções, essas ações criativas têm um grande poder mental na transposição dos obstáculos da vida de um ‘ser pensante’, a fim de contemplar o seu ideal no processo do seu caminhar.

No Novo Testamento o próprio Jesus rezava os salmos diariamente com os seus discípulos para conferir a sua poderosa eficácia nas ações dos projetos das suas vidas e do povo de Israel. A reunião da descrição de todos estes salmos é encontrada sob a forma de poesias e orações, e se resumem inteligentemente nessa sentença como uma obra do Divino. “São orações que nos conscientizam e engajam, na luta dentro dos conflitos sem dar espaço para o pieguismo, o individualismo ou alienação” (ÊXODOS, 2001, p.8).

---

<sup>12</sup> Salmos do Sucesso na Vida-Você Pode Planejar o Seu Futuro.

As composições dos salmos e das orações mostram a história e a profecia que penetram na vida de um povo. Por sua vez, estes mesmos salmos, ao serem transformados em orações pensadas e refletidas, tornam-se os ditames que regem o existir de uma coletividade. O filósofo adverte: quando formos orar é necessário entrar no nosso aposento e fechar a porta para nos conectar com o Cosmo.

Ele ainda se expressa: “Os salmos inspiram realmente a imagem de um Deus verdadeiro e quando esse sentir divino é internalizado em nós, se coloca como um aliado do nosso ser. E conosco, passa a construir a vida e o existir humano” (MARAUSHA, 1983, p.6). Segundo os seus ensinamentos, o autor ainda concebe em seus textos: “O reino de Deus está dentro de vós, dentro de cada um [...] Toda realização de um projeto nasce de um sonho que é uma verdadeira semente que poderá igualmente se transformar futuramente no gigantesco carvalho” (MARAUSHA, 1983, p.76).

Segundo o físico Kalervo Laurikainen (*apud* CAMPOS, 2008, p.2), “Deus é a base transcendental do ser e do tornar-se. A única realidade presente de Deus é o espírito, é energia. A noção de Deus é o espírito e como energia é fundamental ao ser humano, pois é a parte pela qual temos comunhão com o Poder Absoluto. Indubitavelmente é o elemento da consciência de Deus.

Nesta concepção sagrada, o físico enfatiza que esta realidade tridimensional e espiritual, é a imagem de Deus, e tudo está contido neste reino de natureza onipresente e transcendental, onde influenciam as experiências racionais e irracionais de um ser. Entende-se, desta forma, que o ser humano é um ser criado à imagem e semelhança de Deus. Fica compreendido porque esta afirmação sobre a origem da criação tem sido um tema bastante discutido, nos meios acadêmicos e instituições religiosas, por conta dos seus significados no processo do ‘existir.’

Voltando aos escritos bíblicos, percebemos que a narrativa da criação do mundo não é uma documentação científica, é apenas um poema que contempla o Universo como criação de Deus, que remonta o período 586-53 a.C. Nesses documentos, os sacerdotes exilados na Babilônia pontuam a existência de um Deus vivo único, criador do céu e da terra. Afirmam que a natureza não é povoada por outras divindades e que também não é divina. A tese fundamental dos sacerdotes, sobre a origem do mundo, tem como ponto mais alto da criação a

humanidade, o homem e a mulher. Eles são criados à imagem e semelhança de Deus e que a humanidade é chamada a transformar e dominar o Universo nas suas tarefas, como o trabalho e o descanso.

E disse Deus: Façamos o homem à nossa imagem e semelhança. Que ele domine os peixes do mar, as aves do céu, os animais domésticos, todas as feras e todos os répteis que rastejam sobre a terra [...] Que exista a Luz! E a luz começou a existir [...] E Deus separou a luz das trevas: à luz, Deus chamou dia e às trevas chamou noite. Houve uma tarde e uma manhã: foi o primeiro dia [...] que exista um firmamento no meio das águas para separar águas de águas [...] fez o firmamento para separar as águas que estão acima do firmamento das águas que estão abaixo do firmamento [...] E Deus chamou ao firmamento céu (GÊNESIS, 1981, p.14).

Neale Donald Walsch (2002, p.76) referindo-se ao Deus do Universo e ao ser humano se expressa: “Deus fala com todo mundo. Com os bons e com os maus. Com os santos e com os canalhas. Certamente, com todos nós e conseqüentemente com toda a humanidade. Quando o discípulo estiver pronto, o mestre aparecerá”.

Para Clarinha tudo neste Universo, fica bem mais evidente quando passamos a conversar com Deus ou com o Poder Absoluto ou em qualquer denominação. Portanto é fundamental que haja uma integração do “elo umbilical” com o Cosmo. Este “elo” refere-se ao “cordão de prata”, um filamento fluídico que conduz a energia do corpo físico para outras dimensões, quando em conexão com o mundo extra-físico (ALLAN KARDEC, 2005).

Neste pensar sutil, o filósofo Marausha continua advertindo em seus escritos: “Lidamos direto com Deus. Nossa alma é um transmissor-receptor que tem ligação direta com o Cosmo e que sintoniza também com o Grande Mestre Jesus Cristo<sup>13</sup>, nosso Salvador na terra”(MARAUSHA, 1983, p.76).Como parte integrante deste processo, transcrevemos na íntegra um pensamento de Jung quando o tema é sutilezas.

Seria uma blasfêmia afirmar que Deus pode manifestar-se em toda parte menos na alma humana. Com efeito, a grande intimidade de relação entre Deus e a alma exclui automaticamente toda depreciação desta última. Sem dúvida, falar de afinidade é um exagero; mas de qualquer modo a alma deve possuir em si mesma uma faculdade de relação, isto é, uma correspondência com a essência Deus; senão como seria possível o estabelecimento de uma relação? Essa correspondência em termos psicológicos é o arquétipo da imagem de Deus (JUNG, 2006, p.481)

---

<sup>13</sup> “Do ponto de vista psicológico, Cristo representa enquanto homem primordial (*Adam Secundus*) uma totalidade que ultrapassa e envolve o homem comum e corresponde à personalidade total que transcende ao plano da consciência” (JUNG, 2007, p. 73).

E, ainda se refere à natureza da alma expresando-se assim: era “[...] infinitamente complicada e de uma diversidade ilimitada, impossível de ser apreendida por uma simples psicologia dos instintos” (JUNG, 2006, p.481-482).

A alma humana é cheia de mistérios e é por excelência uma detentora de diversidades ilimitadas, e compartilha conosco com todas as suas miríades. De acordo com Humberto Sobral (1999, p.50), a alma é “a condensação molecular de fluido cósmico, cuja incubação, na própria alma, gera impulso indutivo-dedutivo, na consubstanciação do conceito divino, de que ela é a imagem e semelhança de seu Criador”. E ela pode “desprender-se quando se sinta atraída para lugar diferente daquele onde se acha o seu corpo” (*Ibid.*, p.18).

De qualquer modo, compreende-se que a alma é um transmissor-receptor para uma ligação direta com o Cosmo no intuito de sintonizar com o Absoluto. Por sua vez, o ser humano, na tentativa de sintonizar com ‘Ele’, criou sistemas de pensamentos e práticas para estes fins. Tudo isto resultou no ‘aparecimento das religiões’.

De conformidade com essas concepções científicas e religiosas sobre a alma humana, torna-se imperativo definir alguns conceitos de religião. Para maiores esclarecimentos sobre o tema em pauta Jung entendia o termo religião como religio e religare. [...] “a religião exatamente com a função de ligar o consciente a fatores inconscientes importantes”. (JUNG, 1997, p.57 *apud* ALINE ARAUJO, 2009, p.1).

De acordo com a definição do conceito religioso, concebe-se que este fenômeno tem sido uma das bases fundamentais para os diversos seguimentos da existência humana, como se observa:

“As organizações ou sistemas são simbolismo que capacitam o homem a estabelecer uma posição espiritual que se contrapõe à natureza instintiva original, uma atitude cultural em face da mera instintividade. Esta tem sido a função de todas as religiões” (JUNG, 1997, p.17 *apud* ARAUJO, 2009, p.1).

Segundo Marausha (1983), há quase 2.000 anos atrás foi o próprio Jesus que lançou à humanidade uma Religião Interior. Uma herança divina cujo sentimento está internalizado em cada um de nós.

Jung pontuou que, a função de ligação do consciente a fatores inconscientes são conteúdos considerados de suma importância no interagir humano. Na sua concepção pelas ‘coisas sagradas’ é a libido que constrói as imagens religiosas e representa o ponto de ligação do ser humano às suas origens. E enfatiza:

Encaro a religião como uma atitude do espírito humano, atitude que de acordo com o emprego originário do termo ‘*religio*’ poderíamos qualificar o modo de uma consideração e observação cuidadosas de certos fatores dinâmicos como ‘potenciais’: espíritos, demônios, leis, idéias, ideais, ou qualquer outra denominação dada pelo homem a tais fatores: dentro do seu mundo próprio a experiência ter-lhe-ia mostrada suficientemente poderosa, perigosa ou mesmo útil [...] (JUNG, 1997, p.10 *apud* ARAUJO, 2009, p.1).

Considerando os aspectos religiosos acima referidos, compreendemos que neles está implícito o momento ‘numinoso’, ou seja, o tempo do sagrado, aquele período em que o ser humano sente-se aberto a reconhecer a sua fragilidade e as alegrias da inteireza do seu ser. “A experiência do ‘numinoso’ designa o inexprimível, misterioso, tremendo, o ‘totalmente outro’, propriedade que possibilitaram a experiência imediata do divino” (JUNG, 2006, p.492).

Por sua vez Jung concluiu que, a religiosidade é uma função natural, inerente à psique e ao instinto; é um fenômeno genuíno. Segundo ele um grande número de práticas e rituais religiosos são os veículos para acelerar o processo do ‘numinoso’, nas mais diversas formas de manifestações sagradas do Cosmo.

De fato, os rituais religiosos, existentes na humanidade, representam a manifestação dos dogmas de cada religião existente, e estes são diferentes entre si, visto que a Bíblia original sofreu muitas traduções e não é possível traduzir palavras importantes sem distorcer os seus significados. De acordo com Radar Burnier (2009, p.29), “as escrituras têm uma autoridade duvidosa quando tomadas *in Toto*, mas é afirmado às pessoas que as escrituras são autoridades completas, literais e inspiradas por Deus”.

Até mesmo o protestantismo, repetimos, é obrigado a ser, pelo menos cristão e a expressar-se dentro do quadro de que Deus se revelou, em Cristo, o qual padeceu pela humanidade. E bem determinado este é um quadro, com conteúdos precisos, e não é possível ampliá-lo ou vinculá-lo a idéias e sentimentos budistas ou islâmicos. No entanto, sem dúvida alguma, não só Buda, Maomé, Confúcio ou Zaratustra,



constituem fenômenos religiosos, mas igualmente Mitra<sup>14</sup>, Cibele, Átis, Manes, Hermes e muitas outras religiões exóticas (JUNG, 2007, p.11).

Então estes diferentes dogmas fizeram emergir os conflitos religiosos, visto que foram eles os conteúdos que persistiram na vida de Jung e ainda se tornam presentes no ‘existir’ da humanidade. Tais conflitos geravam várias concepções envolvendo a reencarnação. Somente algumas religiões, por exemplo, aquelas mais limitadas em compreender o Universo e suas vicissitudes, não querem considerar esta perspectiva e o que ela representa para os nossos dias.

Por isso, o tema reencarnação, é relegado a um segundo plano. Com exceção da doutrina Espírita, que defende a reencarnação da alma, porquanto considera que o ser humano tem plena consciência de que não pediu para habitar o planeta Terra, que não decidiu o seu nascimento e nem optou por ele. Entretanto, documentos históricos, sobre a doutrina Espírita atestam que o ser humano, desde o seu renascimento, é dotado de inteligência, vontade e parte integrante do Cosmo. Inserido na sua composição tríplice, enquanto espírito, alma e corpo físico (KARDEC, 2005).

As idéias dos judeus sobre esse ponto, como sobre muitos outros não estavam claramente definidas, porque não tinham senão noções vagas e incompletas sobre a alma e sua ligação com o corpo. Eles acreditavam que um homem que viveu podia reviver, sem se inteirar com precisão da maneira pela qual o fato podia ocorrer; designavam pela palavra o que o espiritismo, mais judiciosamente chama reencarnação [...] A reencarnação é o retorno da alma, ou espírito, à vida corporal, mas em outro corpo novamente [...] ninguém pode ver o reino de Deus se não nascer de novo [...] O princípio da pluralidade das existências está claramente exposto nessas três versões acima mencionadas. Eu saio da minha casa, mas a ela retornarei (KARDEC, 2005, p.58-59)

Considerando o tema em pauta, Jung (1976) detectou cinco aspectos importantes do renascer, que segundo ele, poderiam ser multiplicados se quisesse aprofundar-se mais e detalhadamente. O primeiro aspecto refere-se à Metempsychose, a transmigração da alma que de acordo com as concepções Junguianas assim se resume.

Trata-se da idéia de uma vida que se estende no tempo, passando por vários corpos ou das sequências de uma vida interrompida por diversas reencarnações. O Budismo, especialmente centrado nessa doutrina - o próprio Buda vivenciou uma longa séries de renascimentos - não tem certeza se a continuidade da personalidade

---

<sup>14</sup> Mitra, deus dos Persas; Cibele, divindade Grega e deusa dos mortos e da fertilidade; Átis, uma divindade Grega, amante da deusa Cibele; Na mitologia Romana, Manes é quem cuida da alma ou do culto dos antepassados; Hermes se identificava ao *Thot*, deus Egípcio.

é assegurada ou não; em outras palavras pode tratar-se apenas de uma continuidade kármica (JUNG, 2007 p.120).

O segundo aspecto envolve um conceito de continuidade pessoal, em que a personalidade fica susceptível de memória. Aquele renascer onde estão presentes os fatos e guardam aqueles contidos nos porões do inconsciente. Agrega ainda a condição de lembranças passadas, ricas de potencialidades, ao recordar de outras vidas, a mesma forma do eu da vida presente. Estes referenciais fenomenológicos são objetos das observações de Jung.

Neste caso a personalidade humana é considerada suscetível de continuidade e memória; temos ao reencarnar ou renascer, por assim dizer potencialmente, a condição de lembrar-nos de novo das vidas anteriores, que nos pertenceram, possuindo a mesma forma do eu da vida presente. Na reencarnação trata-se em geral de um renascimento em corpos humanos (JUNG, 2007, p.120).

Por sua vez o cientista faz alusão ao terceiro aspecto da reencarnação, a qual está ligada à ressurreição (*resurrectio*), a que se apresenta como um ressurgimento do existir humano, após a sua morte e pontua categoricamente; “há aqui outro matiz, o da mutação, da transmutação ou transformação do ser” (JUNG, 2007, p.120).

O quarto aspecto, que envolve o renascimento, foi pontuado como aquele, que está afeto ao (*sensu strictiori*), o renascimento durante uma vida individual, com poderes para crescer e ser mais na escala evolutiva do existir humano. Neste sentido Jung se expressa:

“O renascimento pode ser um *renovatio* sem modificação de ser, na medida em que a personalidade renovada não é alterada em sua essência, mas apenas em suas funções, partes da personalidade que podem ser curadas, fortalecidas ou melhoradas” (JUNG, 2007, p.120).

No quinto aspecto Jung postula ser o renascimento indireto, aquele que diz respeito ao processo de transformação, como se o mesmo ocorresse fora do indivíduo. Uma participação em um rito de transformação, ocasião em que o indivíduo recebe uma graça, a qual pode ser até no ritual da missa em que opera a transubstanciação e ou nos mistérios pagãos.

Portanto, o ser humano busca compreender sua origem, indagando-se: De onde eu vim? Para onde vou? Quem sou eu? O que represento para o planeta Terra?

## 2.2 O Ser Humano Versus Espiritualidade

Percebemos que as indagações, acima enumeradas, têm sido os questionamentos usuais que acompanham o ser humano nos seus relacionamentos com o Universo. Uma vez que o interesse e a curiosidade pela existência de seres sutis já vêm de longas datas. Nas civilizações mais antigas, por exemplo, foram encontrados registros com vários relatos sobre a espiritualidade que revelam a existência desses seres. Atualmente os aspectos religiosos destas crenças misturam-se e confundem-se numa tentativa de se fazer valer o autoconhecimento, o crescimento e o desenvolvimento espiritual, como ferramentas básicas das filosofias de vidas a seguir.

De acordo com o criador da psicologia de profundidade, “aeriformes” são seres que, de modo sutil habitam ao redor do homem e essas alegadas exercem influências, que embora invisíveis na sua essência, são consideradas poderosas. Essa crença é acompanhada das idéias de que esses seres são espíritos ou almas daqueles que já se foram.

Em relação a estas crenças espirituais, o cientista enfatiza:

Para o primitivo os fenômenos dos espíritos é uma evidência imediata da realidade do mundo espiritual. Se examinarmos de perto o que estes fenômenos dos espíritos significam para ele, e em que constituem, nos deparamos com os seguintes fatos: antes de tudo que a aparição dos espíritos não é rara entres os primitivos. Admitese, em geral que estas aparições são muito mais frequentes entre os primitivos do que entre os povos civilizados. (JUNG, 1991, p.311).

Segundo Jung o homem primitivo utilizou as crenças nos seres etéreos como arma para se guardar dos inimigos do agora e do Além. A dependência extremada nas crenças espirituais tornou o primitivo mais seguro no seu meio ambiente, nas tribulações de sua vida, cercado por vizinhanças hostis e feras perigosas.

Baseado em suas concepções sobre o ‘existir’ homem primitivo, Jung (1991) pontua que esses seres dispõem de uma natureza que se apresenta impiedosa, acrescida pelos sentimentos descontrolados, apetites sensíveis e quase sempre expostos a estes reveses da sorte. Por outro lado, perante a sua realidade física, entende-se que o primitivo correu o risco de assumir uma atitude materialista.

Neste sentido o cientista das causas profundas passou a atribuir ao homem primitivo, uma maior percepção da realidade espiritual, e então livrar-se dos laços que o prendem ao mundo

físico e/ou puramente sensível e material. Ao modo de ver esta realidade, o autor, percebeu que o fenômeno dos espíritos na vida do primitivo, é acima de tudo, uma evidência.

Em nossa pesquisa, identificamos nos documentos históricos que os povos primitivos viveram em dois mundos: o da realidade física e o da realidade sensível, isto é, no mundo dos espíritos, atribuindo a ambas o mesmo valor. O temor pelas crenças espirituais foi respeitado pelo homem primitivo, tanto quanto com relação às leis da natureza circundante. Para esses povos, o espírito deve ser exorcizado e sentem-se aliviado quando ele consegue realizar este processo no ato da sua passagem.

Diante destas considerações sobre o mundo dos espíritos Clarinha apreendeu em suas pesquisas que os primitivos têm versões diferentes dos civilizados no tocante às crenças espirituais. Para os primeiros, além de espíritos, existia a presença dos demônios elementares que nunca foram almas humanas. Enquanto que, para o homem civilizado, assim postula a sua visão científica:

A aparição de espíritos não é rara entre os primitivos. Admite-se em geral, que estas aparições são muito mais frequentes entre os primitivos do que entre os povos civilizados, e daí se conclui que a aparição de espíritos é mera superstição, porque ela jamais ocorre entre pessoas esclarecidas, exceto em casos patológicos (JUNG, 1991, p.311).

Para o ser humano, estas crenças na espiritualidade, têm sido combatidas pelo racionalismo e iluminismo científico<sup>15</sup> há mais de um século. Esses movimentos foram direcionados às pessoas consideradas cultas e seriamente reprimidas por aceitarem e acreditarem em outras crenças metafísicas. Por este prisma é válido considerar a concepção do cientista.

Na idade do materialismo esta inevitável consequência do Iluminismo racionalista há um ressurgimento da crença nos espíritos a nível superior, e isto não como uma recaída nas trevas da superstição, mas como um interesse científico intenso, como uma necessidade de iluminar o caos sombrio dos fatos duvidosos, com a luz da verdade (JUNG, 1991, p.309).

O renascimento e a renovação da crença dos espíritos tiveram como pesquisadores ilustres Willians Crookes<sup>16</sup> (1832-1902), Friedrich Myers<sup>17</sup> (1843-1901), Alfred Russel Wallace<sup>18</sup>

---

<sup>15</sup> O Iluminismo foi um movimento que se desencadeou a partir do século XVII (o século das luzes), teve como um dos principais líderes o filósofo Kant (1724-1804). O objetivo deste momento foi tornar o mundo melhor, transformando o ser humano pensante, capaz de fazer sua escolha, independente da tutela de outrem. O Iluminismo quer dizer: “a traumática passagem de um sono dogmático à descoberta de uma grande luz” (NICOLA, 2002, p.321).

<sup>16</sup> Crookes foi um cientista e pesquisador dos fenômenos paranormais.

(1832-1913) e Steven Zoellner<sup>19</sup> (1834-1882) e muitos outros cientistas, considerados verdadeiros ícones do renascimento espiritual que é o renovamento da crença dos espíritos, no mundo.

Apesar dos questionamentos da natureza real das observações destes cientistas, ou seja, das acusações de erros e de ter cometido enganos nessas pesquisas, eles carregam sobre si o mérito das ações no campo da espiritualidade, pelo empenho e autoridade, pondo de lado qualquer temor pessoal.

No contexto geral das ações dos cientistas, acima mencionados, estiveram presentes críticas, prejuízos acadêmicos e o não temer do escárnio público, relacionado a estas ações na crença nos espíritos. Compreende-se que os pesquisadores se comportam no ato das suas pesquisas como no processo do acender de uma vela, que clareia o mundo e o universo. De conformidade com esta visão, uma concepção Junguiana:

Não sou filósofo, mas empirista, e por isto, em todas as questões difíceis, inclino-me mais a deixar que a experiência decida. Mas onde não é possível, encontrar uma base empírica tangível prefere deixar a questão sem respostas. Por isto, o meu objetivo constante é reduzir os fatores abstratos a seu conteúdo empírico, para ter alguma certeza de conhecer também aquilo de que estou falando (JUNG, 1991, p.330).

A partir destas considerações científicas sobre a crença nos espíritos, entende-se que uma chama fora acessa, com a colaboração destes cientistas, acima referenciado, o tema da espiritualidade tornou-se um evento 'iluminado', i é, uma oportunidade de obter conteúdos profundos. Nestes aspectos convém refletirmos sobre estas concepções em epígrafe.

Temos observado, ao invés, que justamente na idade do materialismo - esta inevitável consequência do Iluminismo racionalista - há um ressurgimento da crença nos espíritos a nível superior, e isto não como uma recaída nas trevas da superstição, mas como um interesse científico intenso como uma necessidade de iluminar o caos sombrio dos fatos duvidosos, com a luz da verdade [...] O pensamento dos eruditos sucumbe mais do que nunca à força da corrente materialista, foram eles que chamaram a atenção para os fenômenos de origem psíquica, que pareciam estar em completa contradição com o materialismo de sua época (JUNG, 1991, p.309-310).

---

<sup>17</sup> Myers notável escritor dos fenômenos da espiritualidade.

<sup>18</sup> Wallace, antropólogo, naturalista e biólogo do País de Gales.

<sup>19</sup> Zoellner quis provar a existência da quarta essência.

Do ponto de vista psicológico os espíritos são considerados os complexos inconscientes autônomos que aparecem em formas de projeções e de modo geral, não estão associados diretamente ao eu. Já a crença na existência da alma, é um correlato da crença nos espíritos. Estes são considerados como seres estranhos e que não fazem parte do eu.

Percebemos que o homem civilizado está em ritmo da evolução espiritual, ou seja, começa despertar na sua consciência, o que está latente nos porões do seu inconsciente. No caso, vislumbra a realidade de um mundo sutil. De qualquer forma, entendemos que as pesquisas paranormais contribuem para a existência destas crenças e caminham nesta direção a passos céleres. Todavia, parece que elas retomam os conteúdos dos conhecimentos dos povos primitivos sobre a existência dos espíritos, mas com uma diferença, no aguardo da comprovação do método científico para validar essas crenças.

### **2.3 Concepções do Existir ao Longo da História**

Os próximos tópicos estão direcionados às teses filosóficas<sup>20</sup> dos principais pensadores gregos, de alguns filósofos do século XX e de cientistas contemporâneos, cujas concepções estão relacionadas à existência humana.

A idéia primordial destas buscas foi compreender quais as influências sofridas por nós, oriundas de antigos pensadores no espaço contemporâneo. Considerando que esses fragmentos de natureza surreal pontuam fenômenos, cujas interpretações fogem das normas estabelecidas pelas teorias do conhecimento. Eles foram associados à existência do sobrenatural e inseridos no bojo dessas mensagens - a magia das fadas, a existências de entidades ou demônios. Por outro lado, há de se convir que esses eventos sutis perduram até os nossos dias, cujas inferências são do conhecimento de todos, mas ainda carecem de uma nova concepção.

As nossas pesquisas sobre a espiritualidade têm por objetivo, mostrar aos leitores e a comunidade científica que, desde longas datas o ser humano tinha uma inclinação para perscrutar os fenômenos sobrenaturais, cujo questionamento esteve afeto à espiritualidade e misticismo religioso.

---

<sup>20</sup> A filosofia é uma ciência que estuda todos os aspectos abstratos do mundo e começa a se impor como uma ciência no mundo dos homens mortais. E a filosofia Européia é considerada a base do pensamento científico.

Nesta contextualização compreendemos que o curso dos acontecimentos, no ‘existir do ser humano’ tem em cada filósofo uma concepção individual no modo de sentir e perceber a humanidade como tal. Nas fases dessa evolução, esses pensadores elaboraram projetos e igualmente defenderam as suas teses relacionadas à existência de um Deus supremo e verdadeiro. Ficaram patentes as indagações sobre o ‘modo de existir’ das pessoas, se possuíam uma alma imortal, se refletiam sobre a natureza delas, ou se pensavam tão somente sobre os animais.

### **2.3.1 O Existir Segundo os Pensadores da Grécia Antiga**

Na história do ocidente, os filósofos da Grécia Antiga tinham a tarefa de interpretar os mistérios da existência humana, o que exigia abstinências, purificações, cânticos, danças, descrições mitológicas e expressões poéticas como registrado nos famosos dramas do teatro grego.

Essas ações tinham conexões com os Deuses que faziam predições em locais apropriados e ganhava dos seus adeptos imensa reputação quando distribuíam as suas sabedorias. Estes seres, além de Mestres das predições em si mesmas, eram conhecidos como oráculos, e atuavam nos templos e/ou santuários que enquanto consagrados, eram locais de consultas e adoração de um deus profético. Os oráculos eram operados por sacerdotes que, possuídos, pelo Deus do oráculo, proferiam palavras que eram interpretadas pelo próprio sacerdote. Os oráculos são tidos como os primeiros experimentos parapsicológicos (CHAUI, 2002).

Os Gregos consideravam as consultas aos oráculos, verdadeiros fundamentos religiosos da sua cultura. Importantes ferramentas utilizadas pelos povos da época, os oráculos foram às armas divinatórias e sutis à disposição do ser pensante para, que este mesmo ser não mais se tornasse uma vítima tragada ou perseguida por ela. Para alguns místicos e pesquisadores do ramo, os oráculos simbolizam uma clara demonstração de sincronicidade, cuja definição inserimos na íntegra:

O sincronismo, enquanto expressão acausal mais simples relaciona as ocorrências simultâneas de dois ou mais eventos. São coincidências que ocorrem em nossa vida, i, é; no mundo de nossas percepções sensoriais [...] Quer dizer, não se trata de uma coincidência no tempo, e sim de uma simultaneidade relativa que deve ser assimilada como uma experiência subjetiva de uma imagem interna coincidindo com um evento externo (CAMPOS, 2008, p.1-2- 4).

Então, na Mitologia Grega, se faz presente a idéia de que o ser humano não é apenas um amontoado de reações químicas, orgânicas, físicas e extra-física. A Grécia Antiga foi o berço dos oráculos ao tempo que este povo representava ao homem comum as idéias e as sugestões para a arte de viver e de amar. Ora, para este povo antigo todas estas ações tinham importantes significados.

A seguir apresentamos concepções e indagações dos filósofos gregos sobre o ser humano e o 'existir'.

Segundo Ubaldo Nicola (2005), o filósofo Tales de Mileto (624-545 a.C) e seus discípulos, Anaximandro (610-547 a.C) e Anaxímenes (596-525 a.C), foram os primeiros pensadores a não recorrer a uma explicação mítica do princípio primordial, a *arché* princípio de tudo, e que deve ser identificado, para eles, na água. Tales concebeu em sua visão, a soma de todos os conhecimentos, de que tanto as sementes, quantos todos os alimentos têm dosagens de água, em suas composições. Através destas constatações, configuram-se as razões pelas quais todos os alimentos são úmidos.

Outros filósofos foram muito mais além. Heráclito, (540-480 a.C), por exemplo, identificou a *arché* no Fogo, Pitágoras, no número, Platão e Aristóteles, na matéria.

Sócrates (470-399 a.C.), como Jesus Cristo, e outros profetas religiosos, nada escreveu sobre a sua vida. Alguns registros encontrados sobre os seus feitos filosóficos devem-se a Platão que, fez dele o protagonista de todas as suas concepções sobre a existência humana. Sócrates destacou-se na sua juventude pelo espírito corajoso, no enfrentamento da batalha de Potidéia. Foi um dos filósofos que discutiu as posições relativistas e cépticas dos sofistas<sup>21</sup>. Foi considerado um amante das ciências, mas mesmo assim, não fundou nenhuma escola. Preferiu exercer e exercitar as suas concepções filosóficas em plena praça pública. Dotado de grande poder de persuasão, Sócrates, foi considerado um destabilizador e corruptor dos jovens. Não acreditava nos Deuses e aceitou, sem protestar, o seu fim último, a morte.

---

<sup>21</sup> Sofistas foram os primeiros filósofos do século V a.C na Grécia Antiga. Antes de Sócrates faziam discursos sobre a retórica. Debatiam sobre o desenvolvimento do espírito crítico e pela capacidade de expressão. Eram chamados de cépticos porque se opunham à filosofia pré-socrática, pois diziam que estes ensinavam coisas contraditoras e repletas de erros (NICOLA, 2005).



Com o filósofo Platão (428-347 a.C.), ele discutiu assuntos científicos, incrivelmente coerentes um ser dotado de uma inteligência incomum, racional e rigoroso. Em seus inúmeros contatos, o tema discutido versava sobre as crenças fundamentais do ser humano, ao tempo em que o mais importante na vida de todo ser, é estimulá-lo a pensar e de modo consciente. Nas suas concepções, Sócrates defendeu a tese de que as pessoas, ao serem arguidas, tinham que transparecer o que se passa no seu íntimo, e por assim dizer foi um adepto da transparência (NICOLA, 2005).

Na sua tese sobre o 'existir', Sócrates deu ênfase ao diálogo, uma importante ferramenta nos relacionamentos da humanidade. E revelou que ninguém é mal voluntariamente. Para ele, o verdadeiro mal era uma grande oportunidade para o conhecimento do si mesmo, "a importância de saber que não se sabe" (NICOLA, 2005, p.12).

Nas pesquisas sobre o ser humano, compreendemos que existiu entre Sócrates e Jung uma idéia de contemporaneidade. Como Jung, o filósofo também batalhou dentro das suas concepções pela internalização de um conhecimento interior e/ou subjetivo. Defendeu o diálogo acima de tudo para se exercer um real entendimento.

Por outro lado, concebemos que Platão (428-347 a.C) foi um Ateniense que deu margens a vários comentários sobre o seu 'existir' e, conseqüentemente à sua obra. De todos os filósofos da Grécia Antiga, Platão foi o mais estudado, e o mais pesquisado nos últimos milênios. E, por tudo isso, foi considerado um pensador de perene atualidade.

Dois fatos marcaram a vida do filósofo: o encontro com Sócrates, quando tinha 20 anos e na condenação dele à morte. Na Idade Média, foi considerado um precursor do Cristianismo e que emana uma espiritualidade ascética. Na sua concepção filosófica, o corpo é tudo o que ele significa ser: (percepção, paixão, instinto e emoção). Virtudes que não devem ser anuladas e, ainda pontuou que, somente assim, a razão pode ser exercitada.

Para Sobral (1999), Platão foi um filósofo que pressentiu na alma, tudo aquilo que tem condições de se mover, de modo particular, incorpórea, imaterial e imortal. Uma substância simples e dividida no seu interior por partes: a racional, quer dizer a parte que se localiza no cérebro; a irascível (ímpeto), localizada no peito e a concupiscível (apetite), no ventre.

Nicola enfatiza que Platão considerou o fenômeno da metempsicose como um entrave que impede a alma realizar as suas funções plenas de ter uma natureza espiritual. Foi por este motivo que ele manteve o desejo de morrer, pois somado às suas concepções, o vivenciar do ‘seu morrer’, significa separar-se da prisão corpórea, visto que o corpo é o obstáculo ao conhecimento.

Clarinha encontrou nas suas pesquisas fundamentos filosófico que dizem respeito às interações do ser humano nos seus contatos com as duas realidades, a inteligível e a sensível. O filósofo concebeu, na primeira idéia, que o ser humano interage de modo concreto igual a si mesmo e permanente; enquanto que na outra realidade, a interação é dependente e sofre mutações. Trata-se da realidade que diz respeito ao sentido “a idéia possui uma realidade própria em si mesma, é eterna e mutável, existe antes mesmo de ser pensada por uma mente” (NICOLA, 2005, p.48).

O que mais chamou a atenção de Clarinha foi o perfil psicológico de Aristóteles (384-322 a.C.), por transparecer e simbolizar a organização. Extremamente metucioso em tudo que faz, registra, através dos seus conceitos, a sua intenção primordial de querer por ordem nos conceitos dos homens. Devido ao seu temperamento empreendedor, Aristóteles chegou a pensar que Platão tinha virado tudo de cabeça para baixo (JOSTEIN GAARDER<sup>22</sup>, 1995, p.23).

Existe uma diferenciação de pensamentos entre os dois filósofos. Para Platão, o grau máximo da realidade está no pensamento com a razão; enquanto que para Aristóteles, é tudo exatamente o contrário. “O que existe na alma humana nada mais é do que reflexos dos objetos da natureza” (GAARDER, 1995, p.123).

De acordo com Aristóteles, o filósofo Platão foi uma espécie de prisioneiro da sua própria visão mítica do mundo e confundia as idéias do mundo com as dos homens. Nas formas pensamentos do projeto de Aristóteles, ele agiu diferente. Procurou colocar ordem na vida e dividiu a natureza em dois sentidos. Aquela das coisas inanimadas, como as pedras, gotas de água e torrões de terra. E, das criaturas vivas que, carregam na sua bagagem pessoal (dentro

---

<sup>22</sup> Gaarder é escritor Norueguês, escreveu O Dia do Curinga, O Livro das Religiões e vários outros livros. Nasceu em 1952, estudou Teologia, Literatura e Filosofia. De acordo com as tiragens dos seus escritos, o escritor, ganhou projeção Internacional com o lançamento do seu livro O Mundo de Sofia.

de si mesmo), potencialidades de transformações. Assim, soma à sua visão de mundo que, a natureza progride das coisas consideradas inanimadas em direção às criaturas vivas “somente a memória, torna possível a experiência” (NICOLA, 2005, p.86).

As concepções de Aristóteles, assim se resumem, e se ele fosse vivo Clarinha entendeu que o filósofo diria a um ser humano exatamente isso: “A vida de uma pessoa que só cultiva o corpo é tão unilateral e, portanto, tão lacunosa quanto à vida de outra que só usa a cabeça. Ambos os extremos são expressões de um modo errado de viver a vida” (GAARDER, 1995, p.131).

Dando continuidade às nossas pesquisas sobre os pensadores da Grécia Antiga, descobrimos em Pitágoras (570- 49 a.C) um grande místico e para muitos historiadores da ciência, o pai da tradição científica européia. Ele propôs uma filosofia de purificação espiritual que descreveria o destino sagrado da alma e a possibilidade de sua elevação de modo a unir-se ao divino. Era uma filosofia de natureza mística porquanto expressava a evolução harmoniosa da alma na humanidade. O aspecto interessante na sua filosofia é que, para representar as relações entre as coisas, ele usou os números, atribuindo-lhes propriedades qualitativas, análogas às diferenças de qualidade encontradas em harmonias musicais. Desta maneira, os números foram vistos como um princípio que conecta as propriedades simbólicas da mente, aos mecanismos do universo (CAMPOS, 2008).

Uma das idéias de maior sucesso histórico de Pitágoras é a de que os astros produzem no seu movimento uma música perfeita e divina, no mundo literalmente celestial. Se não conseguirmos ouvi-la, é somente por causa do fenômeno psicológico que faz com que um som contínuo torne-se despercebido pela consciência perceptiva (NICOLA, 2005, p.23).

Através do naturalista grego Teofrasto (372-287 a.C) concebia que, em suas teorias o “suprasensível” e o “sensível”, estão unidos pela divindade (Deus). Enquanto na concepção do filósofo Plotino (204-270 d.C), é que essa união só pode realizar-se mediante um processo de profunda entrega ao que ele denominou de um estado de êxtase no qual a alma transcende à sua própria existência para diluir-se na divindade (IDEM, 2008).

Após este breve panorama sobre os filósofos da Grécia Antiga compreendemos que estes pensadores dedicaram suas vidas na tentativa de entrar nos labirintos da nossa alma e de perscrutar o nível evolutivo a partir do qual tudo começou.

### 2.3.2 Concepções Sobre a Natureza Humana

No Egito, a fonte para a compreensão do ser humano parece ter sido inspirada na tradição mística hermética. O deus grego da comunicação Hermes foi designado como Hermes Trimegistus (três vezes grande) sob um sincretismo como o deus *Thoth*, o deus egípcio, patrono da Sabedoria, da Astrologia e da Alquimia, o criador das artes e das ciências. É reconhecido, também, como o pai da Alquimia Ocidental.

Os alquimistas por sua vez buscavam adentrar no reino do desconhecido associando o seu mundo aos frutos da sua obra a *opus alchimica*. Para eles, a mente é fonte e depositário dos reflexos do universo mais amplo, percebidas em imagens simbolizadas de incomensurável riqueza. Quer dizer é o mundo interior e o mundo exterior; í é; a mente e a matéria estão sob a mesma unidade indiferenciada. Essas concepções alquímicas de unicidade foram denominadas de '*unus mundus*' por Gerhard Dorn, expressa "o mundo potencial do primeiro dia da criação quando não havia *in actu*, í, é; dividido em dois ou mais, quando não ainda era uno. Um mundo onde não há dualidades ou divisões (CAMPOS, 2008, p.1).

Para os alquimistas ficava subtendida a relação íntima entre o "experimentador e o seu experimento", acreditavam que o mundo das suas experimentações estava conectado ao "mundo do cosmos". Na tentativa de desvendar mistérios do Universo ela combinava aspectos físicos (material), igualmente ao aspecto psíquico sem, todavia, fazer qualquer divisão entre os mesmos.

O mundo dos alquimistas pode ser tomado como um guia para analisar o comportamento da mente, embora careça de soluções objetivas para os conflitos inerentes à nossa própria existência. Isolados em suas atividades que envolvia tanto uma exploração externa quanto interna da sua personalidade, os alquimistas não diferenciavam o mundo da matéria daquele da mente e, deste modo trataram as operações físicas e as mentais sobre um mesmo contexto (CAMPOS, 2009, p.27-28).

Na obra Junguiana a Alquimia teve significados importantes definindo-a como: "Química arcaica que precedeu a química experimental e onde se mesclavam especulações gerais figuradas e intuitivas, parcialmente religiosas, a respeito da natureza e do homem" (JUNG, 2006, p.482).

Na tradição chinesa, o *Tao Te Ching*, é a fonte de profundo e significativo conhecimento sobre o ser humano: "o *Tao* que pode ser escrito em palavras, não é o *Tao* eterno". A prática desta filosofia é o *Wu-wei*, que ensina a não-interferência, a não-ação, a ação sem realização, a atividade sem ação e outras designações. Isto não quer dizer que não se deve agir, e sim que existe um fluxo natural que guia as mudanças sempre ajustando cada pessoa às circunstâncias.

Todo esse processo é originado e alimentado por uma energia *Qi*, que se apresenta como o produto de duas grandes forças *yin* e *yang*, fluindo por todo o universo (CAMPOS, 2008).

### 2.3.3 A Visão do Ser Humano em Pleno Século XX

No existir humano ocorrem problemas e dificuldades em relação às suas buscas pelo autoconhecimento e evolução espiritual. Todavia este movimento do ‘ir’ e do ‘vir’ do seu modo ‘de agir e de pensar’ traz, de certa forma, subsídios para novas experiências, novos conhecimentos e novas concepções científicas, do ‘existir. A partir daí é que o ser humano passa a construir a sua própria vida o seu ‘por vir’ para fazer as suas escolhas e optar por aquilo que lhe traz felicidades.

Quando pesquisamos os fundamentos norteadores da existência humana neste século concluímos: O fato do ‘existir’ nos leva a entender e compreender de modo correto e integral que o homem não nasceu para viver sozinho, isto porque somos uma ‘tarefa inacabada’ que precisa ser burilada e concluída.

De acordo com as concepções acima referendadas entendemos que o filósofo Kierkegaard (*apud* Nicola, 2005), se refere ao ‘existir’ humano considerando que, uma maneira de sair desse sistema sufocante está em reivindicar, a ‘singularidade’ como única alternativa. Todo indivíduo na sua complexidade original, irreduzível a qualquer modelo, constitui a contestação viva de todo sistema. Porque a existência corresponde à realidade singular, e ao homem singular. Para uma planta singular, ou um animal singular, ‘ser ou não ser’ é algo decisivo.

Como Jung, filho de um pastor sem fé no que pregava e que lhe causava terríveis conflitos íntimos, também a vida de Kierkegaard foi marcada por vários questionamentos existenciais, principalmente na área da religiosidade. Os conflitos foram mais presentes em relação ao seu pai, um fanático pastor cujas concepções religiosas geravam constantes atritos com ele. Diante de tantas blasfêmias sobre a religiosidade, o filósofo desistiu de um confronto com a figura paterna e a sua vida ficou pontuada de um extremo vazio. E, se expressou em algum momento do seu existir:

“A Filosofia como mortificante e ascética meditação introspectiva sobre os temas do nada, da angústia, da fé e do significado da existência” (NICOLA, 2005, p.381).

Por sua vez neste pensar científico, Schopenhauer em suas concepções filosóficas nos coloca em sintonia com o ‘existir’ humano. Defende o exercício do silêncio, do jejum e da causalidade. E, igualmente, defende a renúncia sistemática, a fuga temporária da realidade, por meio da arte ou de práticas orientais de meditação, para que o ser humano possa entrar em contato com as suas vicissitudes, e observa:

O problema: É possível viver sem experimentar o sofrimento? Existe alguma possibilidade de aniquilar a vontade de viver que domine angustiadamente a existência?

A Tese: A vontade de viver condiciona todos os aspectos da existência, produzindo alternadamente sofrimento ou tédio. E posto que o instinto de sobrevivência esteja destinado ao fracasso (porque todo ser vivente deve morrer), não existe saída para essa dor universal. A única possibilidade de aplicar de algum modo a infelicidade construtiva da existência está em combater a vontade de viver com o exercício de uma oposta não-vontade ou nolontade (NICOLA, 2005, p.378).

Por outro lado, Pascal concebia o Universo, como uma esfera infinita cujo centro dela estava em toda parte e, a circunferência em nenhum lugar. O filósofo excluiu, em sua tese, a possibilidade de demonstrar a presença de Deus, por meio de argumentos. Somente a partir da verdade do ser, pode-se pensar na essência da divindade, pode-se pensar e dizer o que a palavra Deus pretende significar (NICOLA, 2005).

E, de acordo com a sua visão de mundo, uma das suas concepções:

O Problema: O que define a natureza do ser humano?

A Tese: O destino do homem consiste na mediania. As proporções do seu corpo tornam-no capaz de compreender a imensidão do universo e de ver os inúmeros mundos que existem em cada minúscula partícula da matéria. Da mesma forma, a psique não consegue conhecer a noção de tudo e a noção do nada; não é anjo e nem besta. Pascal condena tanto a visão otimista da realidade quanto qualquer subestimação pessimista, defendendo a tese do realismo trágico: o homem é uma estranha mescla de louvável grandeza e reprovável miséria, um paradoxo lógico, um monstro incompreensível até para si mesmo (NICOLA, 2005, p.247).

Diante de todos estes diálogos pelos ‘caminhos do existir’, das inúmeras observações e/ou indagações sobre o ser humano, igualmente sobre as questões filosóficas, que permeiam todas as escalas da existência, como Jung, Pascal, Kierkegaard e Schopenhauer vivenciaram momentos de preocupações com os processos que levam o ser humano à sua totalidade máxima.

Nesta visão de mundo a expressão de uns pioneiros e promotores do diálogo entre a ciência e a espiritualidade:

Em outros tempos e civilizações, esse caminho de transformação espiritual foi restrito a um número relativamente limitado de pessoas; agora, no entanto, se quiser preservar o mundo dos perigos internos e externos que o ameaçam, uma grande porção da raça humana deve procurar o caminho da sabedoria. Neste tempo de violência e desintegração, a visão espiritual não é um luxo elitista, mas algo vital para a nossa sobrevivência (SOGJAL RINPOCHE, 2007, p.172).

Foi desta forma que descobrimos a importância da Filosofia para a criação da história da humanidade e sobre a origem das coisas, visto que, a maioria dos seres humanos ainda acredita que tudo surgiu do 'nada'. Os filósofos conceberam, no ato da elaboração das suas teses, que sempre existiu alguma coisa que definiu o 'existir humano' e que isto precisa ser revelado a toda humanidade.

#### **2.3.4 Inferências sobre a Consciência dos Pensadores Contemporâneos**

Neste tópico iremos analisar de que forma alguns teóricos concebem a consciência do ser humano. A noção desta consciência torna-se uma vertente de suma importância no âmbito do sagrado e necessariamente deve ser respeitada e refletida por cada um de nós, enquanto parte integrante da existência humana intrinsecamente ligada ao cosmo.

Na íntegra esta concepção sobre o existir humano: “Estou à procura da minha consciência, não tenho direito a minha consciência? (AMIT GOSWANI, 2007, p.19).

Por sua vez, Ken Wilber (1996) pontua que, o ser humano aspira ao longo da sua existência o encontro de si mesmo, bem como, o desejo de revolucionar a síntese da condição humana para trilhar também pelos caminhos de um 'existir' consciente e sagrado. Entendemos que suas buscas dizem respeito ao conhecimento e a integração de toda a humanidade. Para ele o ser humano é definido como um 'ser' que é dotado de inteligência e vontade e merece algumas considerações sobre estes dois valores que são universais.

Considerado um dos grandes pensadores da atualidade, Wilber sugere a síntese pela totalidade da condição humana, na trilha da ciência, do saber científico e da espiritualidade. No contexto geral de tudo que o escritor pensa e expressa, está explícito na competição entre os sexos, movimentos liberais modernos, e acima de tudo as abordagens desta e de outras dimensões, em relação à espiritualidade e as quintessências do 'existir'. E enfatiza:

O ser humano, quando nasce, ainda não está socializado em nenhum sistema moral - ele é 'pré-convencional'. Em seguida, aprende um esquema moral geral que representa os valores básicos da sociedade onde vive-ele se torna 'convencional'. Com o crescimento ainda maior, o indivíduo pode vir a refletir sobre sua sociedade e ficar, assim, um pouco distante dela, tornando-se capaz de fazer críticas ou reformulações - o indivíduo passou a ser, até certo ponto, 'pós-convencional'(WILBER, 1996, p.36).

Quando lemos seus textos, percebemos que os movimentos do autor pelas buscas da espiritualidade, datam de 1989, trabalhando com um grande número de psicólogos, médicos, filósofo e místicos. Para Wilber, o seu argumento principal é perscrutar o ser humano em toda sua vastidão e completude universal, por meio de dois caminhos, o do plano físico e espiritual.

Em relação ao caminho da espiritualidade o físico Goswani (2007) sugere, ao seu leitor, elevar e estimular através de suas mensagens interiores e/ou subjetivas a lidar melhor com os conceitos da consciência humana, a ponto de querer elevá-la aos graus de uma plena e total evolução espiritual. E adverte que tudo que existe e se movimenta no cosmo é gerado pela consciência, quer dizer, tudo é transcendental fora do espaço/tempo. Sugere a interação constante entre a mente, o espírito e a ciência.

Clarinha nos chama atenção para refletirmos sobre os instantes em que somos assolados pelas perdas da nossa essência e paulatinamente, da nossa consciência pelo viés do 'existir'. A mensagem deixada pelo físico quando elaborou os seus escritos, significa um verdadeiro chamamento para a interiorização divina do nosso ser, bem como, para buscar e encontrar a nossa consciência perdida.

A partir de então Stanislav Grof (2007) trouxe para o mundo contemporâneo a respiração holotrópica, baseada nas suas próprias experiências com o LSD e criou uma técnica alternativa de cura através da expansão da consciência. Segundo ele as pessoas que se submetem às técnicas alternativas expandem suas consciências, transmutando, transcendendo e sintonizando com os mistérios da vida, e conseqüentemente com o Absoluto e pontua.

Nos estados holotrópicos ocorre uma mudança qualitativa de consciência de forma profunda e fundamental que não sofre danos como ocorre nas condições de causa orgânica. Tipicamente permanecemos completamente orientados em termos de espaço e tempo, não perdemos totalmente o contato com a realidade diária. Ao mesmo tempo, o nosso campo de consciência é invadido por conteúdos de outras dimensões da existência que podem ser mais intensos e até mesmo avassaladores (GROF, 2007, p.22).



Contatamos que o tema da consciência move muitos teóricos a pesquisar, refletir e avançar, neste campo sutil. Percebemos um avanço com as contribuições da Psicologia Transpessoal sobre a consciência e as maneiras que podemos transcendê-la.

Neste capítulo, queremos nortear de que forma o ser humano busca sintonizar com o Absoluto, seja na Grécia Antiga e em outras civilizações. Esta pesquisa serviu para compreendemos as vicissitudes do ser humano e conseqüentemente a fenomenologia paranormal pelo viés da existência.

### **3 A RIQUEZA DO PSIQUISMO HUMANO**

#### **3.1 O Ser e o Existir**

Um dos objetivos desta monografia é o de tentar legitimar diante das teorias do conhecimento, as percepções extras sensoriais (PES) de Clarinha ao longo da sua história. Um ser humano de perfil “incomum” e que possui como parte integral do seu ‘ser’ e do seu ‘existir’ uma ascendência familiar com um histórico de vivências paranormais. A herança espiritual partiu da sua prima Bel que, aos 15 anos, apresentava manifestações mediúnicas dentro do grupo familiar canalizando uma índia, Jurema da Mata Virgem e que, posteriormente passou a experienciar esta mediunidade no centro umbandista no interior piauiense.

Abraçar a missão fraterna nas PES de Clarinha configurou-se, em nós, grandes desafios pelos caminhos sagrados. Instalou-se no âmago do nosso ‘ser’, vários questionamentos e indagações, algo parecido como ‘fuga’, ‘medo’ e ‘inseguranças’ diante do quadro de incertezas. Cujas noites de insônias nos abateram energeticamente associadas aos desafios que se anunciavam diante deste processo sutil para o qual não estávamos habilitadas.

Entretanto auxiliá-la através da ajuda e gestos amorosos conseguiram solucionar em parte os seus problemas e dificuldades existenciais. Uma parceria que deu certo como amiga de infância, confidente e profissional de saúde.

De imediato procuramos conhecer as teorias da Psicologia Analítica de Carl Gustav Jung, e ainda, orientações de estudiosos da mente humana, como verdadeiros pilares para a concretização dos objetivos desejados. Somada a isso, as pressões sutis que nos foram impostas de todas as direções, atingiam a nossa individualidade. Os bloqueios energéticos e a baixa frequência vibracional nos desconectavam com o absoluto (Deus), a ponto de temer não encontrar bibliografias compatíveis com as propostas formuladas por nós. Entretanto, sanados todos os conflitos o acolhimento ressurgiu de modo claro, evidente e integral.

Diante do processo ‘em busca do conhecimento’, as subjetividades de Clarinha tornaram-se parte integrante da nossa existência. Os seus sonhos recorrentes e as intuições exacerbadas ora analisadas através dos fundamentos da teoria de profundidade fluíam ordenadamente, algo parecido como os ‘conteúdos’ que tipificam as “incursões aleatórias do inconsciente” e nos reportam ao existir de Jung para existir de Clarinha. Eventos similares que ocorreram com Jung em situações idênticas quando iniciou as suas ‘faculdades paranormais’. E igualmente ao se confrontar também com a sua inconsciência, analisando os relatos dos seus pacientes, bastante influenciados pelos “fenômenos espirituais”, vivenciados também, em sua casa e em sua prima *Hélène*.

Dentro deste contexto fenomenológico assim se expressa Kardec (1972, p.33 *apud* ARGOLLO, 2004, p.33) sobre a existência desses episódios: “Designamos assim, (médiuns sensitivos) as pessoas suscetíveis de ressentir a presença dos Espíritos por uma vaga impressão, uma sorte de roçagem sobre todos os membros, da qual elas não podem se der conta”.

A nossa tarefa a partir de então foi auxiliar uma pessoa sensitiva tomando por base as experiências de Jung nos aspectos que nortearam aquele vivenciar sutil face ao ‘existir’ de Clarinha. Significou para nós um verdadeiro presente concedido pelo Universo. Uma tarefa de longo alcance fenomenológico e acadêmico que, uma vez cumprida todas as etapas dos questionamentos dela, enquanto sensitiva, fui paulatinamente ‘treinada’ a responder estas suas indagações que envolvem as PES. Entretanto para entender profundamente a paranormalidade da amiga, torna-se pertinente compreender os detalhes de sua vida, quer dizer na infância, na adolescência e na idade da razão. Ficar atenta aos seus eventos nas questões do ‘sobrenatural’, tanto individualmente como membro de grupos e comunidades, inferindo além das suas percepções normais. Retrocedendo às vivências sutis desta jovem, vale recordar as

reminiscências de sua infância feliz. Um vivenciar sutilezas diante da natureza rodeada de surpresas por todos os planos, oriundos do planeta Terra ou dos espaços siderais. Momentos ‘numinosos’ ou ‘sagrados’ e ricos de magias. Com um elevado grau de sensibilidade, a amiga se permitia visualizar ‘percepções incomuns’ e inconscientes sobre o perfil das pessoas e situações, para a qual Jung (2006) denominou de ‘função intuição’. Um jeito especial de pensar sutilezas e se autodefinir, nas questões do simbolismo dos sonhos e fantasias do ‘sobrenatural’ daquela época, sem apoio psicológico do terapeuta e das teorias do conhecimento.

Marie-Louise Von Franz (1990, p.45), estudiosa dos sonhos e ex-discípula de Jung enfatiza:

Cada sonho que temos dentre milhares no decorrer da nossa vida, é único. Uns são diretos, outros mais complexos, mas todos os sonhos são espontâneos e imprevisíveis. É, portanto surpreendente observar que muitos deles têm uma estrutura identificável, um arcabouço a partir do qual se organizam.

Ansiosa, nos momentos de conflitos consigo mesma, Clarinha preocupava os seus pais, irmãos, amigos e professores. Melancólica, adentrava numa espécie de casulo particular; enquanto que nas situações de grandes percepções, transformava-se no ‘portal’ da sua insegurança. Desconectava-se da realidade psicofísica, tornando-se levemente ausente de si mesma, para interagir nas dimensões de outros mundos. Solitária, apresentava dificuldades na escola ou na família. Esquiva, não cantava e nem se divertia. Deslocava-se do ambiente no qual deveria estar inserida, para entrar num profundo estado de subjetividades e instalava-se no nível mais profundo da sua individualidade, ansiosa e cheia de mistérios.

O seu grupo familiar era composto por sete irmãos incluindo seus pais. Destacou-se por apreciar histórias de assombrações e igualmente, pela capacidade de manifestar-se dentro da família como uma jovem corajosa e intuitiva. Em alguns momentos da sua infância demonstrava prazer em permanecer sozinha, talvez tentando se conectar com as outras dimensões. Por outro lado, no seu grupo de folgedos revelava-se uma líder. Todas as brincadeiras tinham como marca registrada um modo todo especial de interagir com ‘sabedoria’, o que ficou evidente nas brincadeiras de rodas nas noites de lua cheia. Um temperamento ‘incomum’ a tornava atraída pelas histórias misteriosas, a existência de bruxas feiticeiras, casas mal assombradas e velhos fantasmas, os ‘predadores do Universo’.

Quando distraída e profundamente solitária, conseguia adentrar nos reinos do seu psiquismo e refletia a liberdade dos pássaros: “Como eu gostaria de entender o ‘chilrear sutil’ das andorinhas, quando em revoadas para se abrigarem das intempéries das noites cósmicas” (CLARINHA, 2000, p.98).

Noutras ocasiões demonstrava uma relação toda especial com o seu cachorro de estimação, o verdadeiro guardião da casa e da família que atendia pelo nome de “Rompe Ferro”. Nome “Valente” e bastante poderoso, escolhido pelo seu genitor. Para os familiares era “um cãozinho amoroso” que suscitava segurança àquele espaço físico por ocasião das chuvas e tempestades.

Um jeito bucólico de ser da natureza, os arbustos ornamentavam os arredores da sua modesta casa de campo. Um tapete de gramas nativas daquele quintal servia de palco para as brincadeiras de “esconde- esconde” e igualmente de apoio à farta alimentação, ao grande número de pássaros e andorinhas, que por lá vadiavam. Aquela geração era a dona da natureza verdejante, cheia de cores e de mistérios. O doce cenário compartilhava com ela, como um fiel escudeiro. A parcela de chão multicolor, rico de fruteiras e lindamente enfeitado com as rendas deixadas pelos reflexos amarelos do sol nascente, inspirava a amiga às sutilezas da vida. O transpassar dos raios solar naquelas folhagens sutilmente alimentadas pelas energias “prana”<sup>23</sup>, invadia os espaços mais íntimos do seu ‘ser’ e a tornava cada dia mais desperta para trilhar os caminhos sagrados.

Nos espaços da interatividade dela com a “mãe natureza”, costumava construir as casas das suas bonecas suspensas nos galhos das mangueiras. No seu mundo ‘imaginário’ sonhava ser um dia, a mãe de uma linda criança. Suas arquiteturas elevadas eram ricamente decoradas com os arranjos florais, colhidos da natureza. Autêntica, ostentava os dons da decoração campestre e nos permitia vislumbrar nas ações da amiga, a construção de um modelo similar aos “jardins suspensos” da Babilônia<sup>24</sup>.

Neste oásis de alegrias e em clima de doce infância, Clarinha construía algumas pontes, com a areia molhada e que fora extraída dos arredores da casa. Naquela ingênua ocupação edificava

---

<sup>23</sup> Energia solar que permeia todo o Universo e significa em sua essência energia absoluta.

<sup>24</sup> Babilônia foi uma cidade construída pelo Rei Nabucodonosor, localizada entre os rios Tigre e o Eufrates, no Oriente Médio.

hospitais e casas de saúde, mas tudo de “mentirinhas”. A sua ‘imaginação criativa’ dava vazão às suas subjetividades no decorrer dos seus dias. E nesse vivenciar sutil, quantas vezes indagou-se a si mesma! Como, por exemplo, se em algum momento da sua vida seria ou não, capaz de voar pelos espaços siderais, mediante comportamentos inusitados, tal qual o “zigzaguear dos pássaros”, quando ansiosos, perscrutadores ou ricos de energias. Contemplava altaneiros, os retalhos da liberdade dos pássaros nas fugas em revoadas, fugindo, talvez dos predadores e cativeiros domésticos.

A destemida amiga tinha algumas particularidades que a tornavam no dia-a-dia corajosa e aventureira. Gostava de saltar do seu trapézio, que fora improvisado com madeira e cordas, a partir dos galhos suspensos das mangueiras que circundavam de gratuita beleza os arredores da sua casa. E nesse movimento do ‘ir e vir’ desses balanços efêmeros, Clarinha jogava-se no espaço/tempo, até alcançar o apoio da cerca mais próxima do seu sítio, para imitar um pássaro voador. Tentava voar a fim de se equilibrar docemente, com a sabedoria das suas asas sutis. A intenção dela seria voar em direção ao esplendor de um céu índigo ou da natureza verdejante. Quer dizer, para a amiga, esse comportamento livre de ser, dava-lhe a nítida sensação de que “voar” em direção à cerca, era como se ela voasse em direção ao cosmo, um dos seus maiores desejos durante o seu trilhar infantil.

As ‘alquimias’ de Clarinha, eram realizadas nos galhos das goiabeiras. O seu laboratório experimental servia para dar vazão à sua criatividade, aos seus sentimentos subjetivos e asas à imaginação. Aqueles significados mais próximos do seu ‘ser’, na tentativa de desvendar mistérios que o Universo lhe proporcionava como “experimentos–chaves”. Ocasão em que ela observava a natureza, as pedras, rios e riachos distantes dos experimentos científicos e/ou matemáticos como faz a ciência.

Clarinha comandava o espetáculo das brincadeiras noturnas. O espaço das varandas da sua residência transformava-se num verdadeiro teatro e as danças improvisadas se estendiam até altas horas. As cadeiras e os lençóis da sua casa decoravam o ambiente para dar lugar à privacidade daquele espetáculo ao ar livre. Nas noites chuvosas a amiga sentia insônias, a fiel companheira nas indagações e questionamentos sutis pelo viés do firmamento. A sua ‘biodimensionalidade particular e universal’, manifestava-se.

Outro fato interessante marcou os dias da frágil amiga do interior piauiense. Manter consigo um livreto de sonhos<sup>25</sup> e na palavra chave desse material onírico, procedia as considerações empíricas das suas vivências subjetivas, ao seu grupo de amigas. O fiel escudeiro e expectador das suas buscas no tocante aos significados do sobrenatural. Diante desse material exposto, um imenso pavor estendia-se sobre a garotada. E enquanto as lendas das Fadas, dos Lobisomens e dos Sacis Pererês e a existência de casas mal assombradas aguçavam a sua mente, para os demais amigos tinham conotações diferentes.

Com o passar dos dias Clarinha adquiriu o hábito de anotar seus sonhos numa agenda diária e, igualmente consultar naquele livreto o seu vivenciar sutil para posteriormente refleti-los, pois para ela aqueles sonhos poderiam talvez no futuro distante representar os subsídios de todo um simbolismo universal do seu psiquismo, ou talvez, um sinal do que ainda estaria por vir. Num dado momento dos nossos contatos, ouvimos da própria Clarinha, uma singela declaração - que não sabia como esse livreto de sonhos veio parar em suas mãos e assim se expressa: “Já que esse livreto surgiu na minha vida, quero mantê-lo guardado a ‘sete chaves’ e escondido debaixo do meu travesseiro para questionar os meus lampejos [...]” (CLARINHA, 2000, p.45).

O certo é que o livreto de sonhos preenchia em larga escala as suas horas de ócio. E entendemos que este material rico de sabedorias foi considerado por ela durante sua infância como os conteúdos de suma importância nos momentos do seu caminhar. Visto que os ‘conteúdos’ contidos nele foi um fiel companheiro na arte de desvendar os mistérios dos seus sonhos, e compreender os seus pesadelos por ocasião da imensidão das noites.

Diferente das amigas, Clarinha jamais sentiu pavor das sutilezas da vida e nem das noites ‘mal assombradas’. Contra este suposto pavor, apoiava-se na mini oração que aprendera com a sua genitora, e que passou a recitá-la diariamente antes de adormecer para se guardar das inseguranças noturnas. Um gesto realizado por ela e notadamente recitado em voz alta e de joelhos.

“Santo Anjo do Senhor, meu zeloso guardador  
Só a ti me confiou à piedade divina,  
Sempre me rege. Guarde-me. Governe-me. Ilumine-me

---

<sup>25</sup> Através deste livreto dos sonhos foi que conseguimos extrair as subjetividades de Clarinha. Este material vai ser abordado à luz da psicologia Junguiana no quarto capítulo, desta Monografia.

“Amem” (Oração com aprovação eclesiástica).

Recordamos plenamente, como se fora hoje, que os fatos que irrompiam no inconsciente de Clarinha iam se configurando no interagir de si mesma. Contudo procurava evoluir e por em prática a sua criatividade. Jamais se deixava abater e transparecer preocupações diante dessas sutilezas, pois sempre procurou comportar-se como uma garota feliz. Jamais se deixou tragar pelas ‘sabotagens’ do seu inconsciente ou anular-se como pessoa ‘especial’ que é, e nem se “dissociou” da sua realidade psicofísica enquanto sensitiva e dotada de dons sobrenaturais.

Diante das evidências sutis, observamos que o processo espiritual e sensorial de Clarinha evoluía, na medida em que ela crescia. Motivada, sobretudo, a alçar novos vãos pelos espaços da sua existência, em busca do autoconhecimento.

### **3.2 Adolescente Médiun e Mística**

Durante a transição da sua infância para a adolescência, Clarinha vivenciou grandes desafios próprios da idade. Os seus problemas e dificuldades existenciais foram carregados de várias questões e permaneceram durante longos períodos da sua vida sem respostas. Entretanto, com a sua sábia curiosidade, ela encontrou nas cartas do Tarô uma espécie de compensação para as suas indagações. As figuras coloridas diante dela, a atraíam fortemente e tinham poderes adivinhatórios. Um simbolismo especial imaginava. Aquelas cartas coloridas pareciam transmitir os significados dos mistérios interiores do seu existir e desvendava as suas eternas magias.

Sallie Nichols (2007, p.18) ex-discípula de Jung, define as cartas do Tarô como mensagens da mente universal:

[...] um baralho de cartas misterioso de origem desconhecida. Tendo pelo menos, seis séculos de existência, é o antepassado direto das nossas modernas cartas de jogar. No decorrer das gerações, as figuras pintadas nessas cartas desfrutaram de muitas encarnações.

As pesquisas sobre os oráculos nos fizeram entender que as figuras do Tarô transmitiram à sua individualidade um referencial simbólico, ou seja, representavam o espelho do seu pensamento inconsciente, e um instrumento terapêutico das suas ‘projeções’. Através desses

oráculos, Clarinha encontrou respostas às suas indagações e dos amigos, quando era solicitada.

De acordo com Clarinha, a sabedoria Oracular proporcionou-a, quando adolescente e na idade da razão, momentos de encantamentos e eternas magias. Porque se trata dos sistemas simbólicos mais antigos da humanidade, cuja beleza e magia são movidas por aspectos ‘divinatórios’. Como simbolismo, esses oráculos continuam interpretando o ‘existir’, em seus diversos níveis, ao fazer a ponte entre o ‘conhecido e o desconhecido’. Perante os seus significados, essas cartas são consideradas uma síntese das ciências herméticas como a Cabala, a Alquimia, a e Astrologia.

Enquanto fantasias, aqueles oráculos lhe remetiam pensamentos, com uma série de atributos psicológicos novos e pouco habituais. Entretanto ajudava Clarinha a questionar quanto à existência de vida após a ‘morte’, ‘reencarnação’ e a presença de ‘espíritos errantes’. As suas indagações, nestes aspectos, geravam promessas, se estas sutilezas poderiam conviver ou compartilhar com os seres humanos na natureza circundante beneficiando ou ajudando alguém. Indagava-se, ainda, se esses conteúdos guardados nos porões do seu inconsciente atestavam um modo subjetivo seu e diferenciado de encarar a vida, fora dos padrões normais, da maioria das pessoas da sua idade, eis a questão.

No clima, de grandes descobertas pelas coisas sutis já percebíamos na garota um ser bastante sensível, consubstanciada, talvez, pela riqueza das benesses do Poder Absoluto e da natureza circundante. Vivenciando o seu cotidiano desperta e aceitava mais uma das parcelas de sua vida, integrada ao Cosmo. Parcialmente poderosa, diante das potencialidades de um “perfil incomum”.

Os seus dos doze anos, foi o período em que Clarinha percebia-se mais suscetível às ‘coisas’ do sobrenatural. O momento no qual eclodiam sonhos estranhos. Alguns, interessantes, outros, pavorosos e assustadores. Suas fantasias giravam em torno de como ‘voar para os espaços siderais’ sem ter as famosas asas dos pássaros da natureza.

Foram estas as indagações que a amiga fazia a si mesma e que em nenhum livro ela encontrou respostas e/ou explicações para esses eventos. Apesar de não encontrar as respostas às suas indagações, contentava-se ser apenas um ‘ser pensante’, magrela, leve, livre e solta, mas que



independente da sua vontade, interagiu na realidade psicofísica, conectando-se simultaneamente em duas dimensões.

A sensação percebida por Clarinha nos levou a entender que tinha sido aberto as comportas para os confrontos com o seu inconsciente. Essas mensagens não apresentavam ainda nenhum significado para ela, contudo, nossa amiga elaborava as suas constantes indagações, “eu vivenciei sonhos ou ilusões?” (CLARINHA, 2000, p.4).

Nos inúmeros encontros para conversar sutilezas, compreendemos que a amiga crescia e se desenvolvia como ‘ser pensante’ e as suas experiências paranormais iam se configurando e intensificando-se. Quando completou 15 anos, deu início às suas experiências mediúnicas e os episódios vivenciados por ela, tinham bastante semelhança com as vivências subjetivas de Jung e igualmente com os *xamãs*. Estas experiências foram reprimidas por ela, por várias razões, por exemplo, a do preconceito, rejeição e discriminação familiar por parte dos seus genitores, principalmente do seu pai.

Em seguida a amiga passou a frequentar sessões espíritas, na residência de um familiar seu que é médium. Atitude que sempre adotou longe dos seus genitores e outros familiares mais distantes. As suas visitas às reuniões espíritas geralmente foram acompanhadas pelas irmãs, que eram bastante curiosas e questionavam também aquela filosofia de vida. No entanto ela e as irmãs frequentavam as reuniões escondida dos pais no centro umbandista de sua cidade.

Certa ocasião, Clarinha nos fez revelações importantes sobre as suas ‘subjetividades’. A primeira manifestação mediúnica ocorreu ao adentrar no centro umbandista quando interpreta intuitivamente, de modo claro e sereno, um cântico de louvor aos presentes, cujos versos estavam implícitos uma excelente mensagem de fraternidade universal. Este canto falava da Caridade da Fé e da Esperança. Sendo que a Fé foi entendida pelos presentes como a detentora de todas as virtudes na escala da evolução espiritual.

O Cântico de louvor acima referenciado assim se resumiu: “A fé remove montanhas, é a lei do Salvador, dá Esperança aos que sofrem Caridade a implorar. Essa força unificada vem dos pés de Oxalá. Só as três unificadas podem o bem praticar”.

Este canto de louvor, captado de modo sutil pela amiga, até a presente conjuntura, é cantado no Centro Umbandista de Jurema da Mata Virgem, localizado no litoral piauiense. A entidade que se manifestou no momento do evento, identificou-se como sendo um Índio Tupi da “tribo dos guaranis”.

Após esta percepção auditiva, Clarinha começou a fazer atendimentos de curas da seguinte forma: O índio se manifestava nela e fazia várias consultas. Certa ocasião levou à cura uma garota de 12 anos de vida que vivia nos hospitais da cidade, sofrendo com uma infecção dermatológica generalizada. Esta garota foi tratada espiritualmente pela entidade de Clarinha e sarou em poucos dias. O tratamento ao qual foi submetida incluiu apenas banhos de sal grosso, de folhas de arrudas e mentalizações em busca da cura.

Com estas visitas ao centro, a amiga evoluiu e ficou bem mais perceptiva. Quando canalizava o índio, desenhava pontos, verdadeiras circunferências, e no interior desses desenhos a representação de dois símbolos, o ‘arco’ e ‘flecha’, que, segundo ele, eram forças espirituais do Universo que curavam os corpos sutis do ser humano em seus momentos de fragilidades.

Por sua vez Jung pontuou essas circunferências como “mandalas”, círculo mágico, símbolo da meta e do si mesmo. E enfatiza:

[...] em sânscrito, significa círculo. Este termo indiano designa desenhos circulares rituais. Ela ajuda a concentração, diminuindo o campo psíquico circular da visão, restringindo-o até o centro [...] A meta da contemplação dos processos representados na mandala é que o iogue percebe (interiormente) o deus, isto é, pela contemplação ele se reconhece a si mesmo como deus, retornando assim da ilusão da existência individual à totalidade universal do estado divino (JUNG, 2007, p.351-353).

Nesta fase de sua vida, Clarinha tornou-se mais sensitiva por ter vivenciado experiências umbandistas e no centro espírita convencional. A partir daí nós consultamos artigos e revistas espíritas para nos auxiliar nas questões sobre as percepções sensoriais. Pesquisamos a vida de médiuns que se destacaram dentro da filosofia, principalmente sobre as ações do sensitivo Chico Xavier. As nossas leituras tinham por objetivo, entender o que se passava no âmago do ser humano enquanto sensitivos. Enfim, pretendíamos estar habilitada dentro da filosofia espírita pelos caminhos da existência.

Dentre as obras espíritas, estudamos o ‘Evangelho Segundo o Espiritismo’ de Allan Kardec, cujas informações mais detalhadas sobre essas questões doutrinárias contribuíram significativamente para auxiliá-la de modo fraterno. No decorrer dos nossos estudos, detemo-nos especialmente nos textos doutrinários sobre a existência de espíritos, do exercício da afabilidade, da paciência, da doçura, da obediência, da resiliência, da caridade, da temperança, do amor e do perdão. Quais as verdades e virtudes que devem ser contempladas como a súpula dos itens expressivos do Evangelho que rege a doutrina espírita.

A partir do conhecimento da filosofia, os textos pesquisados levaram-nos a exercitar a grandes reflexões sobre a nossa função como ‘ser pensante’ diante do mundo e do Universo. E, igualmente, o dever de apoiar os sensitivos pelos caminhos do sagrado. Um chamado importante a todos os mortais que habitam esse planeta cuja visão missionária e fraterna assim se resume:

As grandes vozes do céu ressoam como o som da trombeta e os coros dos anjos se reúnem. Homens, nós vos convidamos ao concerto divino, que vossas mãos tomem a lira; que vossas vozes se unem, e que num hino sagrado se estendam e vibre de uma extremidade a outra do Universo (KARDEK, 2005, p.6).

### **3.3 Idade da Razão ou Deusa Dividida?**

Seguindo o curso da vida, traçado como uma flecha do tempo, Clarinha chegou à fase adulta enfrentando dificuldades inerentes às pessoas que vivenciam situações classificadas como paranormais. Resistiu às investidas críticas, sem ter qualquer apoio para um equilíbrio emocional compatível com o seu momento. Uma convivência ‘intramundos’ enfrentando-se a si mesma, sob os estigmas impostos pelo comportamento da sociedade que abomina ou ignora considerações desta natureza.

A partir deste momento Clarinha passou a dar bastante importância à comunicação sutil entre as pessoas e aos seres “aeriformes” (espíritos). Procurou manter esta chama acessa em sua alma, como um modo sutil de ajudar os seres humanos que, como ela, experienciam problemas e dificuldades sensoriais pelo viés da existência. Dotada de um temperamento extrovertido, ela conseguia despertar nas pessoas que somos capazes de viver a alegria de sentir a fluidez da vida nesta, e em outras dimensões. E, ainda, passar uma mensagem bastante amorosa em tudo que se compromete fazer e realizar no processo de cada existência

individual. Clarinha externa que quão maravilhoso é perceber o espetáculo energético e vibracional que emana do cosmo.

Ela se refere a uma luminosidade incandescente, tais quais os tons brancos de cristal, dos vermelhos, das laranjas e ou dos amarelos, associados aos tons multicoloridos do arco-íris e do grande Sol Central. Igualmente poderosos, os tons dos verdes, dos índigos ao violeta, tonalidades de alto poder curativo e energético, que são presenciados por ela em outras dimensões. De fato, as tonalidades das cores acima mencionadas, elevam a nossa frequência vibracional e têm verdadeiros poderes de cura. Extasiada com a sublime e indescritível beleza, Clarinha declara que escolheu para alimentar os seus corpos sutis, o ‘violeta’ que representa a cor da transmutação.

Neste cenário de luzes, a amiga percebe de modo sutil que esses eventos são movidos por milhares de milhões de fótons ou partículas de luz, que enriquecem e energizam a humanidade carente de amor e ‘sabedoria’. Neste espetáculo são canalizadas as mensagens oriundas dos mestres da espiritualidade, uma espécie de ‘chamamento’ para trilhar pelos caminhos da luz, da paz, do amor e da Sabedoria.

Nesta fase de total crescimento espiritual Clarinha recorda as ‘projeções’ de suas vidas passadas através dos sonhos, das noites cósmicas, das suas visões e intuições exacerbadas. Quando em vigília ou em estado desperta, costuma perceber-se em outras dimensões, vivenciando as tarefas de uma mulher cigana, corajosa, cheia de desejos e fantasias sobre os mistérios do existir. E, igualmente como membro integrante de uma comunidade de ciganos. Em outro momento, revive um período com os seus pares (familiares e amigos), vezes dançando ou jogando as cartas do seu minúsculo Tarô.

Em outros períodos dessas ‘viagens sutis’, Clarinha vivenciou outras práticas das magias e encantamentos nas noites de lua cheia. E se reconheceu participando livremente das festas dos batizados e casamentos, dentro dos rituais ciganos. Noutros eventos se deixa perceber atuando como médica sensitiva e ‘refém’ da Inquisição, no período da Idade Média. Um tribunal eclesiástico da Igreja Católica que costumava castigar ciganos, bruxas e feiticeiros por não admitirem qualquer pensamento que contrariasse os seus dogmas religiosos.

Foram observados também, que seus sonhos recorrentes revelam a evolução e crescimento espiritual quando se permitia também ‘projetar’ um período da sua vida desde o tempo em que era criança, de dois para três anos. Entretanto, observamos que com o passar dos anos, seus sonhos já se apresentavam de modo diferenciados em sua essência. Sonhos que envolviam uma alegoria espiritual de outros mundos. Percebendo-se ‘adulta e íntegra’ em sua totalidade máxima que, de acordo com ela, essas projeções continuam vivas e presentes em seu existir. Foram estes os episódios que marcaram a ‘alma’ de Clarinha. Na íntegra, um pequeno texto extraído do seu Diário particular que somam esta visão do ponto de vista psicológico e emocional no qual ela se encontra agora.

Em certa manhã (já adulta) me percebi criança, de dois para três anos, caminhando num deserto em direção ao sol nascente. Não estava sozinha, mas na companhia de um mago vestido de cristal. Na minha santa ingenuidade, não demonstrei nenhum interesse pela caminhada. Uma atitude normal para uma criança da minha idade (CLARINHA, 2000, p.13).

Diante de tantas informações procedentes do Cosmo, a amiga nos confia, a todo minuto e a toda hora, que prefere acreditar ser uma pessoa tão normal quanto os seus pares. Sendo assim, se aceita como sendo uma verdade ‘indivisível’, porém, com suas peculiaridades naturais. Dotada de poderes extra-sensoriais, que a possibilitaram experienciar os seus eventos e seus mistérios no planeta Terra e simultaneamente conectada ao cosmo. Em tempo recorde, fazer uso deles, somente para praticar o bem, confiante, consciente e sem receios. Dirigir os seus projetos e participar da vida sob uma visão do mundo em duas dimensões, eis a questão!

O mundo imaginal, antes de tudo, é um mundo que nos desafia a superar nossas dificuldades [...] por causa disso percebemo-nos, num acontecimento que lembra os contos de fada [...] organizado a partir de um ponto central. A este denomino o cerne do Si Mesmo (PIETTER MIDDELKOOP, 1996, p.11).

Clarinha costuma revelar que, no ato do seu ‘existir’, lança mão da sua coragem e inteligência para colocar seus projetos em dia e se relacionar com os seus semelhantes, nas incessantes buscas pelas verdades, com as quais se identifica. Ela entende que o ser humano continua a se questionar onde encontrar as “verdades temporais” sobre a existência do ser humano e em quais teorias científicas acreditar.

Então para esta jovem, o ato do existir conscientemente, é fundamental. Faz parte do existir de todo ‘ser’ o desejo de aspirar para si e para toda humanidade a plenitude no amor divino. Configurar-se como parte integral do mergulho ‘consciente’ pelos caminhos sagrados e no

ritmo de fragmentação das suas partes (alma mente e corpo físico). Para tentar a recuperação do ‘elo transcendental’ que fora perdido nas convivências humanas, no ‘aqui e no agora’, nesta, e em outras dimensões da quintessência<sup>26</sup>.

Uma das principais tentativas de Clarinha é clamar pela existência de uma sólida fundamentação científica que possa ‘avaliar e validar’ a fenomenologia paranormal. Compreende que as pessoas envolvidas nesse sistema sutil, possam interagir conscientes com as ocorrências que normalmente envolvem as PES (viagens astrais, sonhos recorrentes, premonições, precognições, clarividência, clariaudiência e psicocinese) e outros eventos do gênero.

### **3.4 Um Despertar Interior**

O Jung (1971) em seu livro *Psicologia do Inconsciente* dá uma visão geral do processo do autoconhecimento de um ser, para que o mesmo chegue às suas origens, às verdades individuais e conseqüentemente à sua essência, nos direcionamentos da sua vida.

Quando Jung elaborou os conceitos sobre o inconsciente baseou-se no estado de pós-guerra (primeira guerra mundial) em que eclodiu uma gama de problemas de ordem psíquicos, vivenciados pela clientela fragilizada, como uma resultante fulminante deixada por ela. Os saldos negativos do modo daquele vivenciar atingiram em cheio seus pacientes, e conseqüentemente as suas almas.

Com a sua sabedoria intuitiva, ele elaborou o ‘princípio de individuação’ *i, é*; um processo terapêutico que operacionalizado no limiar do intelecto da Alma, tende a se realizar, germinar e crescer. Para Nise da Silveira (1997), a individuação inclui o desenvolvimento das potencialidades de um ser mesmo que inconscientemente mobilizados por forças instintivas, tende a acontecer beneficiando sobremaneira o fortalecimento do ser humano sob atendimentos terapêuticos.

O homem é capaz de tomar consciência desse desenvolvimento e de influenciá-lo. Precisamos no confronto do inconsciente com o consciente, no conflito como na colaboração entre ambos é que os diversos componentes da personalidade

---

<sup>26</sup> No caso o quinto elemento, oriundo da tradição Grega, um tipo de matéria especial adotado por Aristóteles. Uma hipotética substância, sublime e perfeita com a qual os corpos celestes são feitos e que preenchem o cosmo.

amadurecem e unem-se numa síntese, na realização de um indivíduo específico e inteiro [...] Aquele que busca individualizar-se não tem a mínima pretensão a tornar-se perfeito. Ele visa completar-se, o que é muito diferente. E para completar-se terá de aceitar o fardo de conviver conscientemente com as tendências opostas, irreconciliáveis [...] tragas estas as colocações do bem ou do mal (SILVEIRA, 1997, p.77-78).

No processo de Clarinha, o acúmulo de dificuldades “bio-psico-sociais” e energéticas, não tiveram aquelas repercussões devastadoras procedentes dos momentos conflituosos de um estado de pós-guerra, acima referido, época na qual o cientista tratava dos seus pacientes em Zurique. Mesmo tendo um vivenciar sutil menos doloroso daqueles clientes de Jung, Clarinha entrou no processo de fragilização das suas partes (alma, mente e corpo físico) tornando-se pertinente realizar a sua ‘individuação’, e elaborou satisfatoriamente a cura compatível com os seus anseios.

O seu perfil psicológico evoluiu e adentrou nos reinos do seu psiquismo, fortaleceu o seu ‘ego’, e uma vez habilitada passou a exercer as suas escolhas no ‘aqui e agora’ com sabedoria e mestria. E, compreendeu que o processo da ‘individuação’ desde que bem conduzido, é salutar ao ser humano; abre as portas para as suas realizações pessoais, e autodeterminação consciente em busca do conhecimento como descreve Silveira (1997 p.16-17).

O processo de individuação não consiste num desenvolvimento linear. É um movimento de circunvolução que conduz a um novo centro psíquico. Jung denominou esse centro *self* (si mesmo). Quando consciente e inconsciente vêm ordenar-se em torno do self, a personalidade completa-se. O *self* será o centro da personalidade total, como o ego é o centro do campo do consciente [...] Para que o indivíduo não seja tragado pelo consciente, adverte Jung, é necessário manter-se firmemente enraizado na realidade externa, ocupar-se da sua família, ocupar-se da sua profissão. E sem perder o ânimo e encarar face a face às imagens do inconsciente.

Estes seguimentos terapêuticos auxiliaram-na a restabelecer-se com as suas verdades. Um sentimento sutil que normalmente acometem os sensitivos desprovidos de apoio terapêutico e que uma vez, desconectados da sua realidade psicofísica, perdem a alegria de viver na completude do ser. Entretanto, apesar das ‘voltas que o mundo dá’ as fragilidades da amiga foram paulatinamente superadas.

### **3.5 A Linguagem das Deusas**

Foram vários os recursos mobilizados por nós, para tentar identificar o tipo ‘bio-psico-social’ de Clarinha durante a sua vida. Compreender, sobremaneira os seus anseios e sentimentos

paranormais experienciadas pelo viés dos eternos ‘mitos femininos’, bem como auxiliados pelas janelas do seu inconsciente. Oportunidade de sentir a presença psicológica de um “perfil incomum” que muitas vezes reconhecemos de modo intuitivo em nós ou em alguém a nossa volta e que, por assim dizer, fazem parte do nosso existir. Despertamos por assim dizer à noção de que as deusas Demeter, Ártemis, Afrodite, Perséfone, Atena e Hera, nos remetem a um simbolismo característico em cada ‘ser humano’ individualmente, membro de grupos e comunidades, cujos perfis psicológicos estão cada vez mais em voga no mundo e no Universo.

Neste refletir sutilezas, através das informações mitológicas da beleza das deusas interior, encontramos uma espécie de guia imaginário, com o qual Clarinha se identificou com os ‘mitos femininos’, que moldam e emolduram a vida das mulheres, durante o percurso das suas existências.

Há uma dinâmica fundamental por trás das atitudes de uma mulher como essa que a torna singular enquanto tipo. Parte é adquirida socialmente e parte parece ser inata. Quando a mesma dinâmica psicológica é constatada num grupo de pessoas, temos o que Jung denominou arquétipos. O cientista foi o primeiro a observar que tipos dinâmicos dessa espécie podem ser encontrados em sua forma mais pura na mitologia e na literatura, e que também estão presentes, disfarçados nos sonhos e nas fantasias de todos nós (JENIFER WOLLGER e ROGER WOLLGER, 2007).

Voltando aos momentos de Clarinha, principalmente aqueles de profunda interiorização, ousamos indagar: quanta vez esta jovem sensitiva e paranormal sentiu-se uma deusa? O arquétipo da psicologia humana que está sempre ao lado de qualquer mulher quando reprimida? E, igualmente insegura, desprezada ou negada exteriormente, no contexto da sociedade contemporânea e por que não dizer, da sua inteireza?

Em respostas a essas indagações, os estudiosos do tema, expressam de modo claro as ‘projeções’ dos vários sentimentos das “beldades femininas” quando, no seu mundo interior, identificam-se com as Deusas, os maiores mitos das suas almas.

Nessa concepção mitológica, a mulher Atena regida pela sabedoria milenar busca a realização profissional. Professora pela educação e por uma justiça social repleta de intelectualidade na



política. Por sua vez, a mulher Afrodite, ostenta em seu interior a regência do amor nos relacionamentos sexuais e afetivos dos seus romances. A individualidade desta deusa interior costuma ser marcada pelos dons artísticos e a sua grande inspiração surreal a direciona para as artes plásticas.

A mulher Deméter, tem fortes atrações pela natureza e gosta de estar grávida. Segundo a mitologia Grega esta deusa é regida pelas colheitas. Costuma envolver-se com os aspectos do nascimento, além de gostar de outras atividades, como amamentar as suas crianças. Diferente de Deméter, a Deusa Ártemis é regida pelas selvas e é considerada a amante mitológica da natureza. Ostenta um temperamento prático e um espírito com características aventureiras. Costuma apreciar a cultura física e segue o curso da sua existência ao ar livre, pois é amante dos animais e identifica-se como a protetora do meio ambiente. Gosta da solidão e igualmente de vivenciar os sentimentos interiores. Em contrapartida a Hera, é a mulher deusa dos céus que gosta de se ocupar com os eventos deste gênero, principalmente aqueles ligados aos cerimoniais do casamento.

A mulher Perséfone foi a Deusa interior com a qual Clarinha se identificou, porque tem fortes ligações com o “mundo avernal.” É mediúnica, visionária, gosta do ocultismo, das experiências místicas. Tem poderes sobrenaturais e reflete os mistérios de outras vidas, principalmente o ‘renascimento’ e admira todas as coisas ligadas à morte e ao corpo físico em sintonia com o cosmo.

Dentre os principais arquétipos gregos da Deusa interior, concluímos que Clarinha elege-se como uma similar de Perséfone. Com todas as características que compõem uma mulher sensível e de sentimentos interiores pertinentes. E neste modo de pensar intuitivamente, Woolger e Jennifer, se expressam, ao falar de uma Deusa, que por aproximação, lembra Clarinha, nos ricos detalhes do seu psiquismo:

Nos termos da psicologia moderna, diríamos que Perséfone rege a mente inconsciente mais profunda das mulheres, o seu mundo onírico e tudo o que se relaciona com os fenômenos paranormais ou com o misticismo. Portanto, está envolvida com a mediunidade ou canalização (*channeling*) dos espíritos. Com a capacidade visionária, com os assuntos ligados às áreas da cura mental, abrangidas por certas formas de psicoterapias (WOOLGER, 2007, p.35).

### **3.6 O Cientista Humanista do Século XX**

Carl Gustav Jung foi um dos fundadores da psicanálise e uma das expressões mais significativas do nosso tempo. As suas idéias se anteciparam aos interesses ‘intelectuais’ e ‘socioculturais’ da nossa atualidade “pós-moderna”. Entretanto os analistas e pensadores pontuam que ele rompeu com Sigmund Freud por causa das divergências psicológicas sobre o conceito da “libido,” desenvolvendo a sua própria teoria e a conceituou como “psicologia analítica”.

### 3.6.1 O Despertar Interior de um Jovem

As pesquisas sobre a psicologia Junguiana nos forneceram dados importantes sobre o viver deste autor. A sua família esteve envolvida com questões religiosas. O seu genitor foi um ser humano com conflitos emocionais complicados e devido à sua filosofia religiosa e práticas de vida, revelava-se um fanático pastor. O espaço domiciliar vibrava numa frequência muito baixa devido à contaminação sutil daquele ambiente circundante.

Como consequência dos conflitos vivenciados pelos seus pais, uma convivência débil se instalou nas relações interpessoais do casal. Estas desavenças domésticas conseguiram deixar na vida do menino prodígio, questionamentos pessoais e existenciais. Um saldo negativo de emanções psíquicas desarmônicas, denominadas por ele como ‘assombrações’ e por causa desses eventos as suas noites cósmicas pareciam pavorosas. Na íntegra umas das revelações do cientista.

Meus pais dormiam separados, eu dormia no quarto de meu pai. Da porta que conduzia o quarto de minha mãe vinham influências inquietantes. De noite, minha mãe tornava-se temível e misteriosa. Uma noite vi sair da sua porta uma figura algo luminosa, vaga, cuja cabeça se separou do pescoço e planou no ar, como uma pequena lua. Logo apareceu outra cabeça que também se elevou. Esse fenômeno repetiu-se umas seis ou sete vezes (JUNG, 2006, p.47).

Vale referenciar outros episódios na sua infância quando tinha de dois para três anos, no caso, uma experiência paranormal. As suas lembranças infantis atestam que em certa ocasião ele estava deitado num carrinho de criança, debaixo de uma árvore. Apesar da sua tenra idade, percebeu sinais da natureza circundante em um belo dia de verão, sob um céu azul quente, contemplou a luz dourada do “grande sol central” a iluminar o Universo. Uma percepção sutil que transpassou as folhas da árvore, o atingiu profundamente na sua ingenuidade. A tênue

visão despertou-lhe um sentimento introspectivo e o encantou. Atingiu sorrateiramente a sua consciência. E assim se expressa:

Estou deitado num carrinho de criança à sombra de uma árvore. É um belo dia de verão quente, céu azul. A luz dourada do sol brinca através da folhagem verde. A capota do carrinho está erguida. Acabo de acordar nesta radiante beleza e sinto um bem-estar indescritível vejo o sol cintilante através das folhas e flores das árvores. Tudo é colorido, esplêndido, magnífico (JUNG, 2006, p.35).

Para esclarecer os nossos leitores sobre o vivenciar do psiquiatra e/ou fundamentar melhor as subjetividades acima referidas, outras fantasias do mundo imaginário consubstanciam a nossa monografia. Naquela época, o pequeno Jung morava numa casa espaçosa e, em anexo, um enorme quintal. Um costumeiro refúgio para exercitar as suas brincadeiras infantis, à sombra dos arvoredos, construindo casas e pontes, com areia molhada. Em suas memórias, Jung relata interessantes vivências que sugerem ter sido ele, uma pessoa ‘especial’ e com características similares às de milhares de outras criaturas deste planeta. Na íntegra a sua visão fenomenológica:

A primeira coisa que se produziu foi o aparecimento de uma lembrança da infância, talvez dos meus 10 a 12 anos. Nessa época eu me entregava apaixonadamente a brinquedos de construção. Lembrei-me com clareza de que edificara casinhas e castelos, com portais e abóbadas, usando garrafas como suportes [...] pedras naturais e terra argilosa como argamassa [...] essa lembrança emergiu acompanhada de certa emoção [...] ‘Ah, ah’, disse a mim mesmo, ‘aqui há vida!’ (JUNG, 2006, p.208).

Pelas características do temperamento, acima relacionado, entendemos que existe um mundo ‘imaginário’ em cada um de nós. No entanto, algumas pessoas ‘mais sensíveis’ extrapolam nestas questões e as suas fantasias se tornam mais presentes. Para aquele garoto, esse simbolismo deveria estar passando pelo viés de uma ‘vida criativa’ que lhe fala, mas diante disso, indagava-se a si mesmo: “Mas como chegar a ela? [...] só me restava voltar a ela acolhendo outra vez a criança que então se entregava aos brinquedos infantis” (JUNG, 2006, p.209).

Em um dia qualquer, quando sensivelmente solitário, o pequeno Jung aproveitou os momentos de criatividade para elaborar as suas obras de arte. Esculpiu um homenzinho de seis centímetros de comprimento. O seu fiel escudeiro vestia fraque, cartola e sapatos lustrosos; além de ostentar outros detalhes que o deixaram encantador! Como parte daquela obra de arte, o futuro cientista colou perto daquele amigo um “seixo do remo” (uma pedrinha) muito bem iluminado pelo polimento que lhe fora dispensado. Essa arte criativa ficou durante

muito tempo escondida no bolso das calças do garoto. Distante dos olhares dos seus familiares e do público de modo geral. O principal desejo de Jung fora que ninguém tomasse conhecimento daquela mini escultura.

Por medida de segurança, Jung deixava-o escondido e adormecido no sótão da sua casa. Contudo, nas suas situações de estresse lá estava ele, aconselhando-se com o seu homenzinho de “mentirinha”. Um pequeno ‘ser’ inanimado idealizado por ele, ora auxiliados pelos conteúdos da sua imaginação infantil. Em seus momentos de iluminadas reflexões Jung tinha propensão a construir obras com argamassas e nessas subjetividades eclodiam as idéias sobre o existir do ser humano. Para as criatividades da sua mente ele as denominou de “relâmpagos” e, num desses eventos, ele as concebeu o caráter da eternidade da sua infância.

Concomitante aos ‘momentos relâmpagos’ o garoto afluía a criatividade e questionava-se sobre a natureza humana, sobre o existir e animais. O ato imaginário lhe remetia aos inesquecíveis desconfortos. Para suprir estes momentos de subjetividades, recitava de parceria com a mãe uma oração, antes do adormecer. Para ele, essa pequena prece dava-lhe muito conforto e segurança quando pretendia conciliar o seu sono de criança.

“Estende tuas duas asas,  
Ó Jesus minha alegria,  
E protege teu pintinho,  
Se Satã quiser devorá-lo  
Faz cantar os teus anjinhos  
“Que esta criança fique ileso” (JUNG, 2006, p.39).

Neste tema de grande poder vibracional Jung, admitia ‘estar seguro’ diante das incertezas noturnas que o assolavam nos braços do anoitecer. Aquela oração simbolizava uma segurança sólida, concreta, no caso a ajuda e apoio divino dos anjos os ‘guardiões’ das noites cósmicas.

As vivências interiores contribuíram para que Jung se confrontasse com outra realidade, ou seja, o embate com a sua inconsciência. Os conteúdos contidos e/ou reprimidos deixaram marcas indeléveis na sua memória, na sua alma e particularmente no seu existir.

Com o passar do tempo, Jung ficou mais sensível às sutilezas do mundo “avernal”, o espaço dos mortos. Nessa fase, comunicava-se simultaneamente em duas dimensões, uma ‘real’ e a

outra ‘supra-real’. Para essas personalidades Jung pontuou como se manifestava nele a personalidade de número 1 e a personalidade de número 2<sup>27</sup>. Segundo Argollo (2004), esta síndrome visceral o tornava ‘dúbio’, ou seja, duas pessoas vivendo em duas dimensões, num clássico fenômeno de “dupla personalidade”. Contudo, de acordo com a visão Junguiana o conceito acima referido significa:

Tinha duas concepções divergentes acerca de mim mesmo: o n.1 encarava minha personalidade e n. 2 como a de um jovem pouco simpático e medianamente dotado, com reivindicações ambiciosas, um temperamento descontrolado, maneiras duvidosas, ora ingenuamente entusiasta, ora puerilmente decepcionado; no fundo um obscurantista afastado do mundo. O n. 2 considerava o n.1 como aquele que encarnava um dever moral difícil e ingrato, uma espécie de tarefa que deveria ser cumprida de qualquer forma, e que se tornara mais difícil devido a uma série de defeitos: preguiça esporádica, falta de coragem, depressão, entusiasmo inepto por idéias e coisas que ninguém aprecia nas amizades imaginárias, estreiteza de espírito, preconceito, estupidez (matemática!) falta de compreensão com os outros, confusão e desordens no que diz respeito à visão de mundo (JUNG, 2006, p.117-118).

De acordo com a conceituação acima referenciada, ficou entendido que a personalidade número 1, é aquela que detecta os defeitos e a auto estima apresenta-se em baixa e negativa, pois ostenta a vulgaridade, a estupidez, a vaidade e o seu amor próprio, torna-se insuportável. Enquanto que a personalidade número 2, detecta as subjetividades, dando livre curso àquilo que irrompe no inconsciente.

Por outro lado, a personalidade número 2 é uma figura subjetiva, típico daquelas pessoas que têm os dons das sutilezas. Cujas compreensões no relacionamento da maioria destas pessoas, fica meio complicado nas suas formas/pensamento. Enquanto que nas outras pessoas ‘não especiais’ têm outros atributos, são desconectados da sua realidade psicofísica e vivenciam as suas experiências com a predominância do mundo material. Estas pessoas são céticas, desconfiadas em tudo e com todos.

De acordo com Jung, personalidade de número 2, só é sentida por algumas pessoas que carregam dentro do seu íntimo, uma voz interior e uma susceptibilidade exacerbada.

No seu livro de memórias, Jung pontua que jamais se desassociou das suas personalidades, porque uma delas, era a mais sutil. A de ‘número 2’, costumava interagir com ele envolvido às suas intuições, inseguranças e medos. Ambas, foram exaustivamente vivenciadas,

---

<sup>27</sup> Clarinha e tantos outros mortais apresentam esta dupla personalidade.

estudadas e avaliadas, principalmente a de 'número 1', a mais perturbadora e repleta de exigências.

Neste contexto, vale relatar uma das inúmeras experiências de Jung quando descansava na sua pedra filosofal (a pedra misteriosa). Um local escolhido por ele para conversar com as suas duplas personalidades, a respeito da decisão pelos seus exames na Universidade. A personalidade número 1 lutava com a personalidade número 2, por causa da decisão que deveria tomar. E indagava-se: Estudar História ou Filosofia? Ou Arqueologia?

Em nossos estudos e pesquisas sobre as aspirações intelectuais de Jung encontramos subsídios imaginários na escolha dos seus objetivos. Algo dos conteúdos dos seus dois sonhos, que lhe forneceram soluções substanciais para as suas dificuldades existenciais.

No primeiro sonho Jung descreve que esteve no Rio Reno e encontrou uma colina que para ele era similar a um túmulo. Cavou a colina e para surpresa sua, encontrou ossos de animais, pré-históricos. No decorrer daquele processo, entendeu que deveria estudar a natureza circundante, com todos os seus mistérios e matizes.

No segundo sonho, deparou-se com uma floresta, com o rio, um córrego e bem mais escondido, um açude, em formato circular. No interior daquele açude, percebeu uma espécie de um animal redondo, com a riqueza de pontos coloridos e cintilantes. Composto de inúmeras células e órgãos semelhantes a tentáculo. Para Jung, aquele simbolismo deixou transparecer a idéia de ser um radiolário gigantesco de aproximadamente um metro de diâmetro. De fato, os sonhos, daquele estudante, foram salutares na decisão da sua profissão e, igualmente concluiu que, estava sendo impelido para seguir a trilha das ciências naturais e ocorreu-lhe uma idéia luminosa, a de seguir medicina.

A partir desses eventos oníricos, as preocupações do futuro médico, foram indagadas e questionadas no silêncio da sua 'pedra filosofal'. A pedra que o assistia nas suas subjetividades, o símbolo de uma tranquilidade rara, i.é; completamente singular. Com poderes sobrenaturais, aquele 'talismã' conseguia 'içá-lo' do fundo do poço, no estado depressivo. A sua 'companheira' inerte no quintal da sua casa, fora bastante importante para o seu ego, pois naquela pedra, Jung depositava os seus momentos de reflexões e, através do seu vivenciar sutil, cessavam os seus conflitos interiores de forma miraculosa. Consagrava àquela

“pedra filosofal” imensos poderes, e assim se expressou em determinado momento da sua vida:

“A pedra não sente incerteza alguma, não tem necessidade de exprimir-se, é eterna, vive milênios, pensava. Quanto a mim, pelo contrário, sou fenômeno passageiro consumido por todas as emoções, tal como uma chama que se eleva rápida, e depois se extingue” (JUNG, 2006, p.73)

Diante dessas concepções pelas ‘coisas’ do sagrado, Jung concluiu que ele sempre fora a soma das suas emoções, e a sua ‘pedra intemporal’, era o Outro, nele.

Por sua vez, não entendia porque as pessoas nunca estavam atentas aos sinais do Universo. Como mencionados anteriormente, para satisfazer as suas eternas curiosidades, estudou os escritos sobre os espíritos (seres aeriformes), elaborados por Zoellner e Crookes, os cientistas pesquisadores desses fenômenos. No entanto, não entendeu porque ao comentar esses fatos com os seus correligionários, aqueles não lhe deram o devido valor. Reagiram com indiferença, principalmente em relação à existência nas crenças de fantasmas.

No entanto diante dessas considerações dos seus contemporâneos, Jung denominou os fenômenos sutis como “estas possibilidades”, e os considerou extremamente interessantes. Lendo os estudiosos, acima referidos, sentia-se como se a sua existência fosse renovada e que o mundo e o Universo, talvez ganhassem mais e mais profundidade. Entretanto, por não perceber a receptividade do tema pelos seus colegas, compreendeu que jamaisalaria sobre o assunto para não ser taxado de ‘louco’! Para ele, os fatos não desapareceriam, porém entendia que a qualquer momento, alguém poderia surgir e falar de modo ‘alto’ e em ‘bom tom’, que compreenderia aqueles significados.

E a partir de dezoito anos, os dilemas de Jung foram ficando parcialmente resolvidos com a adição dos estudos de Filosofia em sua vida. Ficou fortemente atraído pelas concepções de Schopenhauer, o pensador que tratou das coisas, da ‘confusão, da paixão e do sofrimento’ (CALVIN S. HALL e VERNON J. NORDBY, 2005).

A partir dessa fase acadêmica, Jung transformou-se num empirista, fazendo as suas ‘alquimias’, ou seja, tentando transformar metais pesados em ouro. Diante das suas descobertas

científicas ele colocou à disposição da comunidade acadêmica, ‘ferramentas básicas’, para curar as enfermidades do psiquismo humano e/ou do corpo, da alma e do espírito. “[...] Defini-me como sendo um empirista, pois é preciso fazer parte de algo conveniente [...] Como empirista, pelo menos cumpri minha tarefa” (JUNG, 2006, p. 435).

### 3.6.2 As Marcas Indeléveis da Separação: Jung e Freud

O psicanalista Sigmund Freud foi considerado por Jung um dos seus melhores amigos, uma “pseudo-amizade” no campo da ciência. Entretanto devido às contradições nas concepções da riqueza do psiquismo humano a convivência amigável dos cientistas ficou terminantemente comprometida.

Na visão de Freud, o inconsciente é criado pela repressão e este é um processo pessoal derivado da experiência vivida. Na visão de Jung, ele tem uma base coletiva, o que significa dizer que o inconsciente possui estruturas inatas que influenciam em muito e talvez determinem seu conteúdo (POLLY YOUNG e EISENDRATH TERENCE DAWSON, 2002, p.28).

De acordo com os nossos estudos sobre a teoria analítica, ficou entendido que o primeiro contato entre os dois durou cerca de 3 horas ininterruptas. Aquele empirista, o percebeu como um ser humano dotado de vários dons, inteligente, penetrante e notável. As primeiras impressões sobre a intelectualidade do psicanalista foram marcantes, pois a sua teoria sexual o impressionou, porém com o decorrer do tempo a relação daqueles dois amigos entrou no processo de fragilização em consequência das divergências dos conceitos da psicologia de modo geral.

Divergências em relação à teoria sexual, sonhos, fantasias e os conceitos de inconsciente. Por mais que Jung ‘mostrasse’ a Freud, seus argumentos em relação àqueles seus conceitos, este, o contestava peremptoriamente. Cada argumento de Freud tinha um peso importante na sua teoria, tanto do ponto de vista pessoal quanto filosófico. Freud desconfiava dos conceitos do amigo e recorria à sua tese, ou seja, à hipótese da sexualidade recalcada ou a psicosexualidade, pois ambos tinham idéias divergentes no campo da ciência. As atitudes de Freud estavam ligadas aos seus preconceitos subjetivos, ou até que ponto repousava vivências objetivamente demonstráveis. Avaliando essas evidências Jung assim se expressa:



Objetei que, logicamente, levada às últimas consequências, suas hipóteses conduziam a raciocínios que destruíam toda a civilização: esta tomava aparência de uma simples farsa, consequência mórbida do recalque sexual. ‘Sim’, confirmava ele, ‘é assim mesmo. É uma maldição do destino em face da qual somos impotentes’ [...] não me sentia, porém, a altura para discutir com ele (JUNG, 2006, p.184).

A partir dessas divergências, a solução encontrada por Jung seria romper com Freud. O rompimento daquela relação de aproximadamente sete anos deixou marcas indeléveis no seu existir como psiquiatra, e estudioso dos fenômenos subjetivos. Um rompimento que gerou momentos de incertezas e que deixou marcas indeléveis no seu existir.

Em certa ocasião, Jung comentou consigo mesmo que se sentia “flutuando”! E, que a partir daquela relação não encontrara mais a sua própria posição como cientista. A solução mais viável foi acreditar e confiar incondicionalmente nos conteúdos guardados no inconsciente da sua clientela, e nos ‘experimentos-chaves’ naquilo que partia deles. Da escuta amorosa e do que o acaso pudesse lhe oferecer em relação aos sonhos, fantasias e outros questionamentos recheados pela subjetividade humana. A sua postura refletia uma nova atitude em relação aos atendimentos dos seus pacientes, logo lhe surgiam às idéias de partir para interpretar os sonhos dos seus pacientes, sob tratamentos terapêuticos.

Dando seguimento aos nossos estudos sobre a teoria de profundidade, encontramos nos escritos de Silveira (2001) vasto material no que diz respeito aos sonhos que, de acordo com ela, os sonhos não aceitam disfarces e nem admitem traduções de desejos. Uma concepção diferenciada de Freud quando conceituou que os sonhos e as subjetividades se restringem apenas à realização disfarçada dos desejos reprimidos. Uma contradição às concepções Junguianas a de que o material onírico é o ponto de partida e a base fundamental para a criação da sua psicologia de profundidade.

Diante destas considerações, entendemos que Jung percebeu de modo diferente os processos oníricos diante às inúmeras indagações da sua clientela. E intuiu que havia encontrado a chave para abrir as janelas da alma humana e alcançar a meta da sua tese analítica. E sabiamente externa à humanidade a sua concepção.

Possuo agora a chave para a mitologia e poderei abrir todas as portas da psique humana inconsciente. Ouvi, então, uma voz murmurar dentro de mim. Por que abrir todas as portas? E logo emergiu a interrogação sobre o que já havia realizado. Eu esclarecera os mitos dos povos do passado, escrevera um livro sobre o herói, este

mito em que o homem sempre viveu. ‘Mas em que mito vive o homem de nossos dias’? No mito cristão poder-se-ia dizer. Por acaso vives nele? Algo perguntou em mim. Mas qual é o mito para ti o mito para no qual vives? Senti-me cada vez menos à vontade e parei de pensar. Atingira um limite (JUNG, 2006, p.205-206).

### 3.6.3 Dos Acordes Iniciais à Psicologia Analítica

Para conseguir alcançar a meta de construir a psicologia analítica, Jung experimentou-se como ‘um modelo’, longe de ‘formalismos’ e ‘medições’ previamente estabelecidos pelas teorias do conhecimento. Entretanto, ainda não sabia que certos acontecimentos da sua vida, escapavam às limitações de ‘espaço’, ‘tempo’ e ‘causalidade. Todavia, buscou o ‘autoconhecimento’ e a ‘individuação’, ao descrever suas percepções sensoriais como elas se apresentavam, sem servir-se de uma terminologia científica ou considerar-se como um ‘problema científico.’

Concebeu que as suas experiências atingiam os porões do seu inconsciente, de ‘si mesmo’ e da humanidade como um todo. Com uma visão científica, positiva e profunda, entendeu que estaria entrando num processo extremamente difícil ao reconhecer que a sua atitude não seria uma tarefa fácil.

Jung descreveu a sua forma individual de ‘ver’ e ‘perceber’ o existir de um ser humano, em vários estágios, ou seja, dentro do contexto da totalidade máxima, segundo as leis universais, baseando-se no amor ao próximo e na sabedoria divina.

Neste seu caminhar sutil, constatou, em suas teorias, que os fenômenos paranormais poderiam ser reais e curados na vida de um ‘ser pensante’, trabalhando-se os conteúdos guardados no inconsciente. Exercendo práticas terapêuticas através dos métodos experimentais, utilizando-os com rigor, sempre abertos ao novo, ao comum e ao inesperado. Quando o se indagava a si mesmo sobre os critérios da lógica e da comprovação da sua obra expressava-se:

“Foram estes os conhecimentos decisivos da minha vida. Começava compreender: era responsável e de mim dependia o curso do meu destino. Um problema me havia sido proposto e a ele eu devia responder” (JUNG, 2006, p.78).

O resultado destas ações representou para o cientista, os ‘primeiros acordes’ da formulação da sua teoria profunda. Demonstraram serem elas a inspiração divina que consubstanciava a sua

atitude científica e competência intelectual. O verdadeiro poder de uma força mental, criativa e bastante acentuada. Como uma resultante do seu poder interior e de uma mente sadia, livre de toda e qualquer atestado de senilidade mental.

Somado à sua visão científica, o psiquiatra descreve em suas memórias os seus fieis depoimentos sobre os eventos que fizeram parte da sua vida interior, no limiar da consciência e do inconsciente. Neste caso, Jung se superou. Foram firmes as suas experiências no decorrer dos seus dias. E esse vivenciar sutilezas transformou-se na mais importante teoria analítica. A Psicologia que foi baseada na riqueza do psiquismo humano para depois, se transformar na teoria de profundidade dos nossos dias.

Enquanto caminhávamos na direção dos ensinamentos de Jung, ficou entendido que as críticas sofridas por ele, ao elaborar a sua teoria analítica, não abateram o seu ânimo. Quanto às críticas direcionadas à Clarinha por causa das suas subjetividades exacerbadas, entendemos que ela jamais se deixou abater ou “embriagar-se” por elas. De parceria conosco, enfrentamos os desafios dos problemas e dificuldades que a fenomenologia paranormal acarreta aos seus portadores tomando por base atitudes sábias ao enfrentar as críticas ‘disfarçadas’ dos seus pares. Diante deste caminhar rico de sutilezas, inserimos na íntegra dos textos, o vivenciar do cientista quando elaborou a sua teoria profunda, uma ciência direcionada ao ser humano e a sua existência pelos caminhos da transformação. Na íntegra, os depoimentos de estudiosos desta teoria analítica:

Em nível pessoal, ele foi acusado de misticismo sectário, sexismo, racismo, anti-semitismo e má conduta profissional. Em relações às suas idéias, seus críticos têm repetidamente insistido que sua abordagem é pouco clara, antiquada e enraizada em categorias tendenciosas, tais como ‘masculino’ e ‘feminino’ e conceitos vagos como ‘sombra’ e ‘sábio Ancião’ (YOUNG e DAWSON, 2002, p.1).

Contudo, para nós e para Clarinha, não importa essas polêmicas sobre a teoria de Jung, o mais importante é que, estes escritos têm surtido grandes efeitos na vida dela e nas mentes daquelas pessoas que passam experiências semelhantes às dela e, as do cientista de Zurique. Independentemente do que Jung possa ser, ou do que foi as suas ações contribuíram exaustivamente para a evolução da ciência. Conceitos importantes que devem ser contemplados como um potencial de alto nível acadêmico para a área do psiquismo humano. Um verdadeiro bálsamo para a cura das percepções sutis do ser humano, enquanto espírito e corpo físico.

De acordo com os analistas e pensadores Young e Dawson (2002) as idéias de Jung oferecem contribuições mais notáveis e influentes ao século XXI. Reconhecem que essa teoria profunda tem como base científica um modo valioso de decifrar os problemas e desafios que nos confrontam individualmente, como membro de grupos e comunidades. Uma ciência que nos permite entrar nos múltiplos níveis da realidade psicofísica, cujas idéias têm tido influências marcantes nas disciplinas, a partir da antropologia, estudos religiosos à crítica literária. A teoria de profundidade nos proporciona ao longo da história, contribuições importantes aos destinos psicológicos da humanidade.

Os conceitos científicos da teoria analítica têm sido inseridos nas pesquisas acadêmicas da Antropologia, estudos religiosos às práticas alternativas orientais e ocidentais, as quais foram sabiamente utilizadas por ele, enquanto no tratamento dos seus pacientes. Através desta corrente de pensamentos, ficou patente que o cientista reconheceu no ser humano a ‘totalidade máxima’. Compreendeu a riqueza do seu psiquismo e cuidou das suas devidas concessões, adaptando o seu método científico às peculiaridades de cada caso clínico.

#### **3.6.4 Legado de Jung**

Somos unânimes a direcionar um foco mental para avaliar este legado que Jung deixou para os acadêmicos, e conseqüentemente para toda a humanidade. A sua psicologia analítica considera o ser humano como uma ‘totalidade’ e a ‘psique’ como uma ‘interação de fenômenos intrapsíquicos, somáticos e interpessoais’.

Dentro deste contexto se expressa Sherry Salman (*apud* YOUNG e DAWSON, 2002, p.69-70), enfatizando a psique criativa do ser humano como uma das principais contribuições do cientista em pleno século XXI.

Para Jung a psique era uma coisa maravilhosa; fluida, multidimensional, viva e capaz de desenvolvimento criativo [...] estava familiarizado com a doença, com a psicose e com a inércia. Mas o seu amor pelo caos ordenado da psique e a confiança em sua integridade informaram sua concepção dela e moldaram sua visão psicanalista. Embora o cientista tenha sido malvisto por ter utilizado fontes esotéricas na criação da sua teoria profunda (alquimia medieval), ele estava à frente do seu tempo. O importante da visão Junguiana é que ela ofereceu à humanidade uma importante contribuição à ‘desconstrução’ pós-moderna da dicotomia ‘sujeito-objeto’.

Diante dessas considerações sobre os feitos e ações do cientista de Zurique, os estudiosos abaixo relacionados, enfatizam:

O conceito da psique sustenta a idéia primordial de Jung de que uma pessoa, em primeiro lugar, é um todo. Não uma reunião de partes, cada uma das quais foi sendo acrescida pela experiência [...] O homem não luta para se tornar um todo: ele já é um todo, ele nasce como um todo (HALL e NORDBY, 2005, p.25).

Por outro lado Jung pontuou que, o centro regulador mais profundo da psique chama-se 'Self,' o que significa dizer, que mantém o equilíbrio psicológico de um 'ser pensante,' como parte integrante do cosmo, e conseqüentemente da totalidade. Então no âmago do nosso 'ser' está configurado, de modo latente, todos os nossos desejos pelas buscas. Aqueles desejos alimentados pelas miríades da Alma, que 'dá vida' e que faz 'mover', o nosso 'eu superior'. Na íntegra, a concepção do cientista:

Cada vida é um desencadeamento psíquico que não se pode dominar a não ser parcialmente. Por conseguinte é muito difícil estabelecer um julgamento definitivo sobre si mesmo ou sobre a própria vida. Caso contrário, conheceríamos tudo sobre o assunto, o que seria totalmente impossível. A história de uma vida começa num dado lugar, num ponto qualquer de que se guardou a lembrança, e já, então, tudo era extremamente complicado [...] Tudo o que conheço, mas não penso num dado momento, tudo aquilo de que já tive consciência, mas esqueci tudo o que foi percebido por meus sentidos e meu espírito consciente não registrou tudo que involuntariamente sem prestar atenção (isto é, inconscientemente), sinto, penso, relembro, desejo e faço todo o futuro que se prepara em mim e que só mais tarde se tornará consciente, tudo isso é conteúdo do inconsciente (JUNG, 2006, p.32-488).

Estudando a teoria Junguiana, e sem perder de vista a 'individualidade, o fortalecimento do ego' e o foco pelo 'autoconhecimento', encontramos outro conceito elaborado pelo psiquiatra que difere do conceito do consciente individual, o do 'inconsciente coletivo'. Aquele conceito, cujos conteúdos inconscientes, estão afetos a todo ser humano e conseqüentemente a toda a humanidade, as memórias ancestrais herdadas dos nossos antepassados (JUNG, 2006).

De conformidade com a sua teoria, os conteúdos do inconsciente coletivo denominam-se 'arquétipos', um sentimento original', um 'existir' remoto. Como sinônimo de arquétipos, temos 'protótipo'. Por ocasião das nossas pesquisas, encontramos os vários exemplos de arquétipos pontuados pelo cientista após longos dias de pesquisas, a saber: do 'nascimento', do 'renascimento, da 'morte,' do 'poder', 'da magia', 'do herói', 'da criança', 'do embusteiro', 'de Deus', do 'demônio,' do 'velho sábio', da 'mãe terra', do 'gigante' e de outros gêneros psicológicos.

Durantes as nossas exaustivas pesquisas, na tentativa de compreender o vivenciar sutil de Clarinha, compreendemos que o cientista, deixou conceitos de extrema sabedoria para a humanidade, a herança do psiquismo dos nossos irmãos mais velhos. E se expressa cientificamente:

O arquétipo em si mesmo é vazio é um elemento puramente formal [...] É impossível provar a existência dos arquétipos, ou dos instintos, a não ser que eles mesmos se manifestem de maneira concreta [...] deriva da observação reiterada de que os mitos e os contos da literatura universal encerram temas bem definidos que reaparecem sempre e por toda parte [...] A essas imagens e correspondências típicas, denomino de representações arquetípicas (JUNG, 2006, p.31-485).

Este conceito é pontuado por Jung, como “mitos” e/ou contos literários universais que estão sempre presentes na vida do ser humano e costumam aparecer em toda parte, independente de cor, religiosidade e nações. Manifestam-se nos “sonhos, nas fantasias ou nas idéias delirantes”. Os arquétipos são, por assim dizer, as manifestações que surgem no existir humano através dos símbolos.

Dentro das conceituações Junguianas, encontramos definições importantes, que consubstanciaram os nossos questionamentos e indagações, sobre as subjetividades das pessoas ‘especiais’, principalmente daquelas dotadas de um ‘perfil incomum’. Neste vivenciar sutilezas vale refletir como o cientista se refere em relação ao tema.

“O que chamamos de símbolo é um termo, um nome ou mesmo uma imagem que nos pode ser familiar na vida diária, embora possua conotações especiais além do seu significado evidente e convencional” (JUNG, 1964, p.20).

De acordo com as concepções referenciadas ficou compreendido que o ser humano, ao longo da sua história, utiliza a ‘palavra escrita ou falada’, para se comunicar com os seus pares. Esses simbolismos representam os ‘sinais’ de suma importância no interagir da humanidade como um todo. São os modelos universais que nos colocam diante das ‘crenças’, dos ‘costumes’ e ‘ideologias’, recheados de ‘imagens e sinais’ não estritamente descritivos, todavia com uma série de ‘siglas’ para que a sociedade possa se comunicar com as instituições públicas e privadas do mundo.

No interagir dessas ações encontramos os exemplos simbólicos, ou seja, as siglas do INAMPS, da UNESCO, do UNICEF e dentre outros. Para Jung (1964), essas ‘palavras e

imagens' representam um simbolismo que, contribuíram e implicaram coisas, além do seu significado manifesto e imediato. São imagens com aspectos inconscientes amplos, porém muitas vezes indefinidos ou mal explicados.

Em sua autobiografia encontramos revelações surpreendentes de Jung (2006) quando atendia os seus pacientes, utilizando-se da 'linguagem simbólica'. Aquela linguagem apreendida em seus estudos e pesquisas e que esteve sempre presente nas suas 'experiências de associações'. Nestes aspectos, ele pontuou a sua versão sobre o conceito simbólico no existir humano:

Encadeamento de idéias, de percepções etc., segundo a semelhança, conexão e oposição. Associações livres na interpretação de sonhos de S. Freud; cadeias de associações espontâneas do sonhador, que se relacionem necessariamente com a situação onírica. Associações dirigidas ou controladas na interpretação Junguianas dos sonhos: idéias espontâneas cujo ponto de partida é a situação onírica dada, e que sempre se relacionam com ela (JUNG, 2006, p.486).

No próximo capítulo, tentaremos fazer algumas ligações simbólicas no interagir das relações humanas. Também discorrer sobre outras concepções do cientista que dão ênfase aos fenômenos baseados nas leis naturais e do princípio da causalidade. Aqueles princípios ligados pelo mesmo significado para a difícil descrição da realidade. Eventos que exprimem coincidências ou uma correspondência entre um acontecimento psíquico e um acontecimento físico não ligado por uma relação causal:

Tais fenômenos de sincronicidade aparecem, por exemplo, quando fenômenos interiores (sonhos, visões, premonições) parecem ter uma correspondência na realidade exterior: a imagem interior ou a premonição mostrou-se 'verdadeira' [...] entre sonhos, idéias análogas ou idênticas que ocorrem em lugares diferentes, sem que a causalidade possa explicar umas e outras manifestações. Ambas parecem ter relação com o processo arquetípico do inconsciente (JUNG, 2006, p.494).

Além dos efeitos sincronísticos, uma chave importante na busca da compreensão da natureza humana, foram encontramos nas cartas do Tarô. Um simbolismo que funcionam como 'ferramentas' básicas para se inteirar daquilo que se passa no psiquismo do ser pensante. Jung valorizou em sua teoria todos os caminhos não racionais (Tarô) e isso se explica também pelo seu interesse pela astrologia. E assim se expressa a sua ex-discípula:

Uma viagem pelas cartas do Tarô, primeiro que tudo é uma viagem às nossas próprias profundezas. O que quer que encontrem ao longo do caminho é, *au fond*, um aspecto do nosso mais profundo e elevado eu [...] erupções dramáticas desse gênero usualmente significam que aspectos negligenciados de nós mesmos buscam reconhecimento. Como as figuras dos nossos sonhos, sem dúvida, as personalidades do Tarô introduziram-se em nossa auto-satisfação a fim de trazer-nos mensagens de

grande importância: mas o homem moderno, imerso como está numa cultura verbal, acha a linguagem pictórica não-verbal do Tarô difícil de decifrar (SALLIE NICHOLIS, 2007, p.18).

Compreende-se que, na teoria Junguiana o Tarô é considerado um dos Oráculos rico de significados, porque nos seus simbolismos estão presentes na janela do pensamento inconsciente. Cada carta manuseada pelo tarólogo tem por base, importantes imagens arquetípicas, cujos significados nem sempre são reconhecidos pelo homem moderno. Jung concebeu nessas cartas as imagens e informações da ‘psique e da alma humana’ no processo das suas origens e finalidades nas diversas formas do ‘existir’.

Nichols (2007) relata em seus escritos que durante várias décadas praticou a terapia Oracular em seus pacientes como alternativas auxiliares do princípio de ‘individuação’, para a identificação dos ‘arquétipos’, da ‘sincronicidade’ e da ‘imaginação ativa’. Representações terapêuticas na cura do ser humanas rumo à transformação e à integração do ‘Si-mesmo’.

“O ‘Si-mesmo’, é o centro e também a circunferência completa que compreende ao mesmo tempo o consciente e o inconsciente: é o centro dessa totalidade, como o eu é o centro da consciência” (JUNG, 2006, p.494).

Então se compreende que a psicologia analítica tem como finalidade única acender uma luz na escuridão da alma do ser humano, ‘individua-lo’ e ‘fortalecer o seu ego’, enfim, conduzi-lo à cura, auxiliadas pelas técnicas alternativas. Nesta concepção ficou evidente a subjetividade do psiquiatra ao refletir a sua própria existência que se resume nesta frase: “Minha vida é a história de um inconsciente que se realizou” (JUNG, 2006, p.31).

### **3.7 Similaridades ou Identificação?**

Quando decidimos pesquisar as PES de Clarinha alguns estudiosos do tema sugeriram bibliografias sobre Psicologia Analítica propriamente dita e Realidade Psicofísica. Entretanto, estudando estas teorias encontramos respostas compatíveis com as nossas indagações relacionadas ao perfil psicológico da amiga, objeto da nossa análise. No decorrer dos textos, acreditamos que, alguns leitores chegarão também às suas conclusões, em relação a tudo aquilo que Jung vivenciou em si, e em seus pacientes. A apresentação deste material subjetivo sintetiza o desejo das aspirações acima referenciadas.



Neste ínteri, Clarinha coloca-se diante de nós, como uma ‘sensitiva’ disposta a teorizar as suas sutilezas e fazer delas, a comparação com as vivências de Jung. Esta sua postura reflete o grau de seu amadurecimento espiritual ao se expressar como “um modelo”. Fazer dos seus eventos, “experimentos-chaves” para chegar à legitimação de uma paranormalidade perante a ciência. Como seguidora de Jung, ela reflete com os sentimentos de uma pálida certeza, de que se o cientista fisicamente ainda habitasse este planeta consideraria “essas possibilidades” e, igualmente, legitimava as suas subjetividades.

A busca de Clarinha pelo entendimento passou pelo viés da identificação. Identificar-se com o outro é torna-se parecido, é sentir-se ou tornar-se um modelo do outro. Por essas razões é que Clarinha atesta que os escritos de Jung, são relatos fies que o ‘mundo’ acadêmico e contemporâneo precisam entender e conceber.

A identificação de Clarinha com Jung ocorreu quando viajávamos nas páginas da psicologia analítica. Estes escritos despertaram também, em nós, um profundo interesse devido às similaridades dos seus eventos com os de Jung. Estabelecer analogias significa pretender objetivamente delinear o grau de influências e semelhanças das subjetividades da amiga com aquelas que o cientista vivenciou a partir da sua primeira infância. Como amiga e confidente de Clarinha, entendemos que os fatos vivenciados por Jung fazem sentido na vida dela e ocorrem também no seu ‘habitat emocional’ e ‘espiritual’, para os quais, já está habituada.

Cada mergulho na teoria profunda nos possibilitou perceber e compreender’ nas subjetividades de Jung uma espécie de base intelectual e sensorial às vivências interiores de Clarinha dentro do seu processo paranormal. Por outro lado, ainda percebemos que, como ela, poderia integrar ou relacionar o seu ‘ser físico’ à sua vivência metafísica, uma situação que se faz presente na vida de pessoas ‘especiais’ ou ‘sensitivas’.

No processo de encontrar respostas aos seus questionamentos dentro da teoria Junguiana, a amiga não pode disfarçar as lágrimas ao identificar-se com o cientista e o escolheu como ‘modelo’ para o seu vivenciar sutil.

Aprofundando as nossas pesquisas sobre a teoria analítica e igualmente analisando a relação entre estas duas figuras humanas, compreendemos que os fundamentos e conceitos Junguianos desvendam segredos e mistérios de uma fenomenologia paranormal, bem como

amenizam os efeitos negativos sobre os seus corpos físicos e extra-físicos. Na íntegra um dos textos escritos por Clarinha que relatam as suas concepções sobre o criador da psicologia analítica:

Quando pesquiso as teorias do cientista, eu tenho a consciência que ele deixou para a humanidade inteira e aos sensitivos, conceitos e momentos de reflexões sobre a fenomenologia paranormal. Dotado de uma sensibilidade incomum ele se expôs desejoso ‘poder-ser’ o perfil de um modelo para outras gerações, que como ele, vivenciou uma fenomenologia testando-a em si mesmo e principalmente na sua clientela em Zurique (CLARINHA, 2007, p.34).

Neste caminhar sutil, Clarinha sente-se altamente fortalecida e completa na sua individualidade, integridade física, moral e mental para vivenciar as suas dificuldades graças à ‘individuação’ e a fé que deposita no Poder Absoluto. O sentimento de autoconfiança a faz sentir-se poderosa para os desafios que a vida lhe oferece. Nas dificuldades, nas surpresas e no enfrentamento dos mistérios que ainda estão por vir. Acrescente-se a este fato, o seu processo de aprendizado espiritual que, de certa forma, contribuiu para sentir-se confortada pelo sentimento de que tudo daria certo.

Diante de tantas sutilezas e ‘similaridades’ com Jung, coube a nós, fazer as seguintes indagações: Há alguma similaridade nas personalidades e vivências sutis dessas duas criaturas? Será que Clarinha foi a ‘escolhida’ pelo Universo para voltar a levantar essas questões sobre o empirismo sutil e tomado de decisões da ciência sobre a insistência e/ou legitimação das PES?

A partir dos nossos estudos sobre as vivências de Jung, da sua forma de encarar a vida, a natureza, as plantas e aos animais, descobrimos várias semelhanças e/ou coincidências do perfil do cientista com o perfil de Clarinha. A começar pela infância. Ambos tinham a inclinação para construir casas e pontes no quintal de suas casas, Clarinha, no Piauí e Jung na Suíça. As brincadeiras e tarefas infantis foram o refúgio para os seus mundos ‘imaginários’. Momentos para os quais, vinham à tona os sentimentos de uma ‘imaginação criativa’, que posteriormente foi inserida na teoria Junguiana como ‘técnica a ser aplicada por terapeutas, no processo de individuação de pacientes para aflorar sentimentos interiores em busca de cura.

Em determinadas fases das suas vidas, ambos experimentavam as sutilezas das noites cósmicas com grandes dificuldades e inseguranças. Vivenciava os ‘pavores noturnos’ o que se tornava necessário recitar aquelas preces divinas antes de adormecerem. Em suas memórias,

Jung se refere a essas orações como ‘veículos’ de proteção espiritual. Enquanto crianças sensitivas estes paranormais sentiam naquelas orações sentimentos de segurança e conforto espiritual, diante das ambiguidades das noites cósmicas. Aquelas preces ou poemas divinos, enquanto recitados por estes sensitivos, nos deram a impressão de que assim procedendo fortaleciam o psiquismo infantil, representando um simbolismo do apoio para um alongamento das suas existências. Não somente para Clarinha, mas para Jung, o Senhor Jesus, representava significados sobrenaturais e, enquanto crianças viam naquela mensagem de amor a figura de um ser afável, protetor e benevolente.

No decorrer das nossas pesquisas, sobre as subjetividades dos dois sensitivos, compreendemos que, ambos, possuíam objetos com funções similares para dar vazão às subjetividades. Clarinha tinha o livreto de sonhos e Jung, a ‘pedra filosofal’.

Como amiga e confidente desta sensitiva, percebemos nas similaridades dela, algo semelhante com o vivenciar sutil do cientista quando criança como, por exemplo, nos sonhos recorrentes, premonições e outros eventos do gênero. Percebemos também que, com o passar dos anos, a sensibilidade de ambos tornava-se mais a florada.

Em suas memórias encontramos um fato bastante interessante que ocorreu com Jung, que é rico de veracidade.

Por volta do outono de 1913, a pressão que até então sentira pareceu deslocar-se para o exterior, como se algo pairasse no ar [...] a atmosfera parecia-me mais sombria do que antes. Não parecia tratar-se de uma situação psíquica, mas de uma realidade concreta. Esta impressão tornava-se mais intensa. [...] viajando sozinho fui subitamente tomado de uma visão: vi uma onda colossal cobrir todos os países da planície setentrional, situados entre o mar do norte e os Alpes [...] acabara de ocorrer uma espantosa catástrofe [...] O mar transformou-se em torrentes de sangue. Esta visão durou cerca de uma hora, perturbado, nauseado, tive vergonha de minha franqueza [...] Uma voz interior me disse: ‘Olha bem, isto é real e será assim, portanto não duvides’(JUNG, 2006, p.210).

De acordo com o relato do cientista acima referido constatamos que se trata de uma premonição através de sonhos recorrentes, pois o cientista sonhou várias vezes sobre este acidente em 1914. E no primeiro dia de Agosto, deste ano, estourou a Primeira Guerra Mundial. Fenômeno idêntico ocorreu com Clarinha, ao detectar na vida de uma amiga, um problema judicial que acarretou dificuldades financeiras. Meses depois, esta mesma amiga, comentou com ela que fora despejada da residência sob uma ação judicial.

Em relação a estes mistérios da consciência humana o sensitivo e terapeuta Argollo (2004), pontuou em sua obra sobre as características da capacidade mediúnica do ser humano, visto que ela está ligada ou radicada no sistema nervoso como áreas ou área cerebral específica. Daí concluímos que no caso de Jung versus Clarinha, entende-se que essas duas criaturas de Deus, tenham renascido com essas áreas sensíveis, às quais, não poderiam ser exercidas de outro modo a não ser levando em consideração uma carga genética. No caso Jung complementa o terapeuta, essas subjetividades tiveram uma carga genética, herdada de sua mãe. Enquanto que, a de Clarinha, foi originária de sua prima Bel.

Como já nos referimos anteriormente, nossa amiga tem um modo todo especial de documentar os seus sonhos. Segundo ela, registrar os seus sonhos e visões faz parte do seu ritual diário para se livrar-se dos problemas e dificuldades sutis da sua vida ou do seu dia-a-dia. Documentar sutilezas faz bem e exercem efeitos curativos no existir do ser humano em estados subjetivos aflorados. Na infância Clarinha tinha como mentor espiritual o Índio Tupi e Jung, Filemon, uma entidade pagã e misteriosa que inspirava uma atmosfera meio-egípcia.

Sob a vibração do Índio Tupi, Clarinha desenhava ‘círculos de cura’ que se assemelhavam às mandalas de Jung, cuja definição encontra-se na íntegra destes textos:

Mandala (sânscrito) - círculo mágico [...] símbolo do centro, da meta e do si - mesmo enquanto totalidade psíquica; auto-representação de um processo psíquico de centralização da personalidade de produção de um centro novo desta última [...] exprime-se, simbolicamente, por um círculo, um quadrado ou um quaternio [...] (JUNG, 2006, p.490).

Certa vez, estudando as duplas personalidades e 2 do cientista, a própria Clarinha se surpreende ao tomar conhecimento de que como ele, é portadora de duas personalidades, sem, todavia, dissociar-se da sua realidade psicofísica. Quando em sintonia com uma delas, a de número 1, por exemplo, as suas ações normais são dirigidas por um dinamismo incomum e se faz presente em todos os atos da sua existência. Enquanto que sob os efeitos da segunda a de número 2, a amiga dá lugar a tudo aquilo que irrompe no seu psiquismo.

E se expressa em seu Diário particular (2002, p.5): “Eu costumo estar simultaneamente no ‘aqui e agora’ e em outras demissões, sem, todavia, perder o prumo da minha realidade psicofísica” De acordo com esta concepção, Clarinha detém este poder de interagir no Universo circundante mediante as ações da sua dupla personalidade.

Deste modo, Clarinha confessa que seguindo as orientações sugeridas pelo mestre da teoria profunda, passou a se questionar também com relação à sua personalidade de número 2. Segundo ela, as pesquisas sobre as personalidades de Jung a fizeram entender que também estaria diante de um problema, porém, não ‘sabia’ entender que, jamais poderia se libertar dele, e fugir jamais. Compreendeu que a paranormalidade entrou na sua vida sorrateiramente e deixou marcas indeléveis dentro do seu ser. E de modo consciente se identifica com Jung em todos os seus momentos, desejos, aspirações, pelas ‘coisas do sobrenatural e, igualmente do psiquismo humano. Como o cientista, Clarinha nos declara que, em certas ocasiões do seu existir, entende-se como totalidade dentro dos processos das suas subjetividades.

Neste clima de seguir as orientações da teoria de profundidade, Clarinha admite não revelar às pessoas fora do seu grupo ‘especial’ a existência de eventos paranormais, para os quais ele denominou “estas possibilidades”. Entendeu porque é advertida pelos umbrais da espiritualidade a não fazer revelações sutis sobre o existir destes fenômenos, isto é, sem apresentar fatos reais, pois estes conteúdos são inexplicáveis, e até para o cientista soaram como ‘complicados’.

Chamamos atenção para os momentos depressivos dos dois sensitivos aqueles instantes sutis nos quais nada é necessariamente belo ou ruim; ou quando nada acontece e nada flui. Um sentimento de totalidade múltipla, indefinida, inquestionável, tal qual uma queda de sintonia vibracional nas profundas dimensões de um vazio no espaço cósmico.

Diante dos fatos referenciados na íntegra deste capítulo, máxima a conclusão a que chegamos: As duas criaturas revelam uma relação íntima com a natureza. Ambos têm interesses pelas coisas do sagrado, subjetividades exacerbadas, e são dotados de poderes sobrenaturais. Sem se deixar enlevar pelos mistérios da natureza Jung e Clarinha revelaram o gosto pelas altas montanhas, rios, lagos, árvores, flores e mistérios do firmamento, o cenário que para eles traduzem fielmente as suas essências divinas. Como Jung, a nossa amiga, das artes plásticas é intuitiva, paranormal, mística e tem fortes ligações com o mundo “avernal” e com os mistérios do sobrenatural que envolvem o espírito, a mente e o corpo físico.

Nas percepções extra-sensoriais de Clarinha encontramos material suficiente que a torna ‘idêntica’ em suas percepções extras sensoriais com Jung. Deste modo encerramos este

capítulo com uma frase significativa diante destas duas criaturas de Deus: “[...], pois foram esses momentos as experiências através das quais o ‘mundo eterno irrompeu no mundo efêmero’ (JUNG, 2006, p.32).

Segundo Jung, foram esses os momentos mais importantes da sua vida. Momentos superiores às viagens, relações humanas e outros derivativos do gênero. Compreendemos que como Jung, Clarinha continua vivenciando estes episódios e conseguiu através deles o confronto com o seu inconsciente, sem se deixar ‘abater’ ou ‘sabotar’ por ele<sup>28</sup>.

#### **4 INTERPRETANDO VIVÊNCIAS PESSOAIS**

No capítulo anterior, registramos algumas percepções extras sensoriais de Clarinha nas mais diversas formas de encarar a vida nos seus relacionamentos com o mundo e com o universo. Porquanto neste, transcreveremos as várias concepções de pensadores e estudiosos do mundo dos sonhos, a partir da visão científica do pai da psicanálise, Sigmund Freud e de Carl Gustav Jung, criador da psicologia analítica. Contamos ainda com a visão dos artistas plásticos, como Marc Chagall e Salvador Dali, ambos envolvidos com o movimento surrealista do século XX, além de outros que, através dos seus sonhos, transportaram para as artes os reflexos surreais do subconsciente. Os textos sobre os sonhos e seus símbolos complementam as pesquisas sobre a paranormalidade, objeto da nossa análise.

Um sonho experienciado por Clarinha em 2002 marcou significativamente todo o período ‘retrospectivo’ das suas PES. Um sonho arquetípico cuja figura era a presença de uma criança de três anos caminhando na companhia de um mago oriental em direção ao sol nascente. A partir deste período, as suas subjetividades tornaram-se mais frequentes e evidentes. Entretanto, as preocupações de amiga com relação à enfermidade do seu tio Nilton, exigiram dela novas ações clínicas, em busca do pronto restabelecimento daquele familiar. Infelizmente com passar dos dias a esperança da cura se distanciava. Por outro lado, as mudanças efetuadas ao longo de alguns meses a ‘sabedoria divina’ se manifestou e tudo fluiu a termo e ordenadamente.

---

<sup>28</sup> As semelhanças em relação às experiências paranormais foram detalhadas no capítulo 1, deste trabalho, tornado-se desnecessário repeti-las.

Diante deste quadro assustador, Clarinha orientou a todos os familiares que se conectassem com o Poder Absoluto objetivando apoiar-se energeticamente e espiritualmente para assistir seu Tio Nilton, do ponto de vista “bio psico social” e espiritual. Como amiga e profissional de saúde sugerimos que ela recorresse às ‘meditações’ e outras práticas alternativas (USUI e REIKI), a fim de encontrar os ‘significados’ mais profundos da ‘cura como o caminho’ e igualmente para o reencontro da alegria do ‘existir. De modo saudável e mais fortalecido, dentro da inteireza do ‘ser’ enquanto habitante deste planeta. Neste processo, a amiga ‘intuiu’ que a maior parcela de apoio que a família necessitava poderia ser dela, como um ser espiritualizado, dinâmica e capaz de alcançar um final feliz naquele tempo de cura com aspectos difíceis e dolorosos.

Experienciar sutilezas pelos caminhos sagrados tem sido um dos objetivos dos estudiosos abaixo referidos em relação às conexões ‘mente matéria’, com o Absoluto (Deus). A título de reflexões aos leitores, inserimos na íntegra esta concepção:

À medida que a concentração se torna mais estável a percepção e a concepção que temos de nós e do mundo gradativamente se transforma, e novas dimensões de insight intuitivo são revelados. Nosso senso de separação e isolamento dá lugar a um sincero senso de conexão, intimidade, interconexão, pertinência, empatia, respeito, amor e compaixão - por nós mesmos, pelos outros e pelo mundo e universo em que vivemos (JOEL LEVEY e MICHELLE LEVEY, 2004, p.74).

Neste espaço de tempo, Clarinha nos revelou que, devido ao assédio de percepções extras sensoriais, advindas daquele processo em sua vida, resolveu entrar em contato com um amigo sensitivo para dirimir suas dúvidas sobre os fenômenos “ditos ocultos” que a atormentavam diariamente em sua casa e em outras dimensões. Após o contato, conjecturamos que possivelmente a amiga estaria entrando em mais uma das etapas do seu ‘processo mediúnic’, apresentando-se mais sensitiva aos fenômenos do sobrenatural e como um seguimento da sua missão espiritual neste planeta. Diante do quadro assustador, o seu amigo sugere que Clarinha procurasse atendimento psicológico, porém ela não o fez.

Independente das sugestões daquele senhor, Clarinha ‘intui’ que a ‘meditação’ e o ‘acolhimento amoroso’ seriam as alternativa escolhidas por ela para auxiliar sua família a modificar as formas/pensamentos na busca dos objetivos propostos, a ‘cura’. Os pensamentos negativos mais presentes no dia-a-dia de todos mudaram, e a dinâmica do tratamento clínico, até então conduzido com a medicação ‘alopata, deu lugar às práticas espirituais e alternativas

da clínica homeopática. E neste caminhar, um depoimento extraído do diário de Clarinha auxilia seu tio se religar com a ‘saúde’ do corpo, da mente e do espírito.

Quando medito para conectar-me com o cosmo, faço inicialmente um ritual respiratório para alinhar os meus corpos sutis, denominado ‘chakras’. Conscientemente e sem temor, consigo adentrar nas profundezas da terra, com o auxílio do meu Eu Superior e em outras dimensões dos espaços siderais. No ato desse processo, recebo as instruções necessárias para o meu envolvimento sutil com aquele espaço circundante e conseqüentemente com o Universo para compartilhar com eles (familiares) na evolução do Planeta Terra. E, num estado de pura ‘magia e encantamento’, transponho alguns entraves no âmago da terra, pedras, metais e lençóis freáticos para depois posicionar-me sobre uma ‘pirâmide de cristal’ na ‘descida’(termo Junguiano). Um pedestal mágico, sólido e iluminado. Um espaço constantemente visitado em algumas circunstâncias da minha vida, para receber as instruções, de um Mago Oriental que me acompanha ininterruptamente a partir do meu renascer. Durante este ato, assimilo partes do meu aprendizado espiritual para trilhar pelo viés dos caminhos sagrados, em busca do conhecimento. Um processo no qual, sou submetida aos meus questionamentos e indagações sobre os mistérios do sobrenatural, cujo envolvimento me faz crescer e evoluir espiritualmente. Um vivenciar sutilezas no qual em estado de realidade psicofísica, sinto-me inteira na minha completude para prosseguir a missão, desprovida das ‘máculas de ‘ser’ ou ‘não ser’, uma pessoa “histérica ou louca”. (CLARINHA, 2002, p.21).

E, em outras partes do seu diário ela ainda acrescenta:

Através da ‘meditação eu consigo entrar em sintonia com o Cosmo e me reencontrar com os mestres da espiritualidade. E nesse pensar sutilezas, posso reverter uma situação ‘perigosa ou indecisa’, em meu próprio benefício e/ou em benefício de outrem. Perceber a diferença sutil entre “miasmas, sonhos, ilusões e fantasias”. Compreender de certa forma o momento certo para retroceder ao meu espaço/tempo, a fim de vivenciar e contemplar a minha real dimensão dentro da realidade mundo. Sinto-me tal qual o ‘filho pródigo’ que, num dado momento, do seu existir, voltou à casa do Pai.

As concepções sobre o ‘mundo’ da espiritualidade nos fizeram compreender que no ambiente familiar ocorreram outros níveis de sintonia vibracional mais elevada e o processo de cura de seu tio Nilton foi instalado. Aos poucos, percebemos na cura interior, sentimentos de alegrias. Clarinha tornou-se mais fortalecida e a sua paranormalidade testada em seus mínimos detalhes, direcionada pelas benesses das alegorias espirituais. Compreendemos que quando estes processos ‘mediúnicos e/ou enfermidades’ batem à porta de alguém, visa atingir um ‘bem’ maior e, neste caminho, felizmente o processo de ‘cura’ foi instalado. Por outro lado, Clarinha vivenciava também as suas PES e os “inexplicáveis fenômenos anômalos”, sem o apoio e legitimidade da ciência.

Por estas razões Francis Thompson (*apud* RADIN, 2006, p.14), poeta Inglês do século XIX, embalado talvez pelo poder da ‘intuição’ e, igualmente, com um sentimento ‘repleto’ de



sabedoria transcendental, enfatiza a ‘interligação’ do ser humano com as ‘coisas’ sagradas do universo, quando adverte: “Todas as coisas, pelo imortal poder, tanto perto como longe, ocultamente estão umas às outras tão ligadas que não se pode uma só flor mover, sem que as estrelas sejam perturbadas”.

A enfermidade de seu tio Nilton configurou-se em Clarinha a idéia de que o sofrimento do ‘corpo’ e da ‘alma’ humana, simbolizam o ‘viés’ para o cumprimento de uma missão ‘maior’ e ‘fraterna’, ou de um sintoma do que ainda está por vir. Conseguiu conceber na sua visão de Cura, um ‘sinal divino’ para compreender que é preciso ‘transcender e transmutar’. E ainda absorveu que, somente assim o ‘mal’ se transforma no ‘bem’. De acordo com estas concepções pelas ‘coisas’ sagradas, a amiga conscientizou-se de que toda sintoma em relação a uma dor ‘física e extra-física’, é um sinal de alerta para a ‘alma’ de um ‘ser pensante’, em processo de evolução espiritual e cura interior.

Em sua obra “A Doença Como Caminho” o médico Thorwald Dethlefsen e o psicólogo Rudiger Dahlke descobriram em suas ações que é necessário ‘um sinal de alerta’ na vida do ser humano nas questões que envolvem o ‘espírito’, a ‘mente’ e o ‘corpo físico’. Estabelecer com eles, formas/pensamento em busca do conhecimento. Encarar a doença não somente como um ‘fardo pesado’ mas, sobretudo, como um caminho a ser trilhado com todas as regras da sabedoria universal. A doença do corpo físico é uma oportunidade de detectar outros significados para as nossas vidas como, por exemplo, a ‘cura da alma humana’ e/ou resgatar ‘débitos’ de vidas passadas. Esses estudiosos ainda enfatizam que a ‘doença como caminho’ é um verdadeiro ‘apelo’ para uma tomada de decisão e ou um ‘ponto de mutação’ que envolve os novos paradigmas da espiritualidade na direção da ‘cura interior’. Em conformidade com esta visão eles se expressam em seus escritos de cura:

Este livro, ao contrário, deseja tornar claro que a doença é muito mais do que uma mera disfunção natural. Na verdade, ela faz parte do sistema de controle total que no momento atual se destina a estimular a nossa evolução. Não se devem livrar os seres humanos da doença pela simples razão de que a saúde de fato precisa dela por ser o seu par polarizado complementar [...] O homem está doente porque lhe falta a Unidade. O homem sadio, ao qual não lhe falta nada, só existe nos livros de medicina. Na vida, não se conhece nenhum exemplar desses [...] Estar doente, neste contexto, significa ser imperfeito, inseguro, vulnerável e mortal (DETHLEFSEN e DAHLKE, 2007, p.57).

Compreende-se que um ‘olhar interior’ através deste prisma mudou o quadro clínico do seu tio Nilton. Funcionou como ponto de partida para uma nova visão do ‘mundo interior’, das

peças ‘doentes’ ou ‘sadias’, em relação às enfermidades do espírito, da mente e do corpo físico. Foi percebido também que a amiga se envolveu mais no contexto familiar, a ponto de se fragilizar na sua completude e inteireza. Ficou susceptível às energias densas e, em determinadas ocasiões do seu existir, mostrava-se parcialmente ‘exaurida’. Seus projetos de vida tornaram-se mais lentos. No entanto, com o decorrer do tempo compreendeu nestas ‘revelações divinas’ que como seres humanos não somos ‘perfeitos’, ‘cultos’, ‘culpados’ ou ‘pecadores’. Somos apenas o resultado do “micro cósmico da Queda”. No caso a ‘descida’, uma ‘atitude’ do ponto de vista Junguiano. Diante deste quadro existencial, ficou configurado que a ‘doença’ não é um ‘castigo’ para o corpo físico, mas simboliza a ‘forma’ de manifestações solidárias do amor ao próximo, do amor a si mesmo. Sentimentos interiores que coadunam com o pensamento dos citados:

“[...] Enquanto participarmos da polaridade, também participará da culpa, da doença e da morte. Assim que aceitarmos esses fatos, eles deixam de ter quaisquer conotações negativas” (DETHLEFSEN e DAHLKE, 2007, p.57).

Com o desencadear do processo de cura de seu tio, Clarinha vivencia mais intensamente o mundo interior e o fez com sabedoria e mestria. Sonhava diariamente, e os seus sonhos se referiam aos mesmos eventos, às mesmas situações, às mesmas pessoas e aos mesmos cenários, algo conhecido como “incursões aleatórias do inconsciente”.

Sonhar é uma experiência universal, poderosa e cheia de mistérios. Devido a amarfanhos de sentimentos, os conteúdos dos sonhos constituem verdadeiros significados para o psiquismo daquele indivíduo sonhador. Compostos de fragmentos de “imagens errantes” e complicadas, eles podem assumir no nosso existir, aspectos benignos, demoníacos ou, ainda induzir um terror capaz de acelerar os batimentos cardíacos, quando se povoam de ‘monstros horripilantes’ de pessoas queridas e amadas.

Diante destas considerações, o território “enevado” entre o despertar em consciência e no mundo sutil no qual entramos enquanto adormecidos, é um tema que permeia o existir humano, constituindo fonte de pesquisas e inspirações de alguns estudiosos da história psíquica dos nossos dias. Embora as características dos sonhos, sejam conhecidas e experienciadas, insistem e persistem ‘intrigantes indagações’ a respeito destes fenômenos que permanecem vivos no interagir do mundo.

Afinal o que são os sonhos? Qual o seu significado para a humanidade sonhadora? O que eles representam para o psiquismo do ser humano? Para os povos antigos, gregos e egípcios, os sonhos correspondiam às mensagens dos deuses às mentes adormecidas. De certo modo, quaisquer que sejam as nossas crenças sobre a existência deste simbolismo e em respostas a estas indagações, tentaremos mostrar, ao longo dos próximos parágrafos o que os sonhos representam no interagir das pessoas, pois na visão das sociedades antigas, os sonhos ecoaram como conteúdos do mundo sobre-humano nos quais acreditavam, onde os poderes de prever o futuro eram revelados por deuses e demônios. Entretanto, baseado em sua autobiografia, o cientista das causas profundas do inconsciente assim se expressa:

O sonho é uma porta estreita, dissimulada naquilo que a alma tem de mais obscuro e íntimo; essa porta se abre para a noite cósmica original, que continha a alma antes da consciência do eu e que a perpetuará muito além daquilo que a consciência individual poderá atingir. Pois toda consciência do eu é esparsa; distingue fatos isolados, extração e diferenciação; só o que pode entrar em relação com o eu é percebido. A consciência do eu, mesmo quando aflora as nebulosas mais distantes, é feita de enclaves bem delimitados. Mediante o sonho, inversamente, penetramos no ser humano mais profundo, mais geral, mais verdadeiro, mais durável, mergulhando ainda na penumbra da noite original, quando ainda estava no Todo, e o Todo nele, no seio da natureza indiferenciada e despersonalizada (JUNG, 2006, p.496-497).

#### **4.1 Sonhos: Ilusões ou Linguagem Esquecida?**

Nos primórdios da humanidade, os sonhos significavam as ‘sombras’ ou as ‘máscaras’ escondidas que usamos para os outros. Quando adormecidos nos mostramos a nós mesmos outros aspectos o do ‘oculto e sombrio’ das nossas personalidades. Entretanto, de acordo com os críticos das artes plásticas e estudiosos do psiquismo humano, o fato de querer saber com que sonhamos ainda nos fascina. Nos dias atuais a distinção entre ‘realidade e ilusão’ às vezes são tão reais quanto qualquer evento ocorrido, enquanto acordados.

De modo sábio a ex-discípula de Jung expressa que, a grande descoberta da psicologia profunda, foi pontuar que de cinco ou seis vezes por noite a parte inconsciente da psique é retratada nos sonhos e que ao relembra-los, a mente consciente tem a oportunidade de observar os conteúdos da mente inconsciente:

[...] um sonho revela o inconsciente sob a forma de imagem, metáfora e símbolo, numa linguagem intimamente associada à da arte. Longe de ser exposições objetivas e prosaicas, os sonhos costumam ser confrontos altamente subjetivos e pessoais nos quais o ego, ‘o eu’, sente emoções que vão do medo e hilaridade à sensação de sublime paz e beleza. Assim como as peças teatrais, os poemas e a pintura, a

linguagem dos sonhos transmite o poder e a sutileza tanto dos sentimentos como do pensamento racional (Von FRANZ, 1990, p.35-36).

Ainda neste contexto compreendemos que o sonho quer queiram ou não, representam conteúdos importantes que reverberam em nossas vidas e conseqüentemente na nossa inconsciência. Nas antigas civilizações, por exemplo, estes conteúdos foram estudados com rigor por acadêmicos. Por outro lado, complicados livros de sonhos foram igualmente manuseados por respeitáveis interpretadores. Na antiga literatura Chinesa, foram registrados outros seguimentos sobre este material onírico, mostrando as várias maneiras como eles se vinculam à existência consciente (INCE *et al.*, 1992).

A partir de nossos estudos e pesquisas sobre este tema, compreendemos que o confronto entre ‘realidade e ilusão’ não se limitou apenas aos pensadores Orientais. Os estudiosos da Grécia Antiga concebiam nesses simbolismos, fenômenos extremamente sérios e tinham como pilares os poderes dos Oráculos. Deste modo, aqueles pensadores acreditavam nos sonhos como a oportunidade das suas mentes receberem enquanto adormecidas as mensagens dos deuses.

Considerando esta sabedoria Oracular dos povos antigos ficou entendido que o confronto entre a ‘realidade e ilusão’ não foi apanágio exclusivo dos pensadores Orientais. Visto que alguns filósofos clássicos gregos chegaram à mesma encruzilhada em relação ao mundo dos sonhos. Para eles o confronto entre ‘realidade e ilusão’ ultrapassou as barreiras do mundo oriental.

No *Teaetetus* de Platão, Sócrates indagou: “Que provas você daria a alguém que nos perguntasse agora, no momento presente, se estamos adormecidos e nossos pensamentos são um sonho; ou se estamos acordados e conversando em condições de vigília? Depois em *Teaetetus* admitir que ambos estiverem dormindo, Sócrates continuou: “Como você vê, ainda está aberta a questão: estamos acordados ou sonhando? (INCE *et al.*, 1992, p. 24).

No *Talmud* Hebraico, por exemplo, está escrito: “um sonho não interpretado é como uma carta que não se lê” (INCE *et al.*, 1992, p.23).

Na Nova Guiné, a tribo dos Kai e os ashanti da África Ocidental, conseguiram equipar os seus sonhos à realidade circundante. Para estes povos até manter relações sexuais em sonho, era

um ato de adultério e o sonhador poderia ser punido com todo o rigor da lei. Por outro lado, constatamos que os Zulus Africanos, têm outra visão quanto ao mundo dos sonhos. Sustentam em suas crenças que eles representam uma ‘ação onírica’, ou seja, são vistos por aqueles como espíritos ancestrais e que podem avaliar o comportamento dos vivos, com os sentimentos de aprovação ou desagravo (INCE *et al.*, 1992, p.24).

Nos dias atuais, o ser humano ainda rejeita seus sonhos como algo sem sentido. Entretanto, para outros, este material onírico é a ‘linguagem esquecida de Deus’ e/ou a ‘linguagem do demônio’. Diante destas observações, consideramos que todo esse material submerso nos reinos da subconsciência, são conteúdos importantes na vida de um ‘ser pensante’ e estão relacionados diretamente à psicologia de cada ‘ser’, individualmente. Daí conclui-se que não somente os povos antigos como os nossos contemporâneos, precisam trabalhar os seus sonhos no divã do analista ou psicoterapeutas em grupos de auto-ajuda.

Quer dizer, os sonhos seguem em sua estrutura determinados ‘valores, crenças espirituais e tradições’, e se originam das mensagens deixadas pelos deuses, cujo trabalho pioneiro deve-se a Jung, ao conceber que através dos conteúdos oníricos o inconsciente emerge de uma forma bastante clara. Os estudiosos abaixo relacionados oferecem uma concepção sobre o papel da interpretação dos sonhos, que adverte:

“Sem uma acurada atenção às relações externas das imagens do sonho (sobretudo uma série de sonhos) o analista estará correndo o perigo de projetar sua própria teoria no material do paciente (JAMES A. HALL, 2007, p.43).

A partir desse referencial onírico, encontramos importantes figuras da nossa história, como Alexandre, o Grande, René Descartes, Elias Howe e Robert Louis Stevenson, que prestaram os seus depoimentos a favor dos sonhos. Para eles os sonhos forneciam um rico material a realização dos seus ideais. Quer dizer, as imagens noturnas significaram, enquanto conteúdos do inconsciente, as portas que se abriam para as outras dimensões, ou um passaporte para contemplar uma realidade completamente diferente do ‘existir’ (INCE *et al.*, 1992, p.23).

De acordo com Ubaldo Nicola em “Antologia Ilustrada de Filosofia” (2002, p.374), o próprio Arthur Schopenhauer ao referir-se aos seus sonhos se expressou: “O conteúdo do sonho nunca

é totalmente ilógico e principalmente, nunca imotivado, porque depende dos desejos, das imagens recentemente percebidas, da experiência real do sonhador”.

De conformidade com o material onírico, acima mencionado, podemos concluir que os sonhos fazem parte do nosso existir e na virada do século XIX para o século XX, os pioneiros da psicologia profunda<sup>29</sup> não descobriram os sonhos, pelo contrário, eles os ‘redescobriram’ como um simbolismo que têm refletindo os ‘valores e as estruturas psico-sociais’, de diferentes culturas, a partir dos povos antigos até os dias atuais.

De qualquer sorte os sonhos dos artistas daquele período, apresentavam uma composição de fragmentos de imagens, muitas vezes complicadas, que desenrolavam diante das suas mentes como na projeção de um filme. Episódios surreais que, na maioria das vezes, assumiam ‘papéis delirantes, ‘aspectos leves ou densos’, ‘benignos ou malignos’, e ainda suscitavam batimentos cardíacos acelerados. Na íntegra, a concepção científica de Jung, um pintor humanista que transmitiu às artes plásticas os seus sentimentos interiores:

Os sonhos não são invenções intencionais e voluntárias, mas, pelo contrário, são fenômenos naturais que não diferem daquilo que representam. Não iludem, não mentem, não deformam, não encobrem, mas comunicam ingenuamente o que são e o que pensam [...] Mas quer sejam originais ou difíceis, a experiência demonstra que sempre se esforçam por exprimir algo que o eu não sabe e não compreende (JUNG, 2006, p. 497).

#### 4.2 Os Sonhos na Visão de Freud e Jung

Para o pai da moderna psiquiatria, Sigmund Freud os sonhos são criados pelo cérebro e serviriam de ‘janelas’ para a psique, revelando um esconderijo de desejos insatisfeitos. Hoje os seus seguidores consideram tais visões como uma das maiores ferramentas da psicanálise contemporânea (INCE *et al.*, 1992).

Freud concebia que os sonhos serviriam para jorrar um pouco de luz na escuridão do processo mental. Portanto o seu famoso livro “A Interpretação dos Sonhos” tornou-se um compêndio de cabeceira para um grande número de estudiosos da mente humana. Neste sentido, inserimos um conceito Junguiano relacionado ao ‘mundo dos sonhos’ com todo simbolismo e seus mistérios em violento contraste com Freud. Jung acreditava que os sonhos têm uma

---

<sup>29</sup> Os pioneiros da psicologia profunda destacam-se em ordem Sigmund Freud, Ferenczi, Adler, Wilhelm Reich e Carl Gustav Jung.

forma peculiar de comunicação, quase direta, objetiva. Para ele a mente noturna não tem necessidade de ocultar sua compreensão sob uma camuflagem simbólica para disfarçá-la aos olhos vigilantes do superego. O dispositivo de censura descrito pelo psicanalista Freud simplesmente não existe, afrontava Jung:

“Não há razão alguma pela qual possamos afirmar que o sonho consiste em um expediente engenhoso para desviar-nos do bom caminho, declarou” (INCE *et al.*,1992, p.72).

Jung (2006) observou em seus sonhos e nos dos seus pacientes, ‘conteúdos inconscientes’ significativos que regulam e equilibram as energias físicas e mentais do ‘ser pensante’, dotado de inteligência e vontade, enquanto no seu processo onírico existencial. Ao enfatizar esta visão, ele concebe que, os mesmos só são irritantes e enganadores se não os compreendermos. Não utilizam artifícios para dissimular alguma coisa, contudo dizem à sua maneira o que constitui o seu conteúdo de maneira mais nítida possível.

Para o empirista dos sentimentos profundos, os sonhos não são somente invenções intencionais e voluntárias, pelo contrário, são fenômenos naturais que não diferem daquilo que representam. São produtos psíquicos que surgem na vida do ser humano, sem motivação consciente, no estado ‘hípinico’, dotado de ‘natureza pura’ e, igualmente, tem uma tarefa muito importante no existir das pessoas quando sabiamente administrados à luz da psicanálise. De acordo com Freud, a tarefa imediata dos sonhos é a de compensar a unilateralidade da consciência considerando o ‘conhecimento do ‘pré-consciente’ oculto, da psique coletiva.

No contexto psicanalítico compreendemos que ‘sonhar’ significa vivenciar ‘momentos de sabedoria’, porque neste experienciar sutileza está contida um ‘simbolismo’ e uma verdade compensatória de que existe ‘algo muito mais profundo’ nos porões do inconsciente. Jung (2006) enfatiza esta visão e os concebe que os mesmos só são irritantes e enganadores se não os compreendermos. Não utilizam artifícios para dissimular alguma coisa, contudo dizem à sua maneira o que constitui o seu conteúdo da maneira mais nítida possível.

Para fortalecer cada vez mais a ‘idéia’ de que o ‘ato de sonhar’ é vital para o psiquismo humano, apresentamos a visão onírica da ex- discípula de Jung:

Cada sonho que temos, dentre milhares no decorrer da nossa vida, é único. Uns são diretos, outros mais complexos, mas todos os sonhos são espontâneos e imprevisíveis. É, portanto surpreendente observar que muitos deles têm uma estrutura identificável, um arcabouço a partir do qual se organizam (Von FRANZ, 1990, p.44).

Uma declaração que é respaldada na teoria analítica: “O sonho provém dessas profundezas, onde o universo ainda está unificado, quer assumam as aparências mais pueris, as mais grotescas, as mais imorais” (JUNG, 2006, p.497).

De qualquer sorte, os sonhos são conteúdos que se processam na vida das pessoas como um produto psíquico. Jung ainda adverte que quando o ser humano está sonhando a consciência não se apaga por inteiro durante o sono. As pessoas quando sonham mantêm uma pequena parcela do seu ‘eu’ ativado, embora seja um ‘eu’ muito limitado. Estranhamente modificado, conhecido como ‘eu onírico’.

Pesquisando o ‘mundo dos sonhos’, identificamos o perfil psicológico de alguns pintores que foram seriamente influenciados pela obra de Sigmund Freud e pelo movimento surrealista, desencadeado na Europa, durante a década de 1920, enfatizando os sonhos. Os artistas plásticos, daquela época, consideraram nesse movimento surreal uma oportunidade de pesquisar os sonhos e a subconsciência. Simpatizantes das subjetividades, eles buscavam a ‘transcendência do mundo do pensamento consciente’ ou da ‘realidade’. Exerciam as suas manifestações ‘surreais’, através do exercício das obras sob ‘a visão do subconsciente’, como acreditavam. André Breton, poeta francês que se auto-intitulava porta voz desse movimento assim se expressou, em certa ocasião referindo-se aos objetivos do surrealismo:

“A resolução futura desses dois está-sonho e realidade, - tão contraditórios na aparência, numa espécie de realidade absoluta: a surrealidade” (INCE, *et al.*, 1992, p.7).

Naquela época os pintores transferiam para suas ‘telas brancas’ elementos simbólicos de sonhos comuns. Uma arte carregada de subjetividades, cujos desenhos criativos e aplicados de modo livre, exprimiam os conteúdos da psique inconsciente. Verdadeiros ‘pigmentos com arte’ da ‘ação criativa’ que inconscientemente sofriam ‘distorção’ ou ‘justaposição’ para posteriormente assumirem um ‘simbolismo especial’, originário das profundidades do ser. Através do manuseio do pincel os matizes daqueles artistas tornavam-se ‘explícitos’. As ocorrências mistas do passado, do presente e do futuro desapareciam quase por completo do



‘cenário surreal daquela obra’, para dar espaço às leis naturais que governam a ‘realidade psicofísica’. E desta forma os métodos e técnicas da arte acadêmica tornavam-se sem efeito.

Von Franz (1988) costuma pontuar que os sonhos não nos poupam das doenças e demais vicissitudes da vida. Entretanto, todos eles têm um lado benigno quando nos fornece uma “linha mestra” de como exercitar esses processos, no sentido de encontrar uma saída para uma variedade de questionamentos sutis e adverte:

“Os símbolos são a linguagem dos sonhos. Nos sonhos, o inconsciente é revelado através de símbolos. A chave para a compreensão de um sonho é o conhecimento dos símbolos” (Von FRANZ, 1988, p.55).

Por este prisma, entende-se que os sonhos nos fazem cumprir o nosso destino, durante o curso da existência, em busca da nossa ‘própria estrela’. Funcionam, sobremaneira, como verdadeiros pontos reguladores do equilíbrio das energias físicas e mentais quando estamos adormecidos. Desempenham um papel fundamental de revelar a causa das nossas angústias emocionais, enquanto indicam um potencial latente que existe em nós para cumprir tarefas pertinentes ao existir humano. Portanto, diante desta contextualização científica, compreende-se ainda que os sonhos nos forneçam soluções criativas para a equação de problemas e dificuldades existenciais, quando dormimos e/ou até mesmo acordados.

Para a maioria dos pesquisadores das percepções oníricas e repetindo concepções antigas, as subjetividades das noites cósmicas, funcionam como um elemento psíquico revelador das forças do destino ou um processo do que ainda está por vir. Compreende-se também, que as crenças relacionadas a elas, fazem com que os seres humanos busquem os significados de vida, cuja lógica está escondida por baixo das camadas de simbolismo e de metáforas.

Outros estudiosos deste tema teorizaram sobre o fato de que os sonhos possam constituir pedaços de informação desnecessária e que durante a noite são expurgados da memória de uma pessoa, assim como é possível eliminar os dados descartáveis do arquivo de um computador.

#### **4.3 Os Dons Artísticos de uma Sensitiva**

A partir dos inúmeros contatos com Clarinha para pesquisar os temas sobre a paranormalidade, mediunidade, Psicologia Analítica, Sonhos, Artes Plásticas e ‘mistérios’ que envolvem o ato de pintar, compreendemos que o ‘dom das artes plásticas’ pode ser alimentado pela ‘intuição’, ‘imaginação criativa’, ‘sonhos’ e ‘espontaneidade’. Sentimentos originais do ser humano que é ‘sensitivo-criativo’, que usa o hemisfério direito do cérebro para elaborar suas obras de arte, enquanto enraizado nos seus ‘arquétipos ou memórias ancestrais’. Neste vivenciar sutil o cientista das subjetividades, do ‘mundo das artes’ e da ciência enfatiza:

Atrás da consciência não se encontra o nada absoluto, mas sim a psique inconsciente que afeta a consciência por trás e por dentro, da mesma forma, como o mundo externa afeta a consciência pela frente e de fora. Portanto, os elementos pictóricos que não correspondem a nenhum lado externo devem provir do íntimo (JUNG, 2007, §207).

Seguindo considerações psicológicas do ser humano no ‘aqui e agora’, tentaremos mostrar o perfil de Clarinha em seus relacionamentos individuais, como membro de grupos e comunidades. Dotada de um temperamento ‘extrovertido’, ‘criativo’, ‘sensitivo’, ‘alegre’ ela vive de bem com a vida. Quando está pintando, consegue transmitir às suas obras sentimentos surreais e que se afluam a partir do inconsciente. Em alguns segundos, ela consegue, através de movimentos rápidos e sem sentido, transmitir às obras pigmentos com arte, desprovidos dos métodos e técnicas acadêmicas, que se assemelham às pinturas dos artistas surrealistas daquela época.

É provável que Clarinha elabore suas telas quando se fazem presentes às ‘fantasias e intuições exacerbadas’, um sentimento, talvez, originário do seu “eu interior”. Quer dizer, quando a sua mente se expande, transpondo os longínquos recantos do seu mundo inconsciente. Esta razão a levou identificar-se com Jung, nas questões do simbolismo das artes, da mente, do espírito e nas prováveis intenções desse cientista de querer legitimar a sua própria paranormalidade.

Nos inúmeros contatos com a amiga conseguimos identificar o seu perfil psicológico, tomando por base a teoria de profundidade de Jung (2006), quando elaborou os ‘tipos psicológicos’ do ser humano, nas diversas formas de ‘ser’, ‘agir’ e ‘pensar’ sutilezas. Por estas razões, as duas atitudes básicas, a Extroversão e a Introversão, e as quatro funções: pensamento, sentimento, sensação e intuição, serviram de parâmetros para que Clarinha identificasse o seu próprio perfil e, igualmente, a sua principal função psicológico. Jung

descreveu o ‘Sentimento’ como ‘racionais’, os atos de julgamento. Enquanto que a ‘Sensação e a Intuição’, ele as consideraram ‘não-racionais’, no caso, as respostas aos estímulos sem juízo.

Para Silveira (2001), os ‘tipos psicológicos’ são frutos das experiências do cientista, por ocasião das suas observações às diferenças psíquicas do ser humano, em seus relacionamentos com o mundo e com o Universo. Por outro lado Jung pontuou que estas diferenças psicológicas, uma vez identificadas no existir humano, contribuiriam para avaliar o comportamento das pessoas no processo de adaptação consigo mesmo e/ou na sua adaptação ao meio ambiente. Sendo que cada indivíduo direcionaria a sua ‘função principal’ e a identificaria como tal no exercício das suas ações.

No vivenciar deste processo, Jung advertiu que uma segunda função entra como apoio à primeira, exercendo um grau de diferenciação para ‘mais ou para menos’, nas diversas formas de relações com o mundo. Deixou claro e evidente que uma terceira função comporia esse perfil que não vai além de um desenvolvimento rudimentar. A quarta função psicológica permaneceria então num estado, mais ou menos inconsciente, a que Jung conceituou como ‘função inferior’. Importante conferir na íntegra os conceitos:

[...] na introversão, um fluxo de energia inconsciente está constantemente enfrentando energia ao objeto [...] O conceito de extroversão e de introversão baseia-se na maneira como se processa o movimento da libido (energia psíquica) em relação ao objeto. Na extroversão a libido flui sem embaraços ao encontro do objeto, pois este parece ter sempre em si algo de ameaçador que afeta intensamente o indivíduo [...] Extroversão e introversão são ambas as atitudes normais. Claro que a introversão em grau exagerado tornar-se-á patológica do mesmo modo que a extroversão excessiva será também característica de estado mórbido (SILVEIRA, 2001, p.46).

Ficou entendido que as observações de Jung sobre atitudes e funções psicológicas, oferecem subsídios que contribuem sobremaneira para que essas diferenças individuais ‘funções psíquicas’, facilitem às pessoas o poder de adaptar-se ao mundo exterior. As quatro funções básicas podem ser consideradas funções de adaptação sinalizando ainda ‘pontos cardeais’, vez que utilizados pelas pessoas para se reconhecerem como ‘ser pensante’, diante do mundo e notadamente orientar-se.

A *sensação* constata a presença das coisas que nos cercam e é responsável pela adaptação do indivíduo à realidade objetiva. O *pensamento* esclarece o que significam os objetos. Julga, classifica, discrimina uma coisa da outra. O *sentimento*

faz a estimativa dos objetos. Decide do valor que têm para nós [...] A *intuição* é uma percepção via inconsciente. É a apreensão da atmosfera onde se movem os objetos, de onde vêm e qual o possível curso de seu desenvolvimento (SILVEIRA, 2001, p.48).

Seguindo os pressupostos da ‘intuição’, do ‘sentimento’, da ‘criatividade’, da ‘espontaneidade’ e, igualmente, nos estágios no modo de interagir com os seus pares no grupo familiar e através dos vínculos amigáveis, entendemos que Clarinha se ajusta ao tipo psicológico ‘extrovertido’, pelas suas ‘formas pensamentos’.

As considerações acima referidas atestam que ela é prioritariamente uma pessoa ‘intuitiva’, com prevalência da ‘função básica da Intuição e Sentimento. Este perfil psicológico foi identificado por ela através da sua ‘individuação. Passou a se entender mais e melhor consigo mesma e com os seus pares, enquanto interagindo sabiamente como um ‘ser’ individual, grupal e comunitário.

O temperamento Extrovertido de Clarinha tem conotações da leveza e da liberdade, nos seus relacionamentos com o mundo e com o Universo. É com este temperamento, ‘sensível e intuitivo’ que a amiga elabora suas telas dissociadas das regras acadêmicas.

A título de ilustração desta monografia inserimos na íntegra, um dos momentos da vida de Clarinha quando foi submetida a um ‘teste seletivo’, para concorrer a uma vaga no curso nas Oficinas do Museu de Arte Moderna da Bahia (MAM) no ano de 2005. Na proposta do conteúdo programático do curso, o candidato passaria pelo processo de seleção levando consigo a sua própria obra para ser ‘avaliada’ pela docente. Caso o candidato fosse aprovado no teste, tornar-se-ia um membro do curso e estaria habilitado ao ingresso das práticas do Desenho Criativo<sup>30</sup>.

A aprovação de Clarinha para o curso do MAM transformou-a numa mulher feliz e alegre, pela possibilidade de exercer a sua arte dentro das técnicas acadêmicas e do Desenho Criativo. Participando daquelas oficinas, a amiga pretendia tornar-se mais consciente das suas ações, porque se definia ‘autodidata’ na construção das suas Obras. No entanto, o ingresso naquelas oficinas não modificou o seu modo de fazer artes Plásticas. Os sentimentos da sua

---

<sup>30</sup> De acordo com a proposta das Oficinas do MAM-BA, o Desenho Criativo faz com que o aluno dê asas à imaginação. Esta proposta facilitaria o processo criativo de Clarinha na elaboração de uma obra de arte, dentro dos métodos e regras acadêmicas.

‘alma’ continuaram os mesmos, porém tornaram-na bastante feliz pelas ações do dever cumprido. Quando indagada sobre a forma como ela elabora as telas, costuma se expressar: “Não sei” Simplesmente acontecem! Como Jung, Clarinha revelou, em certa ocasião, que desenvolve artes plásticas movida por um mecanismo ‘interior’, um sentimento similar ao dele, quando em suas subjetividades, elaborou ‘mandalas’. Nesta visão pelo mundo das artes Jung enfatiza:

A obra de arte desta espécie não é a única que provém da esfera noturna, os visionários e profetas dela se aproximam, como diz com muito acerto S. AGOSTINHO. ‘E subíamos ainda, cogitando interiormente, conversando e admirando as tuas obras; e entramos em nossas mentes e as transcendemos, atingindo a região da fecundidade que não falha, onde alimentas eternamente Israel com o alimento da verdade e onde a vida é sabedoria’ (JUNG, 2007, §149).

Diante de tantas subjetividades pelo mundo das artes concluímos que os artistas ‘sonhadores’ criavam suas obras motivadas pelos momentos de uma ‘loucura simulada. Entre eles Henri Rousseau, Paul Delvaux e René Magritte, os pintores surrealistas mais significativamente influenciados pela tese psicanalista de Sigmund Freud.

Neste contexto ainda podemos observar que a amiga se identifica com alguns artistas surrealistas, e também com Jung, pelo seu modo de ser e de construir sutilezas ao sabor dos ventos e correntezas.

Como Jung, Clarinha e tantos outros artistas demonstraram em suas obras sentimentos surreais e quase nas mesmas dimensões de sentimentos. Afinal o que é que entra no jogo das sutilezas dos artistas: imaginação criativa? Intuição? Conteúdos e ou fragmentos perdidos no subconsciente?

Segundo os registros na História da Arte, o pintor daquela época interessava-se em entender os conteúdos dos seus sonhos influenciados pelo movimento surrealista e pela teoria de Freud. A ciência que pesquisa os sonhos e o subconsciente no interagir das relações humanas, enquanto agente da realidade psicofísica. No entanto, esses pintores quando elaboravam as suas telas, buscavam transcender o ‘mundo’ do pensamento inconsciente. Enquanto utilizam os elementos dos seus sonhos e dos objetos corriqueiros, eles distorciam as figuras num processo da ‘justaposição’, destes elementos para traçar os símbolos que davam originalidade

à sua arte. Dentro deste esquema surreal, as ocorrências do presente, do passado ou do futuro, extrapolavam todas as leis que governam a realidade física.

Na tela de Rousseau intitulada ‘O Sonho’, de 1910, conseguimos identificar nesse artista um sentimento surreal, ou seja, um comportamento que foi regido pelo mundo dos sonhos, no qual ele retratou a imagem de uma mulher exótica, despida e ao mesmo tempo deitada num sofá em plena floresta, de um jardim botânico de Paris. A paisagem enluarada da sua tela nos deixou transparecer que esse pintor inseriu na sua obra conteúdos inconscientes, como as folhagens verdejantes, um ‘encantador de serpentes’ e, ainda, alguns animais selvagens a espreitar a realidade circundante. Em carta a um crítico de artes que o questionava deu a seguinte explicação:

“A mulher adormecida no sofá está sonhando que foi transportada para a floresta [...] Quando entro nestas estufas e vejo essas plantas estranhas, de países exóticos, Comentou Rousseau certa vez, ‘sinto-me como se estivesse caminhando dentro de um sonho’” (INCE *et al.*,1992, p.8).

Por sua vez, Marc Chagall pintava as suas obras auxiliadas pelas suas visões líricas e nos instantes dos seus sonhos, costumava revelar aos seus expectadores o seguinte depoimento: “Parece-me uma janela através da qual eu poderia levantar vôo em direção ao outro mundo. E outro mundo - um lugar mágico, onde o prosaico se mistura ao fantástico” (INCE *et tal* 1992, p.10).

Na sua obra intitulada “A Sala Amarela”, de 1911, foi observada que sob a ‘tela branco’, o artista desenhou uma mesa posta para o chá, onde a perspectiva não se apresentava dentro das regras do desenho acadêmico. A mesa desenhada pelo artista está inclinada como num sonho e, que se fosse uma mesa real, os objetos sobre ela, a ‘xícara e o samovar’, cairiam devida a inclinação daquela. Por sua vez, a figura feminina que compõe o cenário artístico da obra, está com a cabeça presa ao seu corpo, de ‘modo contrário’. Enquanto que a figura masculina apresenta-se sem identificação e totalmente desfigurada em sua plástica, faltando-lhe os ‘olhos, a boca e os cabelos’. Os comensais ao redor da mesa se completam com a presença de uma vaca. Nesta obra, percebemos objetos em vários planos e tremendamente desconcertantes para os expectadores de um museu de Artes Plásticas.

Como Chagall, Delvaux retrata também os instantes mentais do seu inconsciente pintando “O sepultamento”, de 1957. Uma tela surreal, que permeia uma imobilidade reverberante, segundo os historiadores do movimento surrealista. O artista criou na sua arte, às figuras dos esqueletos o símbolo da ‘doença ou da incompreensão’. Para Delvaux, as ‘ossadas’ pigmentadas na sua obra, não representam a morte, mas “a estrutura que sustenta o ser humano - a criatura viva” (INCE *et al.*, 1992, p.15).

Em tempo das artes plásticas, inserimos neste texto algumas considerações sobre o comportamento surreal de Dali. Um artista que se dedicou de corpo e alma à obra de Freud e concebeu na teoria deste, um ‘viés’ para as explicações científicas que ele precisava para equacionar os seus problemas e dificuldades existenciais as quais, ele próprio costumava revelar. No caso, problemas e tormentos eróticos vivenciado por ele quando criança.

Portanto, a sua relação com a psicanálise foi a ponte científica que o auxiliou a lidar nas suas questões emocionais e psicológicas em seus ‘momentos críticos’. A história das artes nos revela que Dali simulava “loucuras ou paranóias”, a fim de extrair do ‘subconsciente’ imagens que ele precisava para construir as suas obras. A partir deste processo ‘freudiano’, como a ‘livre associação’, o pintor “catalão” adicionava à sua arte imagens sugeridas pela forma inicial, cujos resultados criavam mundos de sonhos tangíveis e reais, quanto às cenas do seu existir cotidiano.

Para concluir este vivenciar sutil com o auxílio das artes plásticas ficou compreendido entre os analistas Junguianos, que experienciar sonhos e ainda auxiliados com as práticas terapêuticas, o ser humano busca a sua completude e tenta se redescobrir de modo psicossocial. Por outro lado, restaura o equilíbrio do seu ‘ser’ sonhador. Jung aceitava a interpretação dos sonhos como uma alternativa da sua teoria embora lembrando que existem nos sonhos uma ‘figura-chave’. Com o apoio de um terapeuta, esta ‘figura’ nos fornece subsídios para interpretarmos as nossas próprias subjetividades e, igualmente, entender os seus significados, aqueles submersos nos porões do inconsciente.

#### **4.4 Uma Jornada Arquetípica Pelo Viés da Existência**

Na Psicologia Analítica, os sonhos representam os conteúdos do inconsciente que tiveram as suas origens dos depósitos deixados pela convivência nos relacionamentos humanos repetidos

através de milênios. Os conteúdos que foram criados pelas emoções, nas experiências do homem com a mulher e vice versa. E, ainda, nas travessias de mares, rios e até transposição de montanhas, cujos seguimentos existenciais deram origens aos arquétipos do inconsciente coletivo.

Neste sentido Jung (2006, p. 485-486), se expressa:

O arquétipo em si mesmo é vazio; é um elemento puramente formal, apenas uma *facultas praeformandi* (possibilidade de pré- formação), forma de representação dada a *priori*. As representações não são herdadas; apenas suas formas o são [...] Não devemos entregar-nos à ilusão de que finalmente poderemos explicar um arquétipo e assim “liquidá-lo”. A melhor tentativa de explicação não será mais do que uma tradução relativamente bem - sucedida, num outro sentido de imagens.

Já referimos que para alguns povos antigos o ato de sonhar é uma experiência universal e extremamente importante para a riqueza do psiquismo humano. Tão importante para as nossas vidas quanto o ar que respiramos. Entendemos que todos os seres humanos dormem e todos sonham nas ‘caladas das noites cósmicas’, e na interpretação dos estudiosos do tema, os sonhos são capazes de ‘imitar a realidade’, e neles estão contidos fragmentos dessas imagens. As visões sutis do sonhador parecem deturpadas e podem assumir aspectos benignos, ou inspirar outras conotações como a de ‘um terror’ que contribui para aumentar os batimentos cardíacos, enquanto adormecidos.

Quer o ser humano compreenda ou não o mundo dos arquétipos, eles existem e em razão disso a sua existência deve ser considerada:

O homem deveria dar atenção ao sábio conselho da mãe e obedecer à lei inexorável da natureza que delimita todo ser. Jamais poderia esquecer que o mundo existe porque os seus opostos são mantidos em equilíbrio. O racional é contrabalançado pelo irracional e aquilo que se planeja, pelo que é dado (JUNG, 2007, §175).

Entretanto, já existiam discórdias de opiniões e pensamentos aristotélicos em relação a estes arquétipos. O filósofo Platão reconheceu no arquétipo, uma idéia preexistente e super ordenada nos fenômenos em geral, e na figura divina. Em sua análise sobre a existência humana, ele pontua que Deus é um arquétipo e nele está contida a idéia de que é ‘preexistente ao fenômeno luz’ e ainda a imagem primordial ‘super-ordenada’ a toda e qualquer espécie de luz. Do mesmo modo, compreendem-se outros arquétipos como da mãe, uma imagem primordial, e preexistente no fenômeno materno’, e no sentido amplo do seu modo de ser. Jung enfatiza que os arquétipos são considerados parte da natureza e está conectada às suas



raízes, com uma visão de mundo, uma ordem social e que cinde o ser humano das suas imagens primordiais.

Dentro desta visão científica fica entendido: “O arquétipo nada mais é do que uma expressão já existente na Antiguidade, sinônimo de ‘idéia’ no sentido platônico” (JUNG, 1976, §149).

A partir das concepções acima referidas, concluímos que a imagem primordial ou arquetípica, é uma figura, seja ele demônio, ser humano ou processo que reaparece no decorrer da história, sempre que a imaginação criativa for livremente expressa. É, portanto, em primeiro lugar, uma figura ‘mitológica’. Examinando essas imagens mais detalhadamente, constataremos que elas são, de certo modo, os resultados formados por inúmeras experiências típicas de toda uma genealogia ancestral.

#### 4.4.1 Clarinha, Jung e o Subconsciente.

Aqui nos propomos registrar as PES de Clarinha e em paralelo a isto, transcrever as de Jung, tomando por base os pilares da teoria, que ele próprio idealizou e conseqüentemente criou. Ao referenciar estes ‘sensitivos’ (cada um ao seu tempo) e enquanto ser humano tentou mostrar aos nossos leitores como eles enfrentaram as janelas do subconsciente.

Como Jung, Clarinha e outros mortais do planeta Terra já vivenciaram estas emoções fenomenológicas. Neste contexto pelas ‘coisas’ do sagrado Radin cita em seu livro “Mentes Interligadas” Willam Blake, referenciando uma das suas excelentes frases digna de reflexões: “Como é que você não sabe que cada pássaro que cortar os caminhos aéreos é um imenso mundo de delícias, inacessível aos seus cinco sentidos” (RADIN, 2006, p.31).

Corroborando este depoimento, inserimos na íntegra um trecho do Diário de Clarinha em seus momentos de intensa subjetividade:

Meus sonhos são incríveis e todos eles trazem-me lições de vida, e funcionam como centelhas divinas para o que ainda está por vir. Através deles, compreendo que me reencontro com as minhas memórias ancestrais e nesse vivenciar, nem tudo são flores porque os meus arquétipos se manifestam em ambientes de trevas ou pouco iluminados. Contudo, quando consigo elevar a minha sintonia vibracional, ainda dá para recuperar-me do mundo trevoso e perceber a luz no fim do túnel-meu aprendizado. Entendo que a partir daí, fico repleta de magias e sabedoria. Percebo uma ambientação com tonalidade de cores diferentes das luzes que se acendem no planeta Terra. E naquele espaço sinto uma energia riquíssima de Paz e Sabedoria, ao

tempo que sou recepcionada pelos Mestres da espiritualidade. E ainda sou instruída de como proceder com as pessoas aqui na terra e compartilhar com elas momentos de evolução espiritual. Sou advertida solenemente sobre as Leis Universais as quais me fazem compreender que, talvez, não seja necessário frequentar ambientes que ostentam riquezas, falatórios desconexos sobre a realidade surreal. Em troca disso, tento evoluir espiritualmente e compartilhar para que haja sempre em mim uma conexão deste planeta com o poder Absoluto (CLARINHA, 2001, p.33).

E ainda (2000, p.19):

Certa noite tentei recolher-me mais cedo. Parcialmente cansada, intuí que algo poderia acontecer nas ‘caladas’ da noite cósmica. Um sonho muito interessante invadiu o meu ser. Através dele, adentrei em outra dimensão, onde o espaço era decorado com uma luminosidade ‘azul índigo’. Não percebia ninguém ao meu redor. Percutei apenas que estava desacompanhada, porém, corajosamente adentrei em um espaço extremamente purificado e de uma paz indescritível. Parecia-me entrar no Céu. Caminhei alguns metros compassadamente, e eis que de repente, parei num local onde encontrei uma câmara de vidro quadrada e cheia de uma névoa cristalina e circulante. Essa névoa imantava o interior da câmara e dentro dela, duas jovens gestantes, obedeciam a regras de um ritual rico de energias. Uma das garotas era minha amiga. As jovens estavam grávidas, vestidas de branco - de calçinha e sutiã. Lindos arranjos de ‘alvas flores’, compunham o véu e a grinalda. O que nos confirmou que elas já haviam passado pelo ritual do casamento. Ao me posicionar diante da câmara, sorri para a amiga e bati levemente na porta, visto que eu pretendia visitar aquele ambiente surreal. De repente uma voz superior avisou-me que eu não poderia adentrar naquele ambiente, pois se tratava de um momento de ‘purificação’ daquelas gestantes, e explicou: “Essas mães estão em estado de ‘graça e purificação’. Os seus rebentos vão habitar o planeta Terra. São crianças ‘índigos’ e extremamente ‘intuitivas e sensíveis’ às coisas do sobrenatural” (CLARINHA, 2007, p.19).

Entendemos que de conformidade com a teoria Junguiana, é provável que Clarinha tenha vivenciado uma experiência arquetípica do seu vivenciar sutil. Neste contexto Jung pontua:

O arquétipo - e nunca deveria esquecer-nos disso - é um órgão anímico, presente em cada um. Uma explicação inadequada significa uma atitude equivalente em relação a esse órgão, através do qual este último pode ser lesado [...] Ele representa ou personifica certos acontecimentos instintivos da psique primitiva obscura, das verdades, mas invisíveis raízes da consciência. O elementar significado da conexão com essas raízes é - nos mostrado pela preocupação da mente primitiva com a relação a certos fatos ‘mágicos’, os quais nada mais são do que aquilo que designamos por arquétipos (JUNG, 2007, §271/272).

Diante deste conceito, compreendemos que o sonho de Clarinha ora descrito, se enquadraria perfeitamente dentro do ‘arquétipo materno’ e ou também do ‘arquétipo do filho’, porque estes complexos subjetivos estão sempre presentes na origem das ‘neuroses infantis’ e outros conteúdos do gênero. Nesses escritos ficou compreendido que é a esfera ‘instintiva’ da criança que se encontra perturbada e constela arquétipos, que se interpõem a esta dualidade: mãe e filho.

Se Jung estivesse na posição de um analista talvez auxiliasse Clarinha interpretar este sonho, e desvendar os mistérios deste arquétipo, tão bem representado pelas figuras mãe e filho, um futuro em potencial, ou seja, uma antecipação de desenvolvimentos e crescimentos futuros. Por outro lado, neste mesmo sonho, estão contidas cenas não somente do arquétipo do filho, mas, todavia, o ‘arquétipo da Virgem, ou da Grande Mãe’. Para a ex- discípula de Jung, Nichols, este arquétipo assim se resume:

O arquétipo da Virgem prendeu a imaginação de artistas e escultores durante séculos e para cada mulher, a gravidez a assinala como a pessoa escolhida para ser portadora de um novo espírito. Hoje, porém, ela se tornou ativa de outro jeito, pois foi a virgem, ao que parece, que inspirou o que é mais verdadeiro feminino e corajoso no movimento de libertação das mulheres. Assim como a Virgem Maria, foi escolhida para um destino unicamente seu, no qual havia ‘quarto na estalagem’, assim a mulher é hoje convocada a fim de realizar-se de maneira para as quais a nossa sociedade coletiva ainda fecha suas portas (NICHOLS, 2007, p.29).

Outro sonho extraído do Diário de Clarinha, contendo o arquétipo materno:

Um esgoto de água muito escura e cheia de resíduos: papéis e outros elementos da terra. Na superfície daquele espaço uma ‘mão jovem’ pediu-me socorro. Ela estava acompanhada de um jovem, mas submersos naquela água escura. A pessoa insistia sobreviver apesar das angústias. Uma senhora que presenciava a cena falou: ‘tenha coragem, segure na minha mão que eu vou te ajudar’. A garota deu a mão àquela senhora e saiu da água vestida de branco. De acordo com a cena, a senhora pediu ajuda superior e eis que de repente uma tempestade lavou a cena do sonho e transforma a vida daquela moça (CLARINHA, 2007, p.15).

A partir deste sonho, Clarinha confidenciou que entendeu na mensagem onírica, o caráter futuro do arquétipo, de uma mãe talvez preocupada com o ‘por vir’ do filho. Na visão de Jung o depoimento:

O motivo da criança não representa apenas algo que existiu no passado longínquo, mas também algo presente; não é somente um vestígio, mas um sistema que funciona ainda, destinado a compensar ou corrigir as unilateralidades ou extravagâncias inevitáveis da consciência (JUNG, 2007, §276).

Na teoria Junguiana, o ‘arquétipo materno’ contém em sua dimensão vários aspectos como, por exemplo, a mãe e a própria avó e outras com as quais o ser humano se relaciona. Em sentido mais amplo, pode referir à Universidade, à Igreja, ao céu, a terra e as florestas. Um aspecto fundamental do motivo da criança é o seu futuro.

Neste caso, compreende-se que estas considerações Junguianas indicam os traços que marcam os atributos do arquétipo maternal. A mágica autoritária do feminino, uma elevação espiritual, ou uma sabedoria além do uso da razão. Dentro destas figuras arquetípicas o próprio Jung

adverte que todos estes símbolos podem ter sentido positivo, negativo ou nefasto para a existência humana. Voltando aos arquétipos de Clarinha, torna-se necessário expor outro sonho vivenciado por ela, por ocasião de um procedimento cirúrgico de um amigo seu. Este sonho foi vivenciado em Junho de 2009.

Esta manhã adentrei num espaço hospitalar onde estavam presentes o céu e o mar. Um clarão da cor alaranjada emerge por trás do oceano no formato de uma ‘mandala e/ou similar a uma roda da fortuna, um símbolo do Tarô. Esta visão mental foi captada por mim às 09h00min, exatamente no momento em que o meu amigo estava sendo submetido ao procedimento cirúrgico. O movimento deste símbolo mandálico, seguia em seus movimentos o sentido horário dos ponteiros de um relógio. Decididamente este cenário que se apresentou na minha tela mental transmitiu-me a idéia que, naquele momento da cirurgia, existe a vida de um ser humano e também um Ser Supremo a movimentar todo aquele simbolismo terrestre onde estavam presentes o médico, o paciente e o universo. Nitidamente a imagem de Deus manifestou-se em mim. (CLARINHA, 2009, p.28).

Para Jung, é impossível provar a existência dos arquétipos ou dos instintos, a não ser que eles mesmos se manifestem de maneira concreta. Provavelmente a verdadeira essência do arquétipo não pode tornar-se consciente, a sua natureza pode ser transcendente ou psicoíde. A imagem de Deus não coincide propriamente com o inconsciente em sua fatalidade. É este último que não sabemos separar empiricamente da imagem de Deus. Poderemos considerar a imagem de Deus como um reflexo do Si-mesmo ou inversamente ver no Si-mesmo uma *Imago Dei in homine*, que significa “ver o homem à imagem de Deus”.

A partir deste sonho fenomenológico, Clarinha confessa que provavelmente tenha vivenciado em sua visão cósmica uma experiência sutil a partir do arquétipo da Imagem de Deus.

Outro sonho de Clarinha:

Esta noite adentrei na floresta verdejante e calma. Num determinado momento, deparei-me com um espaço circular parecido com um poço. Do alto do firmamento presenciei que a água caía dentro deste espaço de modo lento e gotejante. Fiquei observando o processo sem medo, apesar de estar sozinha. De repente, surgiu à minha frente um cigano e juntos adentramos naquela floresta. Quando retornamos, o poço estava vazio. A água em seu movimento circular voltou aos lençóis freáticos do seio da terra. E daí irrompeu do âmago da terra uma árvore enorme e cheia de frutos. Acordei, refleti esse sonho por vários dias (CLARINHA, 2009, p.70).

Indagando Clarinha a cerca dos seus sonhos arquetípicos, ela se expressa: “Na teoria Junguiana, o círculo tem poderes mágicos. Através da minha vivência, compreendi o poço

que estava inserido na cena onírica do meu sonho representou uma simbologia toda especial e rica de magia”.

Jung (2006) costuma referir-se ao círculo (mandala) como símbolo do ‘centro, da meta e do Si-mesmo’, enquanto uma ‘totalidade’ psíquica. Um momento da auto-representação de um processo inconsciente. E neste sonho, extremamente rico de símbolos, é provável que eu como mulher tenha vivenciado o arquétipo da origem do mundo ou da criação do Universo, muito bem representado pelas imagens simbólicas de um homem e de uma mulher.

No sonho a seguir, outro episódio que lembra em sua estrutura um arquétipo da morte:

Certa noite eu fiz uma viagem impressionante. Adentrei num cemitério tipo ‘campo santo’. Dentro daquele espaço uma Entidade, apresentou-me aos mortos. Pareceu-me tratar-se do Mago, o mestre da espiritualidade. Nesse tempo de visitaçao percebemos vários corpos guardados em suas caixas mortuárias. Visualizei o rosto de todos eles e por último, vi um corpo com um rosto de mulher. Era estranho. Uma pele macerado parecendo celulóide, e era o meu rosto! Assustada, indaguei ao meu Mestre de quem se tratava. Então o mestre respondeu: “Essa figura é você”. E Indaguei: Vou morrer agora? “Não”. Respondeu o Mestre. “Mas, pense e reflita sobre ela” (CLARINHA, 2000, p.20).

Este sonho configurou-se como uma memória ancestral de grandes significados e nela está contido o arquétipo da morte. Tudo nos faz compreender que este vivenciar onírico contribuiu para que Clarinha, mais uma vez, se confrontasse com o seu inconsciente. Por causa deste sonho, torna-se pertinente uma citação Junguiana, em relação a tudo que lhe faz sentido no ato de “viver o seu morrer”.

Não desejo, nem deixo de desejar que tenhamos uma vida após a morte e absolutamente não cultivo pensamento dessa ordem, mas para não escamotear a realidade, é preciso constatar que, sem que, o desejo ou procure idéias desse gênero palpitam em mim. São verdadeiras ou falsas? Eu ignoro, mas constato sua presença e sei que podem ser expressas desde que não as reprima constringido por um preconceito qualquer (JUNG, 2006, p.347).

Outra lembrança de Clarinha, aos cinco anos, quando foi ‘surpreendida’ pelo arquétipo da morte. E numa certa tarde ensolarada nos relatou num só fôlego como a sua vizinha e namorada do seu irmão, veio a óbito como portadora de tuberculose pulmonar. Em poucos dias a vizinha ficou muito magra pálida e exaurida. Naquela tarde percebemos a riqueza de detalhes sobre a “passagem” daquela senhora. Uma experiência vivenciada por Clarinha que

a deixou fragilizada por vários dias. Para completar aquele quadro fúnebre a amiga assistiu o velório, escondida dos seus familiares.

Em sua autobiografia, Jung (2006) registrou fatos importantes para ele e que estavam ligados à morte de um pescador. Como Clarinha, o cientista vivenciou também quando criança cenas relacionadas ao arquétipo da morte. Uma cena horripilante que o deixou deveras impressionado. Longe do ‘olhar’ dos seus familiares, o pequeno Jung observou próximo da sua casa a chegada do cadáver. Ele quis presenciar o desenrolar daquela cena cheia de mistérios. Na íntegra o pequeno trecho do livro do cientista que registra a ‘passagem’ de um certo ser humano:

Os pescadores encontraram um cadáver logo abaixo das quedas do Reno. Querem levá-lo para a lavanderia! Meu pai disse: ‘Sim [...] Sim!’ Eu logo quis ver o cadáver. Minha mãe me deteve e proibiu-me terminantemente de ir ao jardim [...] Este fato interessou-me extraordinariamente. Nessa época eu ainda não tinha completado quatro anos (JUNG, 2006, p.36).

Dando continuidade às nossas pesquisas descobrimos que Jung tinha curiosidades em relação à vida após a morte. Uma prova concreta das similaridades existentes entre estas criaturas de Deus e dotadas de um ‘perfil incomum’. Quando o tema da morte do pescador veio à tona, o pequeno Jung explorou mais detalhes daquele evento. Saiu às escondidas da sua mãe, apesar de detido de ir ao jardim da sua casa, deu a volta pelo jardim e descobriu atrás da sua residência uma vela acesa e ao lado dela uma água sanguinolenta escorria lentamente. Aproximadamente com quatro anos de vida, este fato, marcou profundamente sua vida e lhe despertou extraordinário interesse pelo tema da morte.

#### **4.4.2 Eventos Retrospectivos de uma Sensitiva**

Neste tópico estão escritos os eventos sensoriais de Clarinha em caráter retrospectivo e com a riqueza dos detalhes. Relatos das PES de uma jovem trilhando pelo viés da ‘paranormalidade’.

Certa ocasião, por volta do meio dia, ao repousar do almoço, Clarinha se percebeu diferente do seu estado de consciência plena. Algo diferente instalou-se dentro do seu ser e da sua alma. Um sentimento estranho, como se desdobrasse para mares longínquos e adentrasse numa outra dimensão. Sentiu uma sensação de leveza indescritível, uma completude e,

notadamente, não sentia mais o seu corpo físico. Ficou muito leve e flutuou pelos espaços siderais. Comportamento semelhante aos pássaros, que sobrevoam na imensidão do firmamento, descomprometidos com o seu existir e firmes nas suas revoadas absorvendo o prazer de uma intensa liberdade e magia.

Aquela sensação muito estranha apoderou-se dela, tomou conta do seu 'ser' e instalou-se peremptoriamente em Si- mesma. Percebeu-se numa outra dimensão e diretamente conectada ao Cosmo, para tornar-se uma mera expectadora de um espetáculo surreal. De outro plano vibracional, Clarinha percebia o seu corpo físico totalmente inerte na cama, presa por um 'cordão de prata' e sensivelmente ligada a outras dimensões.

Na percepção sutil, nossa amiga visualizou imagens oriundas de uma tela projetada pelo Universo e nela a presença de uma criança de três anos conduzida por um Mago Oriental caminhando num deserto em direção ao sol nascente. Esta visão deixou-a perplexa e indagou-se onde buscar referências urgentes para responder estas questões. No seu observar cauteloso, presenciou os minúsculos pés da criança, a deslizar sobre a areia daquele espaço, rico de magias e ao mesmo tempo sagrado. Por outro lado, à distância Clarinha percebia aquele casal envolvido numa névoa transcendental, que os protegiam do frio, do calor e da poluição do ar do planeta Terra.

O Mago vestia-se ricamente. As suas vestimentas eram alvas e sem máculas, a sua cabeleira longa estava presa a moda 'rabo de cavalo'. Por sua vez, a criança apresentava-se sem roupa, descalça e a sua compleição física inspirava cuidados: segurança, amorosidade, bondade, beleza e sabedoria. Ela aparentava estar saudável, porém preguiçosa ao ter que enfrentar aquele caminho árido e totalmente desconhecido para ela. Clarinha nos tem revelado que o Mago se comunica com ela de modo sutil, através de uma comunicação telepática. Um entrelaçamento sobrenatural, semelhante à luz numa velocidade idêntica aos raios dos relâmpagos quando riscam o firmamento nas tempestades das noites cósmicas.

O processo telepático sintoniza com o chakra da terceira visão, na altura da Glândula Pineal, naturalmente auxiliado pelo chakra do Plexo Solar, localizado alguns centímetros acima do umbigo. São mensagens sutis auxiliados por uma pessoa que a conduzem pelos caminhos sagrados oriundas desse Sábio, que resiste com ela a tudo e a todos nas questões do seu

existir. Na saudade, tristeza, solidão, decepção, angústia e inseguranças que permeiam no universo e no planeta Terra.

No sonho com o Mago, Clarinha compreendeu que vivenciou um episódio sutil, numa escala retrospectiva do seu renascer e que se configurou a partir dos três anos. Assim como ela, Jung teve a sua primeira lembrança sutil mais ou menos a partir desta idade, quando num carrinho de bebê durante um banho de sol, no quintal da sua casa (JUNG, 2006).

Podemos inferir que o Mago representou para Clarinha momentos especiais da sua vida, talvez o arquétipo do Velho Sábio. Neste vivenciar das sutilezas, a amiga compreendeu que através deste arquétipo foi advertido da existência da sua paranormalidade, um dom concedido pelo poder absoluto, a partir do seu renascimento. Na íntegra, uma concepção que fundamenta a visão arquetípica de Clarinha:

O arquétipo do Velho Sábio, dramatizado nos profetas Hebreus bíblicos e nos santos cristãos, é poderoso ainda hoje. Aparecem em nossa sociedade, não raro, como um guru com a cabeça embrulhada num turbante ou como um caminhante idoso e bondoso, envolto numa túnica branca e com as sandálias nos pés [...] Se recebermos um novo conhecido desta espécie com lisonjas servis ou se lhe voltarmos as costas em rejeição instantânea poderá ter a certeza de que o arquétipo está em ação. (NICHOLS, 2007, p.31).

Ao referenciar o Mago, o Velho Sábio, e o arquetípico da nossa amiga, vale recordar em tempo de pesquisas, que Jung refere-se em suas memórias, que durante toda a sua existência contou com a assistência efetiva e apoio superior de um espírito sábio chamado Filemon. Clarinha mais uma vez se identifica com o cientista nos aspectos da sua individualidade paranormal. Na íntegra Jung faz algumas referências ao seu amigo interior e se expressa com mestria em relação a ele.

Psicologicamente Filemon representava uma inteligência superior. Era para mim um personagem misterioso. De vez em quando tinha a impressão de que ele era quase fisicamente real. Passeava com ele pelo jardim e o considerava como uma espécie de guru, no sentido dado pelos hindus a esta palavra (JUNG, 2006, p.219).

Inferimos que o espírito Filemon foi para Jung, o que o Mago representa para Clarinha uma ‘entidade superior’ que a auxilia pelos caminhos da transformação e da transmutação como podemos observar:

Filemon da mesma forma que outros personagens da minha imaginação trouxeram-me o conhecimento decisivo de que existem na alma coisas que não são feitas pelo



eu, mas que se faz por si mesmas, possuindo vida própria, Filemon representa uma força que não era eu [...] Em imaginação, conversei com ele e disse-me coisas que eu não pensaria conscientemente. Percebi com clareza que era ele e não eu, quem falava. Explicou-me que eu lidava com os pensamentos como se eu mesmo os tivesse criado; entretanto, segundo lhe parecia, eles possuem vida própria, como animais na floresta, homens numa sala ou pássaros no ar: Quando vês homens numa sala, não pretendieras que os fizesse e que és responsável por ele, ensinou-me. Foi assim que pouco a pouco me informou acerca da objetividade psíquica e da ‘realidade da alma’ [...] De vez em quando me fez compreender que havia uma instância em mim capaz de enunciar coisas que eu não sabia, não pensava, e mesmo coisas com as quais não concordava (JUNG, 2006, p.218-219).

Neste contexto ousamos solicitar aos leitores que estabeleçam analogias consideráveis entre essas duas personalidades, através da paranormalidade. Será que no interagir de médiuns sensitivos e ou paranormais, existem gurus, espíritos e igualmente personagens misteriosos a intuí-los para as práticas das tarefas do bem ou do mal? Espero que no decorrer deste capítulo, os leitores encontrem, respostas a estas indagações.

#### **4.4.3 Os Conteúdos que Reverberam na Inconsciência**

Neste tópico apresentamos fatos inéditos do vivenciar de Clarinha pelos caminhos sagrados. Situações ‘supra-reais’, experienciadas ‘além’ das suas percepções normais. Nestes aspectos, a amiga costuma revelar que faz ‘viagens’ quando está dormindo e que nas ‘caladas da noite’ segue ‘voando’ em direção aos portais do autoconhecimento, para visitar outros umbrais ‘intramundos’. Os seus relatos chegam a descrever cenas de natureza sutil impressionantes. Seus depoimentos nos levam a entender que quando vivencia estes eventos, está firme no seu corpo físico, mas, eis que de repente, se projeta para fora dele e segue em direção aos espaços siderais, como por encanto.

O processo é dotado de grande autonomia e independente da sua vontade, ocorre, portanto, o deslocamento do seu corpo sutil, e entra no processo chamado ‘projectologia ou desdobramento astral.’ Segundo seus depoimentos, compreende-se que sua respiração fica quase imperceptível. O seu corpo permanece inerte na cama e preso pelo “cordão de prata”.

Em seu Diário, Clarinha faz registros de que, na maioria das vezes, experimenta estas vivências como um mero passageiro, de uma nave espacial, numa velocidade inexplicável e difícil de ser cronometrada. Registra que quando vivencia estes eventos, sofre um desgaste energético em seu corpo físico e sutil bastante acentuado, necessitando se refazer energeticamente no dia seguinte. Alimentar-se melhor e ainda se utilizar das técnicas

alternativas, por exemplo, alinhamento dos chakras, meditações criativas e respirações energéticas, cujo objetivo primordial é a busca da ‘cura do corpo e da alma’. Isto porque, no dia seguinte aos eventos, as dificuldades de aterramento, tornam-se bem visíveis, são dificuldades no campo da emoção, do humor e do bem estar social ao lado da família. A partir destes procedimentos sutis tudo passa a fluir de modo ordenado. E assim, tenta seguir seu destino e a sua missão, sem reclamar daquilo que escolheu. Estuda, se diverte e administra a família e conseqüentemente o seu caminhar.

Quando ocorrem os eventos, fortes ondas de energias, muitas vezes de grande intensidade e baixo poder vibracional a tornam exaurida. Por causa das ondas procedentes de dimensões inferiormente iluminadas ou totalmente submersas nos umbrais das trevas, um sentimento similar ao de Jung no processo da “descida”, sozinho e solitário.

Todas elas têm suma importância para a existência de Clarinha, pois lhe conferem grandes aprendizados. Neste processo ela visita terrenos transcendentais muitas vezes dotados de imenso poder vibracional. Todos os espaços são habitados por Entidades, Magos, Mestres e seres iluminados, de diversas alegorias. A cada viagem astral, a amiga apreende também a magia das noites cósmicas, nas diversas formas de um vivenciar sutilezas.

Na tentativa de obter subsídios sobre os eventos de uma paranormalidade evoluída, solicitamos de Clarinha informações sobre as suas PES. No caso, a sua primeira projectologia. Um episódio similar vivenciado por Jung, quando enfermo, e por ela quando no seu processo mediúnico. Os eventos têm gerado grandes polêmicas dentro dos modelos científicos. Em tempo de sutilezas confirmam na íntegra uma experiência sutil pelos caminhos da paranormalidade.

A minha primeira viagem astral aconteceu de surpresa e sem perceber como tudo aconteceu. Só sei dizer que quando me percebi voava em direção a uma luz. Na ocasião saí do meu corpo físico e adentrei no túnel super escuro e fiquei apavorada com aquele fenômeno. Voava velozmente a mil por hora, e cheguei a pensar que poderia a qualquer momento sofrer um acidente mortal, isto é, bater a minha cabeça em algum lugar daquele espaço. Como foi a primeira experiência, senti pavor, mas não podia parar. Sentia o meu corpo sendo conduzido por uma força sobrenatural e que me sustentava no ar. Meus braços permaneciam abertos tais quais as asas de um pássaro voador. O pavor pelo desconhecido se apoderou de mim a ponto de indagar-me a mim mesma: Onde estou? Imediatamente uma voz superior respondeu: Não tenha medo porque você não está sozinha. A partir daí, minha viagem astral continuou e eu ouvia perfeitamente o uivar do vento no interior dos meus ouvidos. Não conseguí atingir o objetivo de finalizar aquele trajeto; no caso voar para os

caminhos sagrados porque acordei. Ao que tudo indica nesse sonho eu vivenciei o primeiro treinamento de minha viagem astral (CLARINHA, 2000, p.20).

#### Outra Projectologia:

Na noite passada visitei a minha cidade natal no interior do Piauí e senti saudades. Foi uma solicitação feita por mim ao Universo. Conectei-me com outras dimensões e entreguei-me ao Absoluto. Antes da minha viagem, fiz o meu ritual. Alinhei os meus corpos sutis e recitei: 'Seja feito a tua vontade, assim na terra como no céu'. Inseri-me no firmamento, tal qual um pássaro gigante. Sobrevoei a minha cidade lentamente. Identifiquei vários pontos dantes visitados quando criança: a praçinha do largo da Igreja de Nossa Senhora das Graças, padroeira da cidade e, igualmente, outros locais que fizeram a história da minha vida. Contudo, o que mais despertou a minha intenção foi sobrevoar o cemitério onde estão sepultados alguns dos meus familiares. Inclusive os meus genitores (CLARINHA, 2000, p.31).

Nas páginas da teoria Junguiana encontramos conteúdos que expressam sentimentos similares aos relatos acima referidos. Em 1944, Jung (2006) fraturou um pé e logo em seguida foi acometido por um enfarte. Em perigo de morte o administraram medicamentos a base de oxigênio e cânforas, e ele percebeu-se 'voando'. E diante dos relatos posteriores concluiu que, as imagens que desfilavam diante dele, passaram-lhe a idéia de que estaria prestes a morrer. A terra sob os seus pés estava banhada de uma luz e, igualmente o mar, de um imenso azul. Terminantemente ligados aos continentes, Jung percebeu à sua frente o subcontinente Indiano, rico de detalhes. Os contornos que circundavam a terra estavam todos luminosos e, em certas ocasiões, esses contornos se apresentavam coloridos de um verde escuro, similar à prata oxidada. Diante daquele indescritível cenário identificou e entendeu a presença da península Árábica de um vermelho alaranjado e mais nitidamente observou uma nesga do Mediterrâneo. De acordo com ele, tinha sido atingido no seu 'limite' e pensou estar vivenciando um êxtase ou um sonho, pois parecia estar muito alto - no espaço cósmico.

Diante desse cenário de luzes a sua enfermeira revela quando Jung se restabeleceu: "o senhor estava como que envolvido por um alo luminoso" (JUNG, 2006, p.337).

Na visão do cientista este episódio foi um fenômeno que a enfermeira às vezes observara nos agonizantes dos leitos de morte.

Fazendo a analogia do perceber sutil de Clarinha como vivenciar de Jung, compreendemos que no caso desses dois sensitivos, tudo nos faz crer que ambos fizeram suas projectologias. Jung no um leito hospitalar e Clarinha visitando a sua cidade natal.

Ainda neste Diário, podemos encontrar registros da amiga referindo-se às dificuldades de alguém do seu relacionamento procurando moradia na orla Piauiense. Nesse dia Clarinha registrou que sentiu sono no início da noite e, num dado momento, percebeu-se voando nos espaços inatingíveis do planeta Terra. Igualzinho a um pássaro gigante e exímio voador. Um fenômeno de projectologia, no caso um desdobramento sutil. E se expressa em seu Diário com riquezas de detalhes:

Saí do meu corpo físico independente da minha vontade. Um episódio similar à retirada de um bolo inteirinho, cuja forma fica inerte sobre a mesa. Senti nesse processo intensa liberdade e quando eu atingi certa altura do espaço sideral percebi meu corpo físico imóvel, porém minhas funções respiratórias totalmente preservadas. Do alto do firmamento eu consegui vislumbrar uma cidade litorânea, e ainda notei que o sol estava prestes a surgir. As luzes que refletiam no asfalto pareciam rosários de cristal e iluminavam aquele cenário encantador. No ato do processo, não perdi a consciência, e me senti feliz, radiante diante daquela maravilha. Naquele processo vivenciei a sensação de ser portadora de duas personalidades, uma física e a outra extra-física. Ao tempo em que eu voava, percebi o meu corpo físico diferenciado do meu estado normal, pois estava inerte na cama e alimentada energeticamente através de um cordão de prata. Ao término deste vôo espacial, identifiquei que me afastei da orla e segui em frente sobrevoando o oceano lentamente até encontrar uma espécie de condomínio fechado às margens de um rio. O cenário estava leve e clareando prestes do sol nascer. Ao adentrar no condomínio, percebi alguns pontos de luz, que iluminavam residências. Os moradores ainda dormiam, talvez vivenciando os sonhos das noites cósmicas. Aterrissei naquele espaço, tal qual uma aeronave. Em seguida, adentrei numa das casas e no interior dela, recebi uma mensagem sutil de que a amiga moraria naquela casa ao lado do rio e não na orla como ela havia planejado. Dias depois, essa mesma amiga avisou-me que, o meu sonho tornou-se realidade. Para surpresa nossa ela mudou-se para o condomínio às margens de um rio, como eu já havia informado (CLARINHA, 2007, p.33).

Clarinha declara que, mais uma vez identifica-se com Jung nas formas de agir, pensar e perceber o Universo numa dupla dimensão, uma ‘real e outra sutil’. Relatamos na íntegra mais um sonho vivenciado por ela nas ‘caladas’ das noites cósmicas.

Sonhei esta madrugada com um amigo. O sol iluminou aquele espaço e num dado momento, fui solicitada por ele a adentrar no mar. Relutei por medo de afogar-me, mas de repente ele falou: ‘Não tenha medo da água do mar’. Se você quiser adentrá-la posso auxiliá-la neste processo. Em seguida o mar se abriu tal qual um longo caminho a ser percorrido por nós. Com bastante cuidado o meu amigo segurou-me pela mão e prazerosamente fizemos a travessia. Acordei no dia seguinte com essa linda mensagem reverberando em mim. (CLARINHA, 2007, p.14).

Do ponto de vista de Jung, colocamos a disposição dos leitores as suas concepções em relação aos arquetípicos. Uma visão que serviu de reflexões ao existir de Clarinha pelas ‘coisas’ sutis.

Para apreender as fantasias que me agitavam de maneira subterrânea, era necessário descer a elas. Mas quanto a isso, eu tinha não só uma série de resistências como

também sentia, expressamente angústia. Temia perder o autocontrole, tornando-me presa do inconsciente e, como psiquiatra, sabia claramente o que isto significava. No entanto era preciso ousar e tentar apoderar-me desta imagem. Se não o fizesse corria o risco de ser tomado por elas (JUNG, 2006, p.214).

A partir destes eventos compreendemos que a amiga vivenciava sonhos arquetípicos da mesma natureza de Jung, com todos os matizes das trevas e da luz. A cerca dessas sintonias vibracionais assim se expressa Dr. Deepak Chopra, fundador do *Chopra Center for Well Being*, em Carlsbad na Califórnia:

Quando você vive a verdade da realidade única, cada segredo se revela sem dificuldades ou esforço [...] tudo se resume à antiga escolha da separação ou da unidade. Você quer ficar fragmentado, em conflito, dividido em outras forças das trevas ou da luz? Ou quer se afastar da separação e fazer parte da totalidade? Você é uma criatura que age, pensa e sente. A espiritualidade combina os três em uma única realidade. O pensamento não domina o sentimento; o sentimento não resiste ao cérebro superior; a ação tem lugar quando pensamento e sentimento dizem juntos: Isto está certo (CHOPRA, 2004, p.14/15).

#### 4.4.4 A Precognição nos Eventos Paranormais

Os relatos paranormais de Clarinha mostram a sua capacidade perceptiva à distância. No caso, o exercício do seu poder precognitivo de perceber os fatos ao redor do mundo, ao redor de si, e em outras dimensões. Um processo subjetivo do qual a amiga é detentora a partir do seu renascer. Quer dizer, possui um dom sobrenatural do qual tomou conhecimento e com detalhes através do acompanhamento terapêutico.

Para maiores esclarecimentos sobre os registros das suas subjetividades apresentamos a descrição de alguns dos seus sonhos em estado desperto. No caso, vivenciando as duplas personalidades das quais já nos referimos anteriormente, a um e a dois.

Observei na minha tela mental, em estado desperto, que existe na residência da minha amiga, Senhora M, uma energia estagnada e que envolve a cadeira da sala na qual costuma fazer o atendimento da sua clientela. A energia simboliza um cenário nada auspicioso para as suas tarefas profissionais. Dias depois destas alegadas, outro sonho denuncia a existência de um cenário assustador no qual ela chora solitária debaixo de uma árvore, em meio às tempestades e trovões. Em relação a esse momento sutil, entrei em contato com a Senhora M e relatei o sonho que tivera com ela e ainda adverti: tenha muito cuidado com a Justiça, visto que recebi a mensagem de uma Entidade Cósmica que assim se resume: 'O processo que ocorre com a sua amiga é similar a um barco que se encontra à deriva'. Dias posteriores, a amiga revelou-me que estava passando por dificuldades financeiras e por causa disso, contraído muitas dívidas. E, igualmente estava enfrentando problemas com a moradia, a ponto de ser despejada judicialmente. Após os relatos das suas

dificuldades e em certa ocasião constatamos que este processo se consumiu de fato e de modo inesperado ocorreu o despejo oficial. (CLARINHA, 2002, p.5).

#### 4.4.5 Sonhos Recorrentes

Aqui transcreveremos eventos que simbolizam os estados sutis nos quais Clarinha se ‘percebe’ diante de Jung nas noites cósmicas, sob os efeitos de um imenso temporal. Tratava-se de sonhos vivenciados por ela quando da sua participação em dois seminários sobre o existir de Jung, ministrados pelo psiquiatra e terapeuta transpessoal Dr. Roger Woolger. Durante estes seminários, ela vivenciou o evento, no qual conhece o mestre da psicologia analítica. Um homem alto, retilíneo, vestido de terno e gravata que portava uma bengala, na mão esquerda e na direita, conduzia um cachorro de raça desconhecida.

Aquele homem caminhou durante longas horas numa estrada escura e banhada por uma chuva torrencial cujos pingos assemelhavam-se às gotas de cristais. Nas margens dessa estrada, Clarinha estava sozinha, e ao presenciar a passagem daquele homem elegante e sozinho, ela lhe fez uma indagação a qual foi imediatamente respondida. “Você vai segurar a minha mão”? Ao que ele respondeu com um frio “não”! Clarinha quis saber o ‘por que’ da decisão do elegante senhor. Respondendo àquela indagação ele assim se expressou: “Por que você já escolheu o seu caminho”. Em seguida, o homem desconhecido e solitário, continuou o seu caminhar e diante dela confidenciou: “Siga-me”!

No dia seguinte à noite, Clarinha foi ao seminário e durante as projeções cinematográficas, surpreendeu-se ao presenciar diante dela o homem solitário do seu sonho. Neste caso a amiga intuiu que aquele evento foi uma forma sutil de ser apresentada a Jung, o mestre da Psicologia Analítica.

Em conformidade com ela, os seus eventos obedecem a um critério recorrente, ou seja, costumam ser repetitivos e por longos dias seguem as mesmas trajetórias e as mesmas mensagens. Todavia, costumam deixar mensagens de evolução espiritual através das quais, já ficou provado, ao longo da existência de alguns paranormais, que nessa fenomenologia nem tudo são flores, pois costumam gerar desconforto a ponto de fragilizar os seus portadores. Quando mal avaliados na área da saúde, estes sensitivos sofrem as consequências disso.

Tornam-se fragilizados, incompreendidos, exauridos e parecem perder a alegria de viver neste planeta.

Convém ressaltar que suas visões têm uma escala progressiva e se manifestam até hoje na maturidade. São sonhos repetitivos que às vezes se apresentam com os mesmos cenários - castelos medievais, montanhas, florestas e comunidades ciganas, cujos personagens ostentam indumentárias com jóias e pedrarias. Em sua maioria, estas sutilezas transmitem à Clarinha uma mensagem fraterna, espiritualista e universal.

Von Franz escreve em sua obra “O caminho dos Sonhos” (1988, p.24): “vários documentos demonstram que muitos cientistas primeiro sonharam certas soluções matemáticas e depois as resolveram conscientemente. Devemos, então, concluir que existe uma matriz psíquica capaz de produzir novos insights”.

Casos assim têm ocorrido com muita frequência com Clarinha. Certa ocasião, meados de agosto de 2007, conversando com ela sobre sonhos, fantasias e outros eventos, ela nos confidenciou um sonho recorrente. Adentrando num cemitério ela encontrou as flores que emergiam do solo e uma saliência que se movia em direção ao céu azul e, do interior da terra, jorrava uma salmoura como se fora movimentos provocados por alguém que se encontrava sob as gramas daquele campo. Foram várias noites de sonhos e pesadelos.

No dia seguinte a este sonho, ela resolveu falar para os seus familiares sobre este evento, e relatou que estava temerosa por causa do teor das mensagens, pois envolviam a ‘passagem’ de alguém da família. Dias depois, através de um telefonema, os familiares dela recebem a notícia do falecimento de uma prima. Aqui vale lembrar que Jung vivenciou também experiências desta natureza, como seja alusivo a um evento premonitório, e se expressa em sua autobiografia:

Dada a relatividade do tempo e de espaço no inconsciente, é possível que eu tenha percebido o que se passara, em realidade, num outro lugar. Esse fenômeno adverte Jung: o inconsciente coletivo é comum a todos os homens; é o fundamento daquilo que a antiguidade chamava de ‘simpatia de todas as coisas’. No caso em questão, meu inconsciente conhecia o estado do meu doente. Durante a noite inteira eu experimentara um nervosismo e uma inquietação espantosa, muito diferentes do meu humor usual (JUNG, 2006, p.172).

Neste caso, o cientista se reporta a um dos seus sonhos onde a figura central do evento fora a figura de um paciente que se suicidou. De fato, no dia seguinte ao sonho, ele acordou movido por constates ansiedades e nervosismo e, por assim dizer, fragilizado. São essas as informações que deixaram Clarinha impressionada visto que, em casos semelhantes confessa sentir também certos incômodos.

Em consonância com o Diário de Clarinha, transcrevemos outro sonho (2008, p.33):

Sonhei durante o dia e fiz uma viagem interessantíssima. Visitei uma comunidade com poucas casas. Hospedei-me numa delas e, no período da tarde sentei-me na varanda para descansar do almoço. De repente, vi ao longe, uma lagoa azul cercada de árvores por todos os lados. Do interior daquela paisagem, surgiram como por encanto duas jovens, vestidas de branco e, ambas portavam lindas flores. No alto dos cabelos, verdadeiras grinaldas. Ambas carregavam nos braços uma enorme peneira artesanal montada com fibras de palhas nativas. Elas se posicionaram diante do lago e colocaram a peneira dentro da água. E eis que de repente presenciei dois peixes de prata a se movimentarem no centro da peneira. No caso, os seus movimentos evidenciavam que estava entranhando aquele espaço como um seguimento do seu habitat natural. De repente, indaguei ao meu eu superior do que se tratava. E em tempo a minha voz interior respondeu prontamente sobre o significado do meu sonho arquetípico. ‘Nunca dê os peixes a alguém, ensine-o a pescar’.

Vale registrar outro sonho que aconteceu numa noite de verão, no princípio de 2009, que nos deixou impressionadas e preocupadas, como sendo uma mera coincidência. Um sonho com um cenário parecido com um cemitério do tipo “Jardim da Saudade<sup>31</sup>”, terreno plano e todo ajardinado com as mais belas flores do Universo. Clarinha adentra na morada dos mortos, observa os mínimos detalhes daquele espaço e, num dado momento, dirige-se a um ponto do cemitério. Neste local, percebeu uma saliência na grama, que se movimentava assustadoramente, e do seu interior emerge uma ‘salmoura sanguinolenta’. Clarinha percebeu uma pulsação na saliência da grama similar aos batimentos cardíacos de um ser humano.

No dia seguinte Clarinha sonhou novamente. Esse sonho perturbou tanto a amiga que ela resolveu falar aos seus familiares e já premonitando: “Tive um sonho estranho durante três noites seguidas e tudo indica que vai morrer alguma pessoa de nossa família” (Clarinha, 2008, p.33). A partir daí, os seus familiares ficaram atentos àquelas mensagens e imaginaram bons dias para que nada ocorresse de ruim com eles. O certo é que depois de alguns dias o esposo de Clarinha recebeu um telefonema avisando que uma prima dele tinha sofrido um Acidente Vascular Cerebral (AVC) e por conta da gravidade do caso, veio a óbito.

---

<sup>31</sup> Este cemitério localiza-se na cidade de Salvador, no bairro de Brotas.



#### 4.4.6 Os Sonhos e os Eventos Sincronísticos

Nos capítulos anteriores discorremos sobre a sincronicidade e para ilustrar estes textos inserimos uma vivência da amiga que se assemelha a um evento sincronístico: Em Maio de 2009, Clarinha procurou fazer uma cura quântica através do método Reikiano (incluindo meditação e movimentos respiratórios) e cai no ‘vazio’.

Neste processo, ela sai do seu corpo físico e viaja pelos espaços siderais. Adentra num palácio ricamente adornado com uma pomba na mão. Na sua mente sutil, um forte pensamento surgiu em buscar a sua consciência. A decoração do ambiente tinha as tonalidades do “ouro velho” e do “vermelho escarlate”. No interior daquele palácio, encontrava-se uma Imperatriz a esperá-la, ricamente vestida e coberta de jóias, da cabeça aos pés. Da porta principal até a Imperatriz, Clarinha caminhou durante horas, sobre um tapete vermelho, mantendo-se ereta para não fugir das normas e do ritual daquela casa ancestral. Quando a amiga chegou diante dela colocou a pomba nos seus braços. No curto espaço de tempo, esta pomba foi se multiplicando em milhares dela e sutilmente alcançando os seus vãos pelas laterais dos nossos corpos em direção ao firmamento. Depois dessas intensas revoadas a pomba voltou pros braços de Clarinha. Como num passe de mágica tornou-se a própria Imperatriz, isto é, Clarinha introjetou-se nela, tornando-se individualizada ou o mesmo que dizer uma única pessoa dentro da sua unicidade própria.

Depois deste processo, Clarinha voltou a ser Clarinha novamente, dentro da sua inteireza. Com a sua pomba nas mãos foi visitar as demais dependências do palácio. Nossa amiga presumiu que no interior desse palácio havia várias escadas, pois quando olhou para o alto das paredes presenciou imensas varandas, com um grande número de anjinhos, todos sorridentes, arremessando flores para ela, que em estado de pleno deslumbramento acorda.

No dia seguinte, ela nos confidencia este sonho com riquezas de detalhes. Coincidentemente a este evento e na mesma semana, Clarinha foi convidada para o lançamento do livro de um amigo. Ao aproxima-se da mesa onde a obra estava exposta percebe que a capa do livro fora uma tela elaborada pelo artista plástico Babalú<sup>32</sup>, cuja mensagem surreal retrata a figura de uma pomba sobrevoando a imensidão do oceano ricamente adornado por peixes e corais. Este

---

<sup>32</sup> Babalú foi um artista plástico falecido em 06 de janeiro de 2008. Uma figura humana, mensageiro da Luz Divina, solidário e praticante da amorosidade.

motivo é a representação surreal da obra de arte deste artista plástico, já falecido. O sonho de Clarinha ‘bateu em cheio’ com as motivações que a levaram àquele evento espetacular, o lançamento do livro do seu amigo, cujo teor das mensagens versa sobre o existir do ser humano em busca do conhecimento.

A partir destas considerações sobre os arquétipos, concluímos que o psiquiatra suíço Carl Gustav Jung, foi o pioneiro nas pesquisas dos sonhos e/ou dos seus significados para o inconsciente de um ‘ser pensante’. Em suas memórias, ele pontuou que esse material onírico é responsável pelo equilíbrio das energias físicas e mentais das pessoas. E repetindo mais uma vez um conceito Junguiano, na íntegra a visão geral do psiquiatra alusiva ao ato de sonhar enquanto adormecidos e/ou acordados.

O sonho é uma porta estreita, dissimulada naquilo que a alma tem de mais obscuro e íntimo; essa porta se abre para a noite cósmica original, que continha a alma muito antes da consciência do eu e que perpetuará muito além daquilo que a consciência individual poderá atingir. Pois toda consciência do eu é esparsa; distingue fatos isolados, procedendo por separação, extração e diferenciação; só o que pode entrar em relação com o eu é percebido (JUNG, 2006, p.496).

## 5 CONCLUSÃO

Nesta monografia nós pesquisamos a fenomenologia paranormal vivenciada por Clarinha, por acreditar na sua idoneidade moral, transparência e capacidade individual criativa. E, igualmente, como ser humano dentro da ‘realidade psicofísica’ e parte integrante da trilogia universal, enquanto ‘alma’, ‘mente’ e ‘corpo físico’.

As vivências sobre as suas PES, objeto das nossas análises e as concepções aqui referidas, são os ‘pilares’ que guiaram os estudos acadêmicos sobre esta fenomenologia.

O exemplo do que ocorreu com Jung, a vida de Clarinha tem sido marcada por sérios sentimentos subjetivos, cujos mistérios envolvem o ‘sobrenatural’ e nos submetem a uma série de questionamentos e indagações. Oferece um sem número de elementos de ‘estudos e reflexões’ em relação ao seu caminhar ‘sutil’ pelos caminhos sagrados e à sua ‘realidade psicofísica’, como ‘ser pensante’ e artífice desta história.

Nossa pesquisa procurou revelar ao público um ‘estudo revolucionário’ que, através da análise de eventos paranormais sobre a ótica da Psicologia Analítica, evidencia um arsenal de conteúdos psicológicos que, possivelmente, ainda poderão ser submetidos a apreciação das teorias do conhecimento.

A nossa proposta como confidente e amiga de Clarinha é submeter às apreciações dos cientistas este estudo revolucionário sobre as suas PES, como um importante ‘transformador’ de paradigmas ao narrar de modo claro e sutil as histórias extraordinárias da ‘riqueza’ do seu psiquismo. Queremos lançar ao mundo e ao Universo o ‘desafio’ para a ciência como conhecemos, a de nos ajudar a respeitar e compreender a verdadeira natureza destas ‘experiências anômalas’.

Os resultados das análises sobre as subjetividades de Clarinha com as de Jung evidenciam que é possível estabelecer um novo nível de diálogos entre os planos das teorias do conhecimento e o mundo dos espíritos. O conteúdo acadêmico desta monografia, associado aos fundamentos Junguianos nos possibilitaram ‘notáveis descobertas’ que, por assim dizer, aliam ‘vivências pessoais’ e ‘experimentos científicos’, revelando e eliminando ‘tabus’.

O avanço no estudo da paranormalidade, enquanto modalidade científica mostra que ela ‘existe’ diante das provas ‘excitantes e irrefutáveis’ nas intuições exacerbadas da nossa amiga, nas viagens astrais, premonições, sonhos recorrentes, precognições, telepatias e eventos de efeitos psicocinéticos. O que nós chamamos nos dias atuais de ‘realidade’ é muito mais ‘mágico e estimulante’ do que sonhamos, é um conhecimento “extraordinário” que derruba as muralhas daqueles intelectos ‘lógicos e frios’.

## REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, A.R.B. **Psicologia das Religiões**. In: Antologia das Religiões Comparadas. Módulo ministrado por Vera Deccó, no curso de Pós-Graduação do Grupo Omega de Estudos Holísticos e Transpessoais da Bahia, 2009.
- ARGOLLO, D. **Jung e a Mediunidade**. Salvador: Editora Fundação Lar da Harmonia, 2004.
- Bíblia Sagrada**. São Paulo: Editora Paulus, 1990.
- BAKER, M. Y. **Jesus, o maior psicólogo que existiu: como os ensinamentos de Cristo pode nos ajudar a resolver os problemas do cotidiano e aumentar nossa saúde emocional**. Rio de Janeiro: Sextante, 9ª edção, 2005.
- BRENNAN, B.A **Luz Emergente: a jornada da cura pessoal**. São Paulo: Editora Cultrix, 2006.
- CAIRO, C. **Linguagem do Corpo: beleza e saúde**. São Paulo: Mercuryo, vol.2, 2001.
- CALVIN, S. H; NORDBY, V. J. **Introdução à Psicologia Junguiana**. São Paulo: Editora Cultrix, 8ª Editora, 2005.
- CAMPOS, Hélio. **Textos Preparados Para Os Encontros à Sombra do Imbuzeiro: Grupo de Estudos Sobre a Realidade Psicofísica**. Instituto de Física, UFBA, 2008.
- \_\_\_\_\_. **Em busca do Conhecimento: sobre antigas lições, ciência moderna e energia sutil**. Salvador: Edufba, 2009.
- CHAUÍ, M. **Introdução a História da Filosofia: dos Pré-Socráticos a Aristóteles**. São Paulo: CIA das Letras, 2002.
- CLARINHA. **O Diário de Clarinha: um vivenciar sutil enquanto realidade psicofísica**. Bahia, 2008.
- CHEMAS, R. C. **Psicopatologia e Diagnóstico Diferencial**. Módulo ministrado no curso de Pós-Graduação do Grupo Omega de Estudos Holísticos e Transpessoais da Bahia, 2008.
- CHOPRA, D. **O livros dos Segredos: descobrindo dimensões ocultas da vida**. Rio de Janeiro: Rooco, 2005.
- DETHLEFSEN, T.; DAHLKE, R. **A Doença como Caminho: uma nova visão da cura como ponto de mutação em que um mal se deixa transformar em bem**. 8ª Edição São Paulo: Cultrix, 2007.
- FERREIRA, A. L.; BRANDÃO, E. C.; MENEZES, S. **Psicologia e Psicoterapia Transpessoal: caminhos de transformação**. Recife: Editora Comunigraf, 2005.
- FREUD, S. **A Interpretação dos Sonhos**. Rio de Janeiro: Imago, 2001

GAARDER, J. **O Mundo de Sofia: romance na história da filosofia.** São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

GOSWANI, A. **O Universo Autoconsciente: Como a Consciência Cria o Mundo Material.** São Paulo: Aleph, 2007.

\_\_\_\_\_. **A Física da Alma: a explicação científica para a reencarnação, a imortalidade e experiências de quase-morte.** São Paulo: Aleph, 2ª ed., 2008.

GROF, Stanislav. **Psicologia do futuro: lições das pesquisas modernas da consciência.** Niterói: Heresis, 2007.

GUERRA, T. **Crianças Índigo: uma geração de ponte com outras dimensões do planeta índigo da Nova Era.** São Paulo: Madras Editora LTDA, 2ª ed., 2004.

HALL, J. A. **Jung e a Interpretação dos Sonhos: manual de teoria e prática.** São Paulo: Cultrix, 2007.

HAY, L. L. **Médico cura-te a ti mesmo.** In: Curar, Curar-se. TARCHER, J.P. São Paulo: Cultrix, 1989.

HELLINGER, B. **Religião, Psicoterapia e Aconselhamento Espiritual.** São Paulo: Cultrix, 2005.

INCE S. D; KINNEY, C. D; LEWIS, S.; MURPHY, P. M. **Mistérios do Desconhecido: No Mundo dos Sonhos.** Rio de Janeiro: Abril Livros, 1992.

JUNG, Carl Gustav. **A Prática da Psicoterapia.** Rio de Janeiro: Vozes, 10ª ed., 2007.

\_\_\_\_\_. **Memórias, Sonhos, Reflexões.** Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2006.

\_\_\_\_\_. **Energia Psíquica.** Rio de Janeiro: Vozes, 9ª ed., 2007.

\_\_\_\_\_. **O Eu e o Inconsciente.** Rio de Janeiro: Vozes, 1991.

\_\_\_\_\_. **Sincronicidade.** Rio de Janeiro: Vozes, 15ª ed., 2007.

\_\_\_\_\_. **O Espírito na Arte e na Ciência.** Rio de Janeiro: Vozes, 4ª ed., 2007.

\_\_\_\_\_. **O Homem e Seus Símbolos.** Rio de Janeiro: Editora nova fronteira, 1964.

\_\_\_\_\_. **Os Arquétipos do Inconsciente Coletivo.** Rio de Janeiro: Vozes, 5ª ed., 2007.

\_\_\_\_\_. **O Símbolo da Transformação da Missa.** Rio de Janeiro: Vozes, 4ª ed., 2007.

\_\_\_\_\_. **O Desenvolvimento da Personalidade.** Rio de Janeiro: Vozes, 9ª ed., 1986.

\_\_\_\_\_. **Psicologia e Religião.** Rio de Janeiro: Vozes, 7ª ed., 2007.

\_\_\_\_\_. **A Psicologia do Inconsciente.** Rio de Janeiro: Vozes, 17ª ed., 2007.

\_\_\_\_\_. **Ab-reação, Análise dos Sonhos, Transferência.** Rio de Janeiro: Vozes, 6ª ed., 2008.

LELUP, J. V. **O Corpo e seus Símbolos: uma antropologia essencial.** Rio de Janeiro: Editora Vozes, 15ª ed., 2008.

LEVEY, J; LEVEY, M. **O Poder da Meditação: um manual para o bem-estar e o relaxamento.** Rio de Janeiro: Editora Nova Era, 2ª ed., 2004.

MAYER, E. L. **Paranormalidade um Conhecimento Extraordinário: uma nova visão da ciência sobre os inexplicáveis poderes da mente humana.** São Paulo: Cultrix, 2009.

MASQUELIER, Y. T. C. G. **Jung: A Sacralidade da Experiência Interior.** São Paulo: Editora Paulus, 2ª ed., 2005.

MARAUSHA, R. **Salmos do Sucesso na Vida: você pode programar o seu futuro.** Minas Gerais: Editora Leitura, 52ª ed., 1983.

MIDDELKOOP, P. **O velho Sábio: cura através de imagens internas.** São Paulo: Paulus, 1996.

MCLYNN, F. **Carl Gustav Jung Uma Biografia.** Rio de Janeiro: Editora Record, Edição, 1996

NICOLA, U. **Antologia Ilustrada de Filosofia: Das origens à idade moderna.** São Paulo: Editora Globo, 2005.

NICHOLIS, S. **Jung e o Tarô: uma jornada arquetípica.** São Paulo: Cultrix, 2007.

KARDEC, A. **O Evangelho Segundo o Espiritismo.** São Paulo: Editora IDE, 310ª Edição, 2005.

RADIN, D. **Mentes Interligadas: evidências científicas da telepatia, da clarividência e de outros fenômenos psíquicos.** São Paulo: Editora Aleph, 2008.

RINPOCHE, S. **O Livro Tibetano do Viver e do Morrer.** São Paulo: Editora Talento, 10ª edição, 2007.

SILVEIRA, Nise. **Jung: Vida e Obra.** Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 16ª Edição, 1997.

YOUNG, P.; DAWSON, T. **Manual de Cambridge para Estudos Junguianos.** Porto Alegre: Artmed, 2002.

SALLIS, V. D. **Mitologia Viva: aprendendo com os Deuses a Arte de Viver e Amar.** São Paulo: Editora Nova Alexandria, 2003.

SOBRAL, J. H. F. **Nos Domínios da Paranormalidade.** São Paulo: DPL, 1999.

BÔAS, A. C. **O Cristianismo e os Essênios.** Salvador: Bureau, 2004.

VON FRANZ, M. **O Caminho dos Sonhos.** São Paulo: Cultrix, 1990.

WALSCH, N. D. **Conversando com Deus: um diálogo sobre os maiores problemas que afligem a humanidade.** Rio de Janeiro: Ediouro, Livro I, 20ª edição, 2002.

WILBER, K. **O Espectro da Consciência.** São Paulo, Ed. Cultrix, 1996.

\_\_\_\_\_. **Uma Breve História do Universo: de Buda a Freud – religião e psicologia unidas pela primeira vez.** Rio de Janeiro: Editora Nova Era 3ª Edição, 1996.

WOOLGER, J. B; WOLLGER, R. J. **A Deusa Interior: um guia sobre os eternos mitos femininos que moldam nossas vidas.** São Paulo: Cultrix, 2007.

WOLLGER, R. J. **As Várias Vidas da Alma: um psicoterapeuta junguiano descobre as vidas passadas.** São Paulo: Cultrix, 1987.